

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

# A BIRMÂNIA ATÉ 1950:

DESAFIOS E LEGADO HISTÓRICO

AUTOR: ERIK HEREJK RIBEIRO

ORIENTADOR: PROFESSOR DR. JOSÉ MIGUEL QUEDI MARTINS

PORTO ALEGRE

2012

Erik Herejk Ribeiro

# A BIRMÂNIA ATÉ 1950:

DESAFIOS E LEGADO HISTÓRICO

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação em Relações Internacionais, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como quesito parcial para a obtenção do título Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. José Miguel Quedi Martins

Porto Alegre, 2012.

## Agradecimentos

Agradeço primeiramente aos meus pais Ana e José Milton por todo o amor, compreensão e sinceridade que alguém pode dar a um filho. Sem luta e dedicação de vocês nada disso teria sido possível, só tenho a agradecer pela capacidade de me fazer sonhar. Não menos importante é a gratidão pela presença de outras duas mulheres maravilhosas na minha vida: minha madrinha Cecília e minha namorada Daniela. É quase impossível me imaginar sem a presença e o apoio delas ao longo dos anos. Espero estar ao lado destas pessoas que amo por muitos e muitos anos, retribuindo todo o carinho que puder e construindo minha vida ao lado da Daniela.

Sou grato também ao professor José Miguel por ser meu pai acadêmico, aquele que me motivou a estudar e me fez crescer intelectualmente muito mais do que eu poderia imaginar. Obrigado por me apresentar o mundo fantástico dos estudos sobre a Ásia e ser tão paciente e cooperativo com todos nós, seus alunos. Credito ao professor José Miguel a ajuda com *insights* valiosos e eximo-o de eventuais falhas que este trabalho possa ter. Não poderia deixar de citar as valorosas aulas do corpo docente da UFRGS, em especial do professor Paulo Vizentini e do professor Cepik. Agradeço também à Universidade Federal do Rio Grande do Sul por proporcionar todos os recursos necessários à minha formação.

Agradeço a meus caros colegas Rômulo, pelo grande apoio na formulação deste trabalho, e Bruno Magno, pelo auxílio nos momentos finais. Também sou grato por ter feito valorosos amigos que espero não perder de vista, incluindo meus colegas Nilton e Marcelo Kanter, entre tantos outros. Não deixaria de mencionar as discussões com meu guru acadêmico João Chiarelli, um dos importantes incentivadores do meu trabalho.

Por fim, deixo minha saudação a Mianmar, que é certamente um país incrível. Mesmo estando do outro lado do mundo, me senti em momentos deste trabalho como se estivesse às margens do Rio Irrawaddy, observando pagodas e plantações de arroz. Deixo também minhas mais sinceras esperanças de união e solidariedade para todos os povos do país.

## Resumo

O presente trabalho tem por finalidade analisar o legado histórico e os desafios para a Birmânia até o ano de 1950. A hipótese principal é que a origem das instituições nacionais e da instabilidade do país tem raízes no período analisado (1886-1950). O objetivo da pesquisa é identificar, a partir da hipótese sugerida, as principais ameaças à soberania da Birmânia, atual Mianmar. Para isso será necessário analisar tanto as origens de suas instituições e conflitos internos (políticos e étnicos) quanto suas relações com as principais potências na região. Além disso, faz-se necessário atrair a atenção para uma região estrategicamente fundamental para as relações entre China, Estados Unidos e Índia, três dos principais parceiros do Brasil. As três seções são divididas de acordo com o período histórico analisado. O primeiro capítulo se dedica a demonstrar a importância do nascimento da nação Birmanesa e da sua submissão ao Colonialismo Britânico, levando ao surgimento de grupos nacionalistas mais radicalizados. O segundo processo analisado é a Segunda Guerra Mundial como fator desestabilizador da ordem colonial, colocando a Birmânia no jogo das Grandes Potências através da invasão Japonesa. Por fim, o pós-Guerra (1945-50) trouxe conflitos e instabilidade a um país já dividido por diferenças étnicas entre os Birmaneses e as minorias. Neste período, as intervenções externas foram derivadas da Revolução Chinesa e do início da Guerra Fria, tendo papel fundamental na acentuação do conflito.

Palavras-chave: Birmânia, Mianmar, Sudeste Asiático, Conflito étnico, Descolonização, Relações Internacionais da Ásia, Segunda Guerra Mundial

## **Abstract**

This study aims to analyze the historical legacy and the challenges to Burma until the year of 1950. The main hypothesis is that the origin of national institutions and of the country's instability has its roots in the period analyzed (1886-1950). The objective of the research is to identify, from the suggested hypothesis, the main threats to the sovereignty of Burma, now Myanmar. For this, it is necessary to analyze the origins of its institutions and internal conflicts (political and ethnic) as well as its relations with the major powers in the region. Moreover, it is necessary to draw attention to a region strategically crucial for relations between China, U.S. and India, three of the main partners of Brazil. The three sections are divided according to the historical period analyzed. The first chapter is devoted to demonstrating the importance of the birth of the Burmese nation and its submission to British Colonialism, leading to the emergence of nationalist groups more radicalized. The second process is examined World War II as a factor destabilizing the colonial order, putting Burma on the game of the Great Powers by invading Japanese. Finally, the post-War (1945-50) brought conflict and instability to a country already divided by ethnic differences between the Burmese and minorities. During this period, external interventions were derived from the Chinese Revolution and the early Cold War, greatly emphasizing the internal conflict.

Keywords: Burma, Myanmar, Southeast Asia, Ethnic Conflict, Decolonization, International Relations of Asia, World War II

## Sumário

<b>Introdução .....</b>	<b>9</b>
<b>1. O Colonialismo Britânico e a emergência do nacionalismo.....</b>	<b>15</b>
1.1 Os Impérios pré-coloniais .....	15
1.2 Do auge à decadência: As Guerras Anglo-Birmanesas (1824-1885).....	17
1.3 Colonização Britânica: A Birmânia no Raj (1886-1938).....	19
1.4 O nascimento do Dobamar Asiayone e do Myochit (1930-1940).....	22
1.5 Conclusões parciais .....	27
<b>2. A Segunda Guerra Mundial na Birmânia.....</b>	<b>32</b>
2.1 Os Thirty Comrades e a infiltração japonesa (1940-42) .....	33
2.2 A invasão japonesa e o governo independente (1942-43).....	35
2.3 Desdobramentos políticos da Guerra e a ofensiva dos Aliados (1943-45) .....	39
2.3.1 Dificuldades políticas: Stilwell x Chiang Kai Shek e Churchill .....	40
2.3.2 Os Chindits e a aliança com os Kachins.....	42
2.3.3 A decepção com Chiang Kai Shek e a vitória dos Aliados .....	43
2.4 A criação do AFPFL e a luta antifascista.....	46
2.5 Conclusões parciais .....	48
<b>3. Insurgência das minorias étnicas, forças políticas descentralizadoras e intervenção externa: as três ameaças à sobrevivência da Birmânia.....</b>	<b>51</b>
3.1 As intervenções britânicas no Sudeste Asiático .....	52
3.2 A luta pela independência .....	53
3.3 A morte de Aung San.....	57
3.4 A insurgência dos Karens: ameaça de desintegração da União .....	62
3.5 A insurgência comunista .....	65
3.6 A influência da Revolução Chinesa (1949).....	68
3.6.1 As relações com a China Popular.....	69
3.6.2 As relações com os Estados Unidos.....	70
3.7 Conclusões parciais .....	72

<b>Considerações finais .....</b>	<b>76</b>
As ameaças à soberania da atual Mianmar.....	77
A insurgência das minorias étnicas .....	78
Intervenção externa e o papel do ambiente regional para Mianmar.....	80
O Estado em Mianmar e a democratização.....	84
<b>Referências .....</b>	<b>87</b>
<b>Apêndice .....</b>	<b>92</b>

## **Lista de Quadros**

Quadro 1. Correntes nacionalistas do Dobamar Asiayone .....	31
Quadro 2. Relação entre conflitos internos e intervenção externa .....	57

## **Lista de Mapas**

Mapa 1. Grupos étnicos de Mianmar (por região).....	12
Mapa 2. Mapa de Mianmar .....	13
Mapa 3. A Birmânia em 1945 .....	14

## Introdução

A presente obra tem por finalidade identificar a herança histórica da Birmânia até 1950 para a atual Mianmar. A pergunta de pesquisa é: Por que o período histórico compreendido neste trabalho é relevante para Mianmar? A hipótese é que a origem das instituições nacionais, dos conflitos étnicos e das ameaças à soberania do país foram moldadas no período analisado (1886-1950). Partindo desta hipótese podemos caracterizar as ameaças à soberania de Mianmar em três categorias abrangentes: 1) a insurgência das minorias étnicas; 2) as forças políticas descentralizadoras e 3) a ameaça de intervenção externa.

O trabalho sobre Mianmar extrapola o interesse em relações bilaterais ou com a ASEAN<sup>1</sup>, pois o país tem papel fundamental na interação entre China, Estados Unidos e Índia. As três Grandes Potências são parte de qualquer projeto de inserção do Brasil no cenário internacional. Além disso, o Brasil vem constantemente se aproximando dos países do Sudeste Asiático através da assinatura do Tratado de Amizade e Cooperação da ASEAN (ratificado em 2012) e da ampliação de seus parceiros comerciais e políticos.

Mianmar enfrenta os mesmos desafios da época da independência, que implicam dificuldades intrínsecas a sua política externa e fragilizam a posição do governo. Ao longo deste trabalho é demonstrado como os desafios surgiram e por que eles influenciam a política em Mianmar até os dias atuais. A análise será predominantemente política e histórica, demonstrando a sucessão de conflitos e contradições da Birmânia até o período inicial do governo independente.

O primeiro capítulo versará sobre a colonização Britânica e a emergência dos movimentos nacionalistas, resgatando brevemente algumas características do Império pré-colonial da Birmânia. Para trazer uma análise mais ampla do período Real e colonial, foi utilizado o historiador nacional Thant Myint-U (2001). Como complemento valoroso de sua análise, a obra de Harris (1999) traz os elementos principais do Budismo no período, enquanto Callahan (2003) proporciona excelentes *insights* sobre o papel coercitivo do Estado Colonial. Para caracterizar os grupos nacionalistas, foram utilizadas as obras de Taylor (1976), Win (2008) e Min (2009), cada um focando a análise em uma determinada corrente.

---

<sup>1</sup> Associação das Nações do Sudeste Asiático.

Com relação à colonização Britânica, verificou-se que marcas profundas foram deixadas na população Birmanesa. Por um lado, a dominação econômica deixou os Birmaneses na base da pirâmide social, abaixo das classes médias Indianas e Chinesas e da pequena elite Europeia. Por outro, as minorias étnicas desfrutaram de relações especiais com os colonizadores, formando a base militar do Estado opressor. A política de submissão (e de rompimento com os valores locais) somada ao favorecimento das minorias favoreceu a supremacia do ultranacionalismo na política da Birmânia.

Deste capítulo também podemos retirar a formação dos grupos nacionalistas e alguns elementos germinadores dos conflitos internos da Birmânia. O nacionalismo Birmanês adquiriu três formas até o início da Segunda Guerra Mundial: o budismo conservador (U Saw e Ba Maw), o socialismo nacionalista (Aung San e U Nu) e o ultranacionalismo (Ne Win e setores do Dobamar Asiayone). Os dois últimos se amalgamaram por terem a mesma finalidade: libertar a Birmânia completamente dos laços coloniais. Por esse motivo é tão difícil encontrar trabalhos que diferenciem os dois projetos diametralmente opostos. Essa noção é importante para entendermos o papel da ditadura militar que tomou conta do país após 1962 e que aos poucos cede espaço aos militares nacionalistas (caso do Presidente Thein Sein) e aos partidos civis.

O segundo capítulo se aprofunda na Segunda Guerra Mundial e em seus desdobramentos. As obras de Mercado (2002) e Lebra (2010) nos auxiliam na compreensão dos planos do Japão para a Birmânia e do episódio do recrutamento dos Thirty Comrades através do serviço de inteligência do Minami Kikan. Para trazer uma visão mais ampla da Guerra utiliza-se Bayly e Harper (2004) e as habilidades descritivas e analíticas de Mclynn (2010). Ainda são utilizados diversos autores que promovem visões particulares da Guerra a partir das minorias, como Kratoska (2002), Hogan Jr. (1992) e Tucker (2001).

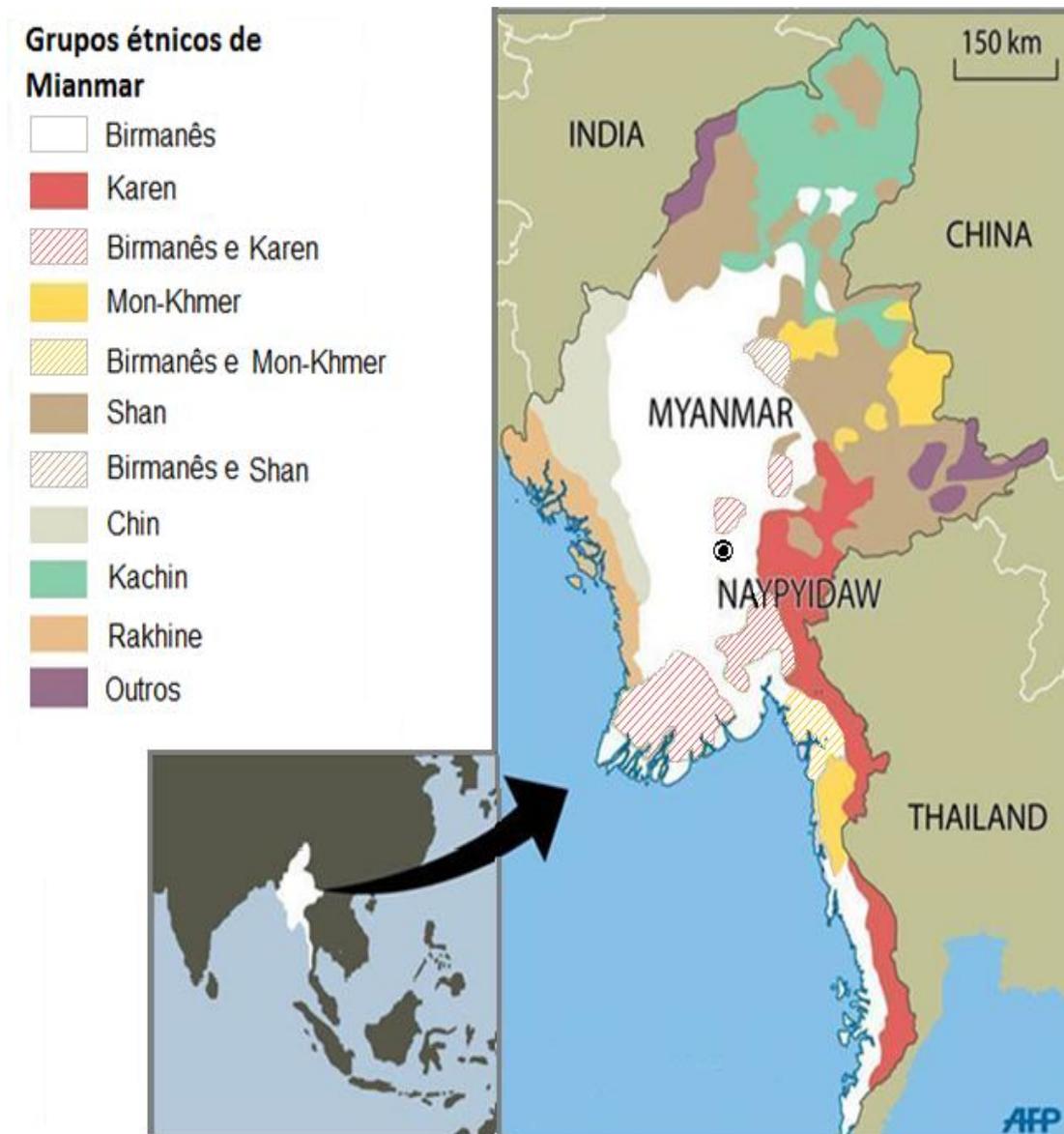
O conflito foi decisivo para a independência da maioria dos países do Sudeste Asiático, tendo a Birmânia como principal teatro na região. O país foi destruído e centenas de milhares de armas foram deixadas por ambos os lados da Guerra. Enquanto os comunistas e as minorias étnicas cooperaram com os Britânicos, os Birmaneses aproveitaram a invasão Japonesa para organizar o exército independente, aumentando a polarização interna. A intervenção externa também identificou pela primeira vez a importância estratégica da Birmânia para a China, através da Estrada da Birmânia. Além disso, o início das operações encobertas do Ocidente no país evidenciou que a sua independência seria marcada pelo jogo entre Grandes Potências.

O terceiro capítulo traz a definição das três principais ameaças ao Estado nacional, que foram herdadas do período 1945-50: as forças políticas descentralizadoras, o separatismo étnico e a intervenção externa. A base literária é composta pelo trabalho de Bayly e Harper (2010), que apresenta uma visão ampla da luta pela independência na Ásia Britânica, abordando a Índia e o Sudeste Asiático. Steinberg, (2010), Tucker (2001), Gravers (1999) e Pike (2010) apresentam *insights* importantes sobre o período que nos ajudam a compreender as intenções por trás dos fatos. Por fim, McCoy (1991) e Myoe (2011) trazem à tona uma das primeiras operações da CIA e o início da Guerra Fria na Birmânia.

Este é o período em que se materializam, de forma clara, as principais ameaças à soberania da Birmânia que vão orientar a evolução das instituições para responder aos desafios à soberania de Mianmar. A independência negociada entre Aung San e Clement Attlee, primeiro ministro britânico (1945-51), determinou a predominância da coalizão nacionalista sobre o budismo conservador e os comunistas. A partir da garantia de independência, finalmente ficaram claras as divisões entre as facções nacionalistas, resultando no golpe militar de 1962. Além disso, os conflitos étnicos resultaram no início dos movimentos separatistas, ameaça ainda presente na atual Mianmar. No âmbito externo, a Revolução Chinesa (1949) também impactou no ressurgimento das intervenções na Birmânia, através das operações da CIA e da invasão do Kuomintang.

Dessa forma, ao longo da pesquisa, pode-se identificar com clareza as três ameaças à soberania conforme a hipótese inicial do trabalho. A seção final procura estabelecer uma conexão destes desafios com a conjuntura atual, inclusive levantando uma agenda de pesquisa futura.

**Mapa 1. Grupos étnicos de Mianmar (por região)**



Fonte: AFP (adaptado pelo Autor). Original disponível em:

<http://www.thenewstribune.com/wp-content/uploads/2012/10/Map-Of-Mayanmar.jpg>

Mapa 2. Mapa administrativo de Mianmar



Fonte: Wikipedia. Disponível em:

[http://en.wikipedia.org/wiki/Administrative\\_divisions\\_of\\_Burma](http://en.wikipedia.org/wiki/Administrative_divisions_of_Burma)

Mapa 3. A Birmânia em 1945



Fonte: Ibiblio. Disponível em: <http://www.ibiblio.org/hyperwar/USA/USA-C-Burma45/maps/USA-C-Burma45-1.jpg>

## 1. O Colonialismo Britânico e a emergência do nacionalismo

O primeiro capítulo é uma breve análise histórica da Birmânia, com ênfase no colonialismo e no nacionalismo. O período analisado nesta seção inclui os Impérios pré-coloniais, as Guerras Anglo-Birmanesas e a colonização Britânica, se encerrando com a identificação dos movimentos nacionalistas. O objetivo é demonstrar as origens das ameaças à soberania nacional, sendo estas: os problemas étnicos, as forças políticas descentralizadoras e a intervenção externa.

Primeiramente é necessária uma contextualização da civilização Birmanesa, situando-a como um império importante da região, o que deu início a certo tipo de sentimento nacional. O choque imperial com a Grã-Bretanha gerou três guerras e a consequente anexação da Birmânia, que se tornou província da Índia. A colonização trouxe diversas mudanças na estrutura social do país, que era comandado por uma pequena elite europeia empresarial. O Estado colonial foi inundado pelas classes médias Indianas e Chinesas. Os Birmaneses foram subjugados até mesmo pelas minorias étnicas que compuseram a maior parte do exército local<sup>2</sup>. No interior do país houve a eliminação das elites agrárias, substituídas pelo empresariado britânico. O papel das lideranças budistas e dos monastérios foi relegado ao segundo plano e o Estado foi laicizado.

Os primeiros movimentos nacionais surgiram através do Budismo e logo se radicalizaram devido ao papel meramente coercitivo e eurocêntrico do Estado. A partir de 1930, as maiores correntes do nacionalismo jovem se consolidaram através da criação do Dobamar Asiayone (Associação dos Birmaneses). Desta associação surgiriam os principais grupos políticos da Birmânia independente, que disputariam entre si a supremacia de seus projetos nacionais.

### 1.1 Os Impérios pré-coloniais

Para analisar as relações internacionais no Sudeste Asiático, é necessário compreender que há um papel histórico de cada civilização envolvida na formação política da região. No caso da civilização birmanesa, cabe uma breve discussão que a

---

<sup>2</sup> A outra parte era composta por oficiais britânicos e soldados indianos.

relacione com o país herdeiro da região e de sua sociedade, ou seja, a Birmânia (atual Mianmar).

No período entre os séculos V e XV, a dinâmica regional do Sudeste Asiático continental<sup>3</sup> se dava através das *mandalas* (inspiradas nas relações entre os estados indianos), que representavam diferentes centros de poder. Na prática não havia administração central burocrática que unificasse os territórios como nos Estados Europeus, mas vários centros de poder que competiam pelas regiões tributárias. A China participava deste sistema como membro externo. Ela era o maior suserano, tendo como áreas tributárias o Império Khmer (atual Camboja), o Império Lan Xang (atual Vietnã) e o Império Lanna (atual norte da Tailândia).

Ao longo dos séculos, as civilizações da Birmânia e do Sião se configuraram como as maiores potências do Sudeste Asiático continental. Entre os séculos XVIII e XIX, suas dinastias, juntamente com a civilização Vietnamita (dinastia Nguyen), atingiram seu auge territorial (TARLING, 1994, p. 573).

A dinastia Konbaung era a representante da civilização birmanesa, caracterizada por um império guerreiro e expansionista. A dinastia foi responsável por anexar temporariamente a região do Sião (atual Tailândia) durante as Guerras Birmano-Siamesas (1759-60 e 1765-67) e por repelir quatro invasões da China Qing (1765-69). Após a tomada das principais cidades pelo exército birmanês, o Sião recebeu auxílio militar da China Qing, retomando o controle interno.

De fato, como apresentado anteriormente, o alcance territorial do governo imperial era limitado e muitas vezes apresentava-se como apenas uma esfera de influência sobre determinadas regiões. Durante a conquista colonial, muitas regiões foram incluídas como territórios oficiais pela primeira vez. É importante notar o papel importante que a civilização Birmanesa exerceu nos períodos anteriores à colonização nas relações do Sudeste Asiático continental. Ao conquistar o Sião em 1765, a dinastia Konbaung esteve perto de estabelecer a hegemonia no Sudeste Asiático continental, sendo impedida pela China Qing<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> Atualmente representado pelos territórios do Camboja, Laos, Malásia, Mianmar, Tailândia e Vietnã.

<sup>4</sup> Apesar da derrota militar, a China Qing interpretou o recuo da Birmânia como o reconhecimento da superioridade da China. Para a Birmânia, repelir a China significou que o país não se submeteu aos interesses de outra civilização, apesar de não concluir seu objetivo inicial.

## 1.2 Do auge à decadência: As Guerras Anglo-Birmanesas (1824-1885)

A Primeira Guerra Anglo-Birmanesa (1824-26) foi resultado do choque entre impérios entre a dinastia Konbaung e o Raj Britânico. A Segunda Guerra Anglo-Birmanesa ocorreu em 1852 por causa da expansão dos interesses comerciais Britânicos. A Terceira Guerra Anglo-Birmanesa em 1885 foi fruto da expansão da França na Indochina e da ameaça de cooptação do Reinado de Mindon, penúltimo Rei da Birmânia.

O primeiro movimento da dinastia Konbaung rumo a oeste foi a conquista de Arakan<sup>5</sup> (atual Rakhaing) em 1785, entrando em contato direto com a Índia Britânica. Devido a uma cisão no palácio real de Arakan, facções rivais pediram assistência ao Rei birmanês (THANT MYINT-U, 2001, p. 14). A partir de então, as tensões entre impérios só aumentaram, culminando com a sucessão da coroa birmanesa em 1817, quando o Rei Bagyidaw invadiu Manipur e Assam para derrubar os reinados pró-Raj, instalando governos aliados (THANT MYINT-U, 2001, p. 16).

Os partidários do expansionismo na corte birmanesa decidiram avançar rumo a Bengala Oriental. Os Britânicos então responderam enviando sua frota a Rangoon<sup>6</sup>, com um contingente mais bem armado e tecnologicamente superior. A derrota forçou os Birmaneses a aceitarem o Tratado de Yandabo em 1826, cedendo Manipur, Arakan e Tenasserim<sup>7</sup> e pagando uma indenização aos britânicos no valor de um milhão de libras esterlinas<sup>8</sup>.

Os Birmaneses não fizeram esforços para modernizar o exército e ainda mantiveram sua intransigência. Em resposta os Britânicos organizaram um bloqueio naval em dezembro de 1851, iniciando Segunda Guerra Anglo-Birmanesa, que teve como resultado a anexação da Baixa Birmânia. A anexação do litoral birmanês, incluindo a capital, foi um golpe fatal (THANT MYINT-U, 2001, p. 249). O Delta do Irrawaddy (Ayeyarwady) era a principal região produtora e escoadora de arroz,

---

<sup>5</sup> O Reino de Arakan sempre foi culturalmente muito semelhante aos Birmaneses e tinha um papel fundamental no comércio da Baía de Bengala voltado para as Índias.

<sup>6</sup> Atual Yangon.

<sup>7</sup> Atual Tanintharyi.

<sup>8</sup> A Primeira Guerra Anglo-Birmanesa (1824-26) foi a guerra mais custosa da história da Índia Britânica, totalizando quinze mil baixas no exército e custos de operação entre cinco e treze milhões de Libras Esterlinas (THANT MYINT-U, 2001, p. 19-20). Os impactos da Guerra foram sentidos nos dois países: se por um lado os Birmaneses tiveram que pagar uma indenização extremamente pesada, a Índia Britânica entrou em crise em 1833, levando à quebra das casas de comércio em Bengala que custaram à Companhia das Índias Orientais seus privilégios, incluindo o monopólio de comércio com a China (WEBSTER, 1998, p. 142-145).

reunindo centros urbanos e concentrando boa parte dos tributos. O Reinado de Mindon (1853-1878) percebeu o atraso de seu país frente aos europeus e promoveu reformas<sup>9</sup>. Ele promoveu acordos e casamentos arranjados com os governadores locais para manter a estabilidade nas fronteiras e procurou se integrar mais profundamente à economia mundial (THANT MYINT-U, 2001, p. 107-112). Mindon modernizou as forças armadas, burocratizou os ministérios, contratou técnicos europeus para o planejamento governamental e promoveu a industrialização. Também foram tomadas medidas para diminuir o poder político dos chefes budistas, buscando secularizar a educação e separar o Estado do clero budista (THANT MYINT-U, 2001, p. 112-125).

Com relação ao Budismo Teravada, é importante salientar que sua prática sempre foi tradicional na sociedade Birmanesa e representou o grande elemento de ligação entre os Birmaneses e várias minorias étnicas, que partilhavam dos mesmos valores e práticas sociais, dando alguma coesão à ideia de nação ainda em construção (HARRIS, 1999, p. 27). Como afirma Gravers, a identidade e cultura na Birmânia pré-colonial eram determinadas pela adoção do Budismo e pela proximidade da aliança com a dinastia governante. Ou seja, a convivência era baseada em uma escala hierárquica regional e os Birmaneses viam parte das minorias como iguais e não apenas bárbaros subjugados (GRAVERS, 1999, p. 21-22). Ainda durante as Guerras Anglo-Birmanesas, as minorias (especialmente os Karens) começaram a aderir ao Cristianismo e a auxiliar os Britânicos. A religião, neste contexto, passou a ter um caráter político inédito, numa espécie de “Guerra Santa” (GRAVERS, 1999, p. 24).

Apesar de alegar o não envolvimento na política, a Sangha, instituição maior do Budismo na Birmânia, tinha grande influência regional. Os chefes locais atuavam como líderes sociais, espirituais e judiciais. O Rei escolhia o chefe Budista, mas dependia de sua aprovação. A legitimação dos novos reis era concedida em um ritual no qual ele prometia proteger a Sangha (HARRIS, 1999, p. 28).

O custo da modernização de Mindon foi a crescente abertura comercial e dependência dos Britânicos, com quem o país passou a ter uma relação especial. Além disso, Mindon também assinou acordos comerciais com a França como forma de diminuir a influência da Grã-Bretanha. Para os Britânicos, conquistar o país não era tão importante pelos seus recursos, mas pela proximidade à China Interior, onde havia um

---

<sup>9</sup> Provavelmente pela influência do sucesso do Sião em manter-se independente. A Dinastia Chakri promoveu a liberalização comercial e assinou tratados com vários países europeus para fugir da anexação.

mercado potencial gigantesco. Tratados comerciais em 1862 e 1867 garantiam uma relação, na prática, de sujeito informal do Império Britânico.

Após a morte de Mindon, o governo sucessor de Thibaw não conseguiu retomar o controle da economia (e das receitas do Estado). A tensão entre os membros da realeza era permanente, assim como na dinâmica dinástica da Europa feudal. Thibaw era o filho mais novo de Mindon e promoveu o assassinato de 80 irmãos e irmãs para assumir o trono. As crises sucessórias eram bastante comuns e o fratricídio era prática usual para definir o novo Rei (TUCKER, 2001, p. 29). A prática foi herdada pela Birmânia independente, onde o principal grupo político ascendeu pela eliminação de seus concorrentes.

O colapso do Estado custou à Birmânia sua anexação pelo Raj Britânico em 1886, após a Terceira Guerra Anglo-Birmanesa. A vitória da Grã-Bretanha foi facilitada pelas revoltas no estado Shan e dos Karens, com a ajuda de missionários cristãos. Os Birmaneses creditam parte de seu destino indesejável à traição das minorias étnicas a partir deste período. O fracasso das reformas de Mindon traumatizou as futuras elites governantes com relação à abertura econômica e à modernização com dependência de capital externo. Para os Britânicos, a conquista da Birmânia facilitou o acesso às mercadorias asiáticas e também surgiu como ponto vital na defesa da Índia, sendo um *buffer* de contenção à China e à França (MYINT U, 2011, p. 78).

### **1.3 Colonização Britânica: A Birmânia no Raj (1886-1938)**

Em 1º de março de 1886, a Birmânia foi totalmente anexada ao domínio britânico das Índias, reunificando o país. O Estado implantado pelos Britânicos, diferente de outras colônias, tinha apenas a função de manter a ordem através da coerção e preservar a integridade econômica da pequena elite europeia. Sem um Rei para comandar os territórios e frear a influência regional dos monges budistas, os Britânicos foram obrigados a colocar a Birmânia sob o controle da Índia Britânica. A colonização suplantou as elites locais, promovendo uma pequena elite europeia e favorecendo as classes médias Indianas e Chinesas.

O poder econômico da nova Birmânia concentrava-se quase que totalmente nos capitalistas escoceses, donos das grandes companhias da época como a Steel Brothers (comércio de arroz), a Bombay Burmah Trading Corporation (madeira), a Burmah

Oil (petróleo) e a Irrawaddy Flotilla Company (maior transportadora fluvial do mundo na época) (THANT MYINT-U, 2011, p. 18).

A política regional sofreu inúmeras mudanças, desde a nova relação do Estado com o Budismo até o tratamento das minorias. Os ingleses preferiam manter distância das instituições religiosas das colônias. Com a morte de Sayadaw, o último chefe da Sangha, em 1895, a nova administração preferiu deixar o cargo vago. As estruturas estatais que sustentavam a Sangha foram eliminadas, deslegitimando os tribunais eclesiásticos (THANT MYINT-U, 2001, p. 210). Os monastérios também perderam seu papel de educadores das elites locais para as escolas seculares, mas nunca deixaram de exercer sua influência social (THANT MYINT-U, 2001, p. 241).

Da mesma forma, os chefes locais foram substituídos por burocratas do governo. Na prática, a colonização rebaixou as elites birmanesas, empregando burocratas indianos e empresários europeus em seu lugar (THANT MYINT-U, 2001, p. 215). Em contraste, o tratamento às minorias, como no caso do Estado Shan, foi de acomodação com os chefes hereditários, oferecendo autonomia em troca da exploração dos recursos naturais da região. A acomodação, no entanto, não era unanimidade entre as minorias e os Britânicos enfrentaram resistência dos chefes locais nas colinas de Chin e Kachin (CALLAHAN, 2003, p. 26). Além disso, houve disputa entre os Shans e os Britânicos pelo monopólio da produção de ópio<sup>10</sup> (MCCOY, 1991, p. 70).

A visão dos Britânicos, exemplificada por Crosthwaithe (comissário-chefe da Birmânia a partir de 1885), era de que a descentralização e burocratização do governo destruiriam a resistência birmanesa (THANT MYINT-U, 2001, p. 217). A atuação militar britânica no controle social influenciou profundamente o futuro governo independente. A historiadora Mary Callahan, por exemplo, afirma que: “Essas falhas em estabelecer um policiamento local efetivo criaram o padrão de aplicação da lei que persiste até hoje: Quando os assuntos locais fogem à ordem, o Estado envia os militares<sup>11</sup>.” (CALLAHAN, 2003, p. 30).

O exército local foi totalmente remodelado. As tropas de ocupação inglesas e indianas foram substituídas progressivamente por minorias étnicas e por novos imigrantes indianos. Os antigos oficiais e nobres Birmaneses se retiraram da vida

---

<sup>10</sup> Não era interesse britânico expandir a produção do ópio na Birmânia, pois os negócios lícitos europeus poderiam ser afetados. O negócio do ópio se expandiu somente com a entrada da CIA e do Kuomintang na Birmânia na década de 1950.

<sup>11</sup> “These failures to establish effective local policing set the pattern of law enforcement that persists to today: When local affairs get unruly, the state sends in the military.” Tradução livre do Autor.

pública, sendo privados dos privilégios Reais. Em 1887 o recrutamento de Birmaneses foi banido e substituído pelos recrutas das etnias Karen, Chin e Kachin. (THANT MYINT-U, 2001, p. 211).

No interior, houve profundas mudanças na estrutura agrária. Boa parte das terras foi estatizada e o governo começou a cobrar impostos sobre a propriedade e sobre o lucro. A tentativa foi de extinguir as classes aristocráticas do campo e promover o modo de produção agrícola britânico (THANT MYINT-U, 2001, p. 244). Com relação aos estados fronteiriços e minorias, o governo colonial relaxou totalmente as políticas tributárias, tornando a soberania meramente nominal (THANT MYINT-U, 2001, p. 235). O controle dessas regiões ficou ao encargo da Frontier Areas Administration (Administração das Áreas de Fronteira), que seria um dos principais apoiadores das minorias durante o processo de negociação da independência da Birmânia.

A imigração indiana para a Birmânia fez com que cidades como Rangoon, a nova capital mercantil, fosse o porto que mais atraía imigrantes no mundo na década de 1920, superando Nova York e tornando os birmaneses étnicos em “minorias” na capital (THANT MYINT-U, 2011, p. 19). O contato com os Indianos provocou uma série de choques culturais e sociais. Havia estranhamento quanto à sociedade de castas, somado à migração massiva em Rangoon e à penetração econômica dos indianos no setor financeiro (THANT MYINT-U, 2001, p. 253). Os níveis de interdependência e imigração chegaram a níveis altíssimos. A população da capital Rangoon era composta de cerca de 200 mil Indianos, 200 mil Chineses e apenas 100 mil Birmaneses (WIN, 2008, p. 4).

A colonização trouxe, além da liberalização e abertura comercial, uma mudança na pirâmide social birmanesa. No topo estavam os Europeus, que eram grandes empresários ou altos funcionários do governo; já as classes médias eram compostas por imigrantes indianos, que se dividiam entre burocratas, agiotas e comerciantes, e também por comerciantes chineses; a grande maioria dos Birmaneses se encontrava na base da pirâmide (WIN, 2008, p.3).

O colonialismo deixou marcas profundas nas mentes dos Birmaneses, que passaram a aceitar passivamente a dominação Britânica e Indiana, se tornando meros servos em seu próprio país. Esse efeito psicológico tinha relação com o Budismo Teravada, que acreditava no *karma* das pessoas, ou seja, que todo o sofrimento vinha de uma vontade divina e que aquele que aceitasse seu destino seria recompensado um dia (BAYLY e HARPER, 2010, p. 268).

Materialmente o dano se deu pelo saqueio dos recursos naturais do país pelas empresas estrangeiras e pela reforma agrária, que estatizou as terras e tornou os Birmaneses vassalos do governo. Estima-se ainda que 75% dos camponeses locais estivessem seriamente endividados, enquanto um terço deles havia perdido suas terras para os Chettyars Indianos (GRAVERS, 1999, p. 33).

No interior a Sangha perdeu seu papel como elemento de coesão e de regulação da sociedade. As minorias étnicas desfrutaram de ampla autonomia, muitas vezes desfrutando de relações especiais com os Britânicos, como o caso dos Karens que foram cristianizados por missões europeias. A introdução de um poder estrangeiro e do Cristianismo romperam com o equilíbrio entre o “sagrado” e o “profano” da tradição budista, tornando o Budismo uma espécie de religião pagã e inferior à religiosidade ocidental (GRAVERS, 1999, p. 23).

Mais do que isso, o principal resultado da colonização foi a completa destruição e rejeição do modo de vida na Birmânia pelos Britânicos (em especial pelo Cristianismo). A violência tanto na pacificação do país quanto na coerção social é resultado da negação da sociedade budista. Os Britânicos impuseram seus valores éticos, sua cultura e seu modo de produção à população, além de rejeitarem qualquer influência social da Sangha (deixando-a, inclusive, sem líder). A xenofobia presente na política birmanesa é derivada em parte da destruição dos valores e da organização social advindas do Budismo (GRAVERS, 1999).

Todos esses aspectos resultaram no início da resistência nacional através do Budismo, que sempre foi um elemento de poder regional contra o governo central. Nenhum governo conseguiu controlar o ímpeto dos monastérios, fosse ele Birmanês ou Britânico. Nos últimos anos, os monges budistas ainda representam uma ameaça descentralizadora ao governo, gerando inquietação social e protestos contra medidas pouco populares.

#### **1.4 O nascimento do Dobamar Asiayone e do Myochit (1930-1940)**

As principais forças políticas do país no início do século XX eram as elites ligadas ao regime colonial, mas novos movimentos políticos surgiam, como o YMBA (Associação Budista de Jovens), criado em 1906. A falta de controle sobre a autoridade budista dava espaço para que houvesse um núcleo politizado nos monastérios. (HARRIS, 1999, p. 30). Esse primeiro tipo de nacionalismo tentou unir os nativos

através da religião comum e da proteção da Sangha, que estava livre da influência e da repressão Britânica (HENSENGERT, 2005, p. 4).

Até 1930, o principal grupo político birmanês era o General Council of Burmese Associations<sup>12</sup> (GCBA), oriundo do YMBA, reunindo a elite anglófila nacional<sup>13</sup> e os monges mais influentes. Entretanto, as divisões no grupo, a crescente insatisfação da população com a ocupação Britânica (principalmente por causa da imigração indiana) e a Crise de 1929 abriram espaço para o crescimento de um novo grupo (ZAW SOE MIN, 2009).

Os principais movimentos nacionalistas da Birmânia surgiram através do Dobamar Asiayone (Associação dos Birmaneses) em 1930. O lema da associação se baseava em três princípios que deveriam ser respeitados e promovidos por quem vivesse no país: 1) A Birmânia é nosso país; 2) A literatura birmanesa é nossa e 3) A língua da Birmânia é a nossa língua<sup>14</sup> (ZAW SOE MIN, 2009, p. 109).

Após episódios de violência comunal entre Birmaneses e Indianos em Rangoon, no ano de 1930, os jovens organizadores do movimento divulgaram seu primeiro panfleto chamado “Série de Reformas Nº 1”<sup>15</sup>. A tentativa de se distanciar das antigas elites se expressava no nome. A palavra *Do* significa “nós” e também indica senso de coletividade e unidade; enquanto *Bamar* se refere às populações da Birmânia como um todo<sup>16</sup>, incluindo as minorias étnicas (ZAW SOE MIN, 2009, p. 111).

A diferenciação de outros movimentos também se deu pelo uso do termo *Thakin* (dono ou mestre) como prefixo do nome de seus participantes. *Thakin* era o nome dado a oficiais ou governantes imperiais e foi o título escolhido pelos Britânicos durante a colonização quando algum nativo lhes dirigisse a palavra (ZAW SOE MIN, 2009, p. 113). A ideia era fazer a população mudar seu pensamento de *Kyun Seit* (espírito de escravo) para *Thakin Seit* (espírito de mestre), tornando o Estado um servidor do povo e não o contrário.

---

<sup>12</sup> Conselho Geral das Associações Birmanesas.

<sup>13</sup> Ou seja, os poucos birmaneses que conseguiram ascender socialmente, estudando nas instituições de ensino coloniais.

<sup>14</sup> O primeiro item dizia respeito ao nacionalismo propriamente dito, enquanto o segundo criticava as elites anglófilas e o terceiro contrariava a superioridade indiana dentro do Raj Britânico.

<sup>15</sup> Nele estavam contidos os princípios citados anteriormente e recomendações para o auxílio mútuo entre Birmaneses, incluindo todas as regiões do país. Esse documento foi o responsável pela popularização do movimento nacionalista na sociedade e seu objetivo primário era reverter a submissão da população à supremacia Britânica, Indiana e Chinesa.

<sup>16</sup> Myanmar era, de acordo com a história ancestral do país, o Império Birmanês que subjugava as minorias (ZAW SOE MIN, 2009, p. 112).

É importante salientar que existe uma série de divergências quanto à abrangência e legitimidade dos jovens nacionalistas até a Segunda Guerra Mundial. A visão europeia trata os políticos birmaneses que agiam dentro do regime britânico como meros títeres dos Europeus. Entretanto, seu papel enquanto movimento nacionalista conservador não pode ser ignorado. Como afirma Taylor (1976), o caso de U Saw ilustra bem a tentativa das elites nativas de retomar gradualmente o controle do país. Foi através do apoio à primeira revolta dos camponeses (1930-32) que U Saw passou a figurar como um nome forte na ala reformista do governo.

Sob a pressão dos diversos grupos nacionalistas, os Britânicos aceitaram promover uma nova constituição (Government of Burma Act em 1935) e em 1937 separaram a Birmânia do Raj Britânico. Após a derrota nas eleições para o grupo conservador de Ba Maw<sup>17</sup>, U Saw buscou ajuda financeira dos Japoneses, sendo eleito primeiro-ministro em 1941 (TAYLOR, 1976, p. 175).

Saw criou o Myochit (Partido Patriótico) em 1938, que contava com o apoio dos empresários e agricultores birmaneses, que começavam a reemergir. Esses grupos tinham em U Saw um promotor dos interesses da elite local em detrimento dos Indianos e Britânicos. O Myochit ainda cultivava uma milícia chamada Galon Tat (TAYLOR, 1976, p. 167-68).

O Myochit e o Dobamar Asiayone disputavam influência dentro das universidades, se unindo contra o governo de Ba Maw. Os dois grupos organizaram duas greves estudantis em 1936 e 1938. A primeira foi causada pela expulsão de U Nu e Aung San da Universidade de Rangoon. Eles reivindicavam o ensino da cultura Birmanesa em detrimento da visão eurocêntrica das instituições de ensino coloniais. Os dois universitários iniciaram neste momento sua carreira política, tornando-se Thakins e aderindo ao Dobamar Asiayone. Começava neste momento a carreira de dois grandes líderes nacionais.

Em 1938, os Thakins lideraram a primeira greve geral, mobilizando estudantes, trabalhadores e camponeses, que passaram a ter organizações e sindicatos próprios (WIN, 2008, p. 8). A grande diferença entre U Saw e os Thakins era a disposição de formar coalizões para chegar ao poder<sup>18</sup>, pois os Thakins rejeitavam qualquer tipo de governo conjunto com os Britânicos.

---

<sup>17</sup> Que era financiado pelos capitalistas Indianos.

<sup>18</sup> Além da contraposição dos projetos conservadores e socialistas.

Os jovens nacionalistas tinham em mente que os eventos de 1930 e 1936-38 só não tiveram maior sucesso pela falta de preparo da população. A solução foi a formação legal do Partido Thakin em 1938 ao mesmo tempo em que se criava o People's Revolutionary Party (PRP) para coordenar ilegalmente a luta armada. Quando U Saw ascendeu ao governo em 1941, os Thakins se aliaram a Ba Maw.

A presença de U Saw no governo deslegitimou progressivamente sua imagem entre as massas. Ele declarou apoio aos Aliados na Segunda Guerra Mundial em 1940. Saw esperava o comprometimento de Churchill com a elevação da Birmânia a status de domínio ao final da guerra, mas a frustração da negociação o fez perder o apelo popular (TAYLOR, 1976, p. 177).

A questão sobre se tornar um domínio britânico foi importante para o destino da Birmânia. Por mais que pareça uma medida conservadora, considerada como “entreguista” pelos radicais, foi a conciliação com o Império Britânico que deu o apoio inicial do pós-Guerra às antigas colônias. Foram dedicados projetos de reconstrução para a Ásia, dentre eles o Plano Colombo. A maioria dos políticos do pós-Guerra acreditava que a Birmânia não estava pronta para a independência, mas as condições da população exigiam o rompimento imediato com a Grã-Bretanha, do contrário o país estaria exposto ao Comunismo.

Observando a ascensão de U Saw na política colonial, os Japoneses passaram a apoiar financeiramente Ba Maw e os Thakins. Aung San fez sua primeira viagem à Índia em 1940, se encontrando com Gandhi e Nehru. Como consequência, os Britânicos baniram o Partido Thakin. Em agosto do mesmo ano, Aung San viajou para Amoy na China, onde se encontraria com os Maoístas<sup>19</sup> (PIKE, 2010, p. 201). Lá foi interceptado a pedido do oficial de inteligência japonês Suzuki Keiji, responsável pela coleta de informações sobre a Estrada da Birmânia<sup>20</sup>. O teatro da Segunda Guerra Mundial na Birmânia começava a ser travado nos bastidores.

Para entendermos o papel do Dobamar Asiayone, dos Thakins e do nacionalismo radical, devemos compreender também suas vertentes internas. Esse grupo compreendia toda espécie de corrente política e ideológica que desejasse lutar contra a colonização Britânica. As contradições dos radicais ficariam expostas após a Segunda Guerra

---

<sup>19</sup> Essa versão dos fatos é contestada, o que se pode afirmar é que existiam alas que eram a favor da aliança com o Japão, enquanto outras preferiam aliança com a União Soviética e os Maoístas.

<sup>20</sup> A Estrada da Birmânia foi a principal rota de suprimentos dos Estados Unidos para a China durante a Segunda Guerra Mundial. Sua importância estratégica será abordada no segundo capítulo.

Mundial e levariam a três cisões: a expulsão dos comunistas do AFPFL<sup>21</sup> em 1946, a morte de Aung San em 1947 e a cisão nas eleições de 1958.

Essa aparente unidade dos Thakins fez com que a historiografia trabalhasse com visões diferenciadas sobre a figura de Aung San, por exemplo. A discrepância fica clara na comparação das análises entre Pike (2010) e Bayly e Harper (2010). Ambos atestam o papel central de sua liderança, mas divergem quanto a suas intenções.

Para Francis Pike, Aung San tinha grande admiração pelo totalitarismo europeu e nunca acreditou em uma democracia liberal. Para o autor, San era um oportunista que procurava de qualquer forma aumentar seu poder político (PIKE, 2010, p. 201). Já Bayly e Harper acreditam que o tom dos discursos do líder era de um democrata populista e socialista não doutrinário. Para eles, as manobras de Aung San, exemplificadas pelo “Blueprint for Free Burma”<sup>22</sup>, tinham como objetivo seduzir os Japoneses para ganhar apoio. Portanto, Aung San não seria um ultranacionalista, mas sim um hábil político que teve de fazer diversas alianças para tornar-se líder.

Isso fica ainda mais claro ao analisarmos a biografia de Aung San e de seus amigos mais proeminentes (U Nu e Than Tun). Ele nasceu no interior do país, filho de um advogado que se uniu à luta comunista. Seu pai morreu lutando contra os Britânicos e ele decidiu estudar na Universidade de Rangoon, passando em primeiro lugar no ano de 1933. Em seus primeiros anos na faculdade, se vestia com os *longyis*, trajes tradicionais birmaneses. Após liderar uma greve estudantil em 1936, foi expulso junto com U Nu, seu colega e melhor amigo. Readmitido por pressões populares, desistiu dos estudos para ingressar no Dobama Ye Tat, braço armado do Dobamar Asiayone, em 1938 (PIKE, 2010, p. 201).

Em agosto de 1939, ele fundou o Communist Party of Burma<sup>23</sup> (CPB), que seria comandado pelo seu cunhado Thakin Than Tun a partir de 1945 (HRUSCOV, N. e HRUSCOV, S., 2007, p. 761). O político mais próximo de Aung San era U Nu, que também era amigo de Than Tun na Universidade. U Nu foi o primeiro ministro que substituiu Aung San após sua morte, liderando a democracia parlamentarista birmanesa por dez anos. Ele foi um dos expoentes da Conferência de Bandung em 1955, liderando

<sup>21</sup> O AFPFL, Anti-Fascist People’s Freedom League, era uma frente nacionalista formada pelo Communist Party of Burma, pelo People’s Revolutionary Party e pelo Burma National Army. Basicamente era uma aliança interna dos Thakins entre os grupos jovens nacionalistas.

<sup>22</sup> No próximo capítulo será esclarecida a utilidade e autoria deste documento, que foi reivindicada por Dr. Maung Maung como sendo própria de Aung San. Entretanto, veremos que as obras do historiador viriam a apoiar a imagem de Ne Win como sucessor patriótico de Aung San, ou seja, adaptando a imagem do herói nacional para se adequar aos objetivos do regime militar.

<sup>23</sup> Partido Comunista da Birmânia.

o Movimento dos Não-Alinhados ao lado de Nehru e Sukarno até ser derrubado por Ne Win e pelas Forças Armadas, que instauraram um regime unipartidário socialista.

No terceiro capítulo será dedicada uma seção especial para a figura emblemática de Aung San. Seu nome ainda ressoa em Mianmar como o símbolo da promessa não cumprida de união e prosperidade de todas as etnias da antiga Birmânia. O forte culto à imagem de sua filha Aung San Suu Kyi é quase que totalmente dedicado ao legado de Aung San.

### **1.5 Conclusões Parciais**

A análise da sociedade Birmanesa e de suas relações internacionais até a Segunda Guerra Mundial nos permite chegar a alguns indicadores importantes. Com relação ao período pré-colonial, podemos observar que a herança das antigas dinastias conferiu um sentimento incipiente de nação. Frequentemente políticos atuais invocam o período imperial, quando a Birmânia esteve entre as áreas mais desenvolvidas da região. Diferente de outros países pouco desenvolvidos, Mianmar tem um importante histórico de autogoverno e por esse motivo não se pode incorrer no erro de qualificar suas elites como títeres de qualquer potência na região.

Por outro lado, o ambiente instável na política tem origem na prática fratricida das dinastias. Nações sem o mínimo aparato institucional correm o perigo de se desestabilizarem devido à violência entre elites. A falta de instituições modernas deve-se ao desinteresse britânico em organizar o país, dando importância a suas colônias mais prósperas (caso da Malásia). Boa parte da instabilidade política da Birmânia esteve na dificuldade de criar instituições sólidas e processos de mediação política. Por conta disso, após a garantia de independência em 1947, houve intensa divisão entre as facções oriundas do Dobamar Asiayone, resultando no fortalecimento das ameaças à soberania nacional.

Como primeiras ameaças externas, durante o período analisado neste capítulo, temos a China Qing e o Raj Britânico. No âmbito das relações internacionais do Sudeste Asiático continental, a China atuava como o garantidor do equilíbrio entre as civilizações. A dinastia Qing impediu que o Sião fosse anexado pela Birmânia, acabando com sua pretensão hegemônica. Atualmente, a China ainda é vista como a maior ameaça regional, em parte pelo seu papel histórico de intervenções na região. A colonização Britânica não foi planejada e estruturada como em outras regiões. O Estado

existia somente para garantir o andamento dos negócios e manter a segurança dos poucos Anglo-Birmaneses. A relação de dominação e de subjugação do Budismo tradicional foi tão forte que colocou os Birmaneses abaixo dos níveis mínimos de dignidade de um povo, enquanto nas outras colônias, parte das elites foi mantida e até apoiada pelos Britânicos (caso dos sultões na Malásia, por exemplo). Na Birmânia essas elites e classes médias foram substituídas por Indianos e Chineses<sup>24</sup>. Para piorar a situação, até mesmo as minorias étnicas<sup>25</sup> tinham um papel relevante no Burma Army (Exército Birmanês), fazendo parte das políticas de controle social.

Além da permanente humilhação, os monges budistas e os chefes locais foram substituídos por burocratas, destruindo o tecido social do interior do país. A ausência de um chefe para a Sangha significou o caos na ordem budista, causando a infiltração de grupos anti-Estado nos monastérios (AUNG THWIN, 2009, p. 11). Os níveis de criminalidade e banditismo aumentaram exponencialmente durante os primeiros anos da colonização, o que futuramente abriria espaço para as gangues e milícias. A partir da Campanha de Pacificação (1885-1890), as definições coloniais para crime e segurança interna colocaram monges, assassinos, traficantes e sindicalistas na mesma situação de inimigos do Estado. Essa definição persiste até hoje nas atividades de contrainsurgência do Tatmadaw<sup>26</sup>.

Ainda sobre as minorias, a política de cristianização e as relações especiais com os Britânicos, principalmente por parte dos Karens, foram o germe dos massacres e da violência comunal da Segunda Guerra Mundial<sup>27</sup>. Os Birmaneses acreditam que a colonização não teria sido possível sem a ajuda das minorias, que se revoltaram contra o Rei Thibaw durante o colapso do Estado. Ainda, após a chegada dos Britânicos, as minorias étnicas chegaram a acordos para apoiar a colonização, participando do exército e ampliando sua autonomia (TUCKER, 2001, p. 33). O conflito étnico foi resultado especialmente das políticas coloniais, pois, existia anteriormente uma hierarquia entre os povos da região, apesar das relações entre etnias nunca terem sido amistosas.

Por sua vez, os movimentos nacionalistas refletiam a rejeição dos Birmaneses à invasão estrangeira. O Myochit de U Saw tentou criar um nacionalismo moderado, mas

---

<sup>24</sup> Caso semelhante ao da Indonésia, onde a pirâmide social era composta por Javaneses, Chineses e Holandeses (PITT, 2011).

<sup>25</sup> As minorias eram consideradas como culturas e sociedades inferiores pelos Birmaneses, pois haviam se submetido ao comando do Rei antes da colonização. Muitas eram consideradas pelos próprios Britânicos como povos bárbaros e primitivos.

<sup>26</sup> Forças Armadas em Birmanês.

<sup>27</sup> Esta que, por sua vez, desencadeou a guerra separatista dos Karens após a independência.

foi barrado pela irredutibilidade de Churchill em negociar a transição para a independência. A história imperial foi somada à humilhação do colonialismo, dando origem ao nacionalismo radical. O chauvinismo da facção ultranacionalista do Dobamar Asiayone surgiria de seu militarismo e da influência japonesa. O Partido Thakin, oriundo do Dobamar Asiayone, tomaria as rédeas da política a partir de 1940, se aproveitando tanto dos interesses dos Japoneses quanto dos Aliados ao final da Guerra.

As origens dos Thakins também foram determinadas nesse período por forte influência do marxismo devido a seu conteúdo anticolonial. Além disso, o socialismo se consolidou como única corrente política do país, graças ao conteúdo ético igualitário do Budismo. A política na Birmânia se pautaria a partir de então por rivalidades dentro dos grupos socialistas, enquanto os comunistas seriam vistos como uma ameaça descentralizadora ao Estado Birmanês, frequentemente se associando a milícias regionais e à guerrilha<sup>28</sup>.

As contradições entre projetos não eram bem definidas e ainda não estavam consolidadas antes da Segunda Guerra Mundial. Entretanto não podemos negligenciar as origens dos grupos políticos quando chegarmos aos seus desdobramentos. Os Federalistas laicos e budistas (caracterizados por Aung San e U Nu, respectivamente), eram nacionalistas moderados com tendências de esquerda. Ambos tinham uma relação mais próxima e conciliatória com as minorias étnicas. Aung San assinou o Acordo de Panglong<sup>29</sup> em 1947 enquanto U Nu era respeitado por toda a comunidade budista (que incluía os Birmaneses e parte das minorias<sup>30</sup>). Os Ultranacionalistas também se diziam socialistas, eram liderados por Ne Win e pelo PRP, que futuramente se tornaria o partido único da Birmânia em 1962<sup>31</sup>. Este último ramo dos Thakins foi responsável pelo controle da luta armada e do exército, tendo relações mais próximas com o fascismo japonês.

Diferentemente dos fatos superficiais, a aliança entre os Thakins ruiu a partir do momento em que se definiram as bases para a independência com o AFPFL como grupo dominante. A morte de Aung San representa a resolução das rivalidades políticas internas através do assassinato, apesar da tentativa de culpar U Saw pelo crime. Portanto, a disputa política por poder pessoal e imposição de projeto de Estado surgiu

---

<sup>28</sup> Da mesma forma que na Índia, onde Nehru via os comunistas como criminosos. Essa noção é contrária ao papel do Maoísmo, por exemplo, de libertação da China através do Comunismo.

<sup>29</sup> Acordo de adesão de todos os estados à União, incluindo os maiores grupos étnicos, exceto os Karens, que foram apenas observadores.

<sup>30</sup> Em Mianmar, 90% da população praticam o Budismo.

<sup>31</sup> Sob o nome de Burma Socialist Programme Party (BSPP).

antes do caos e da insurgência e não por causa da instabilidade interna. Por conta disso, identifica-se que a disputa entre facções nacionalistas foi um dos elementos que se configuraram como ameaças à soberania. Essa conclusão é importante porque a eliminação de rivais dentro do AFPFL comprometeu tanto os projetos de governo central, como a mediação política entre os diversos grupos nacionalistas.

A cisão oficial do AFPFL só ocorreria em 1958, ocasionando a primeira intervenção militar. Essas contradições foram a sementeira interna para o complexo golpe de Estado em 1962 e outros desenvolvimentos nesse ínterim. Ou seja, o conflito político foi o principal motivador para a instauração da ditadura militar. Devido à proposta deste trabalho, a análise de alguns eventos pós-1950 será abordada apenas para facilitar o entendimento das questões que permeiam a obra e ajudam a entender a situação atual de Mianmar.

A aliança temporária dos Thakins levou a diferentes opiniões sobre onde buscar apoio. Alguns Thakins socialistas acenavam com a intenção de forjar um pacto com os Comunistas Chineses. Entretanto, a Segunda Guerra Mundial criou a possibilidade de alinhamento aos Japoneses e dessa cooperação nasceria o mito fundador da Birmânia moderna: os Thirty Comrades.

**Quadro 1. Correntes nacionalistas do Dobamar Asiayone**

<b>Projetos</b>	Federalismo laico	Federalismo budista	Ultranacionalismo
<b>Líderes</b>	Aung San	U Nu	Ne Win
<b>Relação entre Estado e religião</b>	Estado e religião não deveriam se relacionar	Estado Budista	Estado Secular (promovendo a irmandade entre budistas Birmaneses)
<b>Relação com as minorias étnicas</b>	Boas relações com todas as minorias; Estado multiétnico	Postura de não confrontação; antipatia dos Karens cristãos e dos Kachins	Postura de confrontação e eliminação das lideranças;
<b>Sistema de governo</b>	Democracia parlamentar	Democracia parlamentar	Socialismo unipartidário
<b>Política Externa</b>	Neutralismo	Neutralismo	Antiocidental e anticomunista; isolacionista

Fonte: Elaboração própria do Autor.

## **2. A Segunda Guerra Mundial na Birmânia**

O segundo capítulo traz os elementos mais importantes que definiram a participação da Birmânia na Segunda Guerra Mundial. O país foi singularmente destruído na Guerra, sendo o principal teatro terrestre na Ásia após a China. No plano interno, as consequências da Guerra entre Aliados e Japoneses levaram ao aumento da tensão entre as minorias étnicas e os Birmaneses, que lutaram de lados opostos. Durante a ocupação japonesa, a Birmânia teve sua primeira experiência de formação do Estado, ainda que de forma limitada. Esse primeiro governo enfrentou a oposição dos comunistas e das minorias étnicas, que se uniram aos Aliados. Com relação à questão da intervenção externa, o período da Segunda Guerra Mundial foi determinante para o início das operações de infiltração da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, que se configurariam numa ameaça permanente após a Guerra.

O objetivo fundamental deste capítulo é situar o desenvolvimento das ameaças internas e externas à soberania durante a Segunda Guerra Mundial. Outro objetivo importante é situar a Birmânia na Segunda Guerra Mundial como ponto estratégico para o conflito Sino-Japonês. O país foi a única rota terrestre de entrada de suprimentos para a China, num período em que o Japão dominava o Leste Asiático.

Para que o principal objetivo seja cumprido, é necessário que a análise inclua a criação do Estado Birmanês, num contexto de caos interno, a partir da invasão japonesa. Também faz-se necessário analisar as incursões dos Aliados, demonstrando o papel das minorias étnicas nas primeiras vitórias contra os Japoneses. Esse seria o prelúdio de uma série de infiltrações de agentes estadunidenses no norte da Birmânia a partir de 1951. Após as batalhas de Kohima-Imphal (1944), os Aliados avançaram rumo a Rangoon com o General Britânico William Slim e o 14th Army, apoiados pelos Karens. Ao mesmo tempo, os Birmaneses prepararam a primeira grande coalizão nacional para lutar contra o Japão, criando o AFPFL. Os nacionalistas mudaram de lado na guerra devido aos problemas de relacionamento derivados da ocupação, incentivados pelo avanço dos Aliados. A partir da Segunda Guerra Mundial se criaram as bases para a independência e também para as ameaças intermitentes ao governo da Birmânia.

## 2.1 Os Thirty Comrades e a infiltração japonesa (1940-42)

O Japão se aproximou dos nacionalistas na Birmânia através de sua agência de inteligência chamada Minami Kikan. Seu comandante era o Coronel Suzuki, o agente responsável por recrutar os Thirty Comrades (trinta nacionalistas membros do Dobamar Asiayone). Suzuki e os Thirty Comrades foram responsáveis pela criação do Burma Independence Army<sup>32</sup> (BIA) em 1942, fundando a primeira e mais importante instituição do Estado moderno da Birmânia.

Enquanto U Saw preparava seu caminho para liderar a Birmânia colonial em 1940, Aung San e os Thakins embarcaram na viagem que determinaria os rumos da independência. Em junho de 1940 foi fundado o Minami Kikan, organização de subversão japonesa em Rangoon, pelo Coronel Suzuki. O principal objetivo de Suzuki era organizar a independência da Birmânia, facilitando o projeto da Esfera de Co-Prosperidade do Japão<sup>33</sup>.

Diferentemente do pensamento ocidental, boa parte dos *Thakins* não tinha em absoluto nenhuma relação ideológica ou simpatia pelo fascismo japonês<sup>34</sup>. Na verdade, seu pensamento se assemelhava muito mais aos Chineses Comunistas (BAYLY e HARPER, 2004, p. 11). Contudo, a doutrinação militar teve influência direta sobre a visão política dos Thakins que permaneceram no exército<sup>35</sup>. Em conjunto com a primeira experiência administrativa, a formação do exército foi o maior legado dos Japoneses para o país.

A questão que se coloca inicialmente é a importância do interesse comum entre Japoneses e Birmaneses. Durante a Segunda Guerra Sino-Japonesa (1937-45), que seria o gatilho para a entrada da Ásia na guerra global, o Império Japonês acreditava que a vitória contra os Chineses viria através do cerco ao país, cortando sua comunicação com o exterior. Logo no primeiro ano da guerra os Japoneses tomaram boa parte da costa leste, incluindo a capital Nanjing. O governo nacionalista de Chiang Kai-Shek foi

---

<sup>32</sup> Exército Independente da Birmânia.

<sup>33</sup> Inicialmente o projeto japonês incluía como objetivo principal o pan-asianismo. Entretanto, facções políticas se utilizaram deste projeto para justificar o expansionismo militar do Japão e a criação de uma Esfera de Co-Prosperidade comandada pelo Império Japonês. O Coronel Suzuki fazia parte do grupo que realmente acreditava na libertação dos povos da Ásia. Apesar de não poder contrariar os interesses de seu país de origem, Suzuki frequentemente se viu no dilema de atuar contra sua vontade.

<sup>34</sup> O próprio fascismo era contestado como real ideologia do Japão, sendo visto por vezes como um pretexto para a aliança com o Eixo.

<sup>35</sup> Diferentemente de Aung San, que se retirou das Forças Armadas para ser o líder político da Birmânia. U Nu, por sua vez, não participou do treinamento japonês, se retirando para um monastério durante a Guerra.

obrigado a se retirar para Chongqing, no centro do país. Sabendo da crescente importância estratégica de sua colônia, os Britânicos aceleraram o projeto de expansão da Estrada da Birmânia até Kunming, no sudoeste da China, finalizando-o em 1938 (MYINT U, 2011, p. 80).

Em junho de 1940 a rota de suprimentos da Indochina Francesa foi cortada. Tornava-se imperativo então que o Império Japonês cortasse a última rota dos Aliados (especialmente dos Estados Unidos) para a China Nacionalista. Além disso, o projeto de integração através da Esfera de Co-Prosperidade incluía Japão, China e Manchukuo<sup>36</sup> como seu núcleo e o Sudeste Asiático como periferia, incluindo a Birmânia. Por fim, a invasão da Birmânia com o apoio de jovens nacionalistas facilitaria a ocupação e abriria o caminho para o Indian National Army<sup>37</sup> entrar em contato com a Índia.

Por sua vez, os Birmaneses precisavam urgentemente organizar um exército nacional capaz de derrotar os Britânicos e isso não seria possível sem ajuda externa. O Coronel Suzuki teve papel fundamental nesse processo. Ele começou em 1940 a pesquisar sobre os partidos locais e viu um grande potencial de liderança na facção de Aung San dentro do Partido Thakin (em contraposição à opinião de outros oficiais, que a consideravam comunista). Ele ainda descobriu que os nacionalistas estavam divididos entre aqueles que preferiam a ajuda Soviética e Chinesa e outros que preferiam pedir ajuda ao Japão (LEBRA, 2010, p. 51).

A solução encontrada foi treinar os jovens Thakins para aproximá-los da causa japonesa e fornecer as condições para a formação de seu exército. Em abril de 1941 os Thirty Comrades, 30 jovens nacionalistas Birmaneses, entre eles os líderes Aung San e Ne Win, viajaram para a Ilha de Hainan, na China, onde foram treinados por oficiais do Minami Kikan (MERCADO, 2002, p. 53).

A operação de infiltração na Birmânia acabou sendo atrasada por conta da entrada do Japão no Eixo, seguida pelo envio de divisões do exército e da marinha para o Sudeste Asiático (MERCADO, 2002, p. 54). A questão fundamental é que, quando a Birmânia se mostrou fundamental aos interesses Japoneses, sua independência foi evitada e depois limitada ao máximo. A preferência foi pela instalação de uma administração militar (LEBRA, 2010, p. 43). Em 28 de dezembro de 1941, o Coronel

---

<sup>36</sup> Região da Manchúria que contava com o governo da dinastia Qing, que era pró-Japão. O principal lema da Esfera de Co-Prosperidade era “Ásia para os Asiáticos”, indicando sua intenção de formar uma região livre de influência Ocidental e totalmente integrada economicamente. Foi a primeira vez que criou-se um projeto de integração, mesmo que militarista, para a Ásia Oriental.

<sup>37</sup> Exército nacionalista indiano, formado por ex-prisioneiros de guerra dos Japoneses e liderado por Subhas Chandra Bose.

Suzuki e os Thirty Comrades chegaram a Bangkok, na Tailândia, e começaram a reunir o maior número possível de birmaneses vivendo na região, formando o Burma Independence Army (BIA).

É importante compreendermos a importância dos eventos que levaram à formação do BIA, pois eles foram responsáveis pela criação do “mito fundador” da Birmânia moderna. Aung San e os Thirty Comrades são tidos até os dias de hoje, tanto pela população quanto pelo governo militar-civil, como os libertadores da Birmânia (BAYLY e HARPER, 2004, p. 29).

## **2.2 A Invasão Japonesa e o governo independente (1942-43)**

A Segunda Guerra Mundial colocou finalmente a Birmânia no mapa geopolítico das Grandes Potências. O Japão teve um papel especialmente importante nesse processo, primeiramente por ser o elemento que desencadeou a abertura do Teatro CBI<sup>38</sup> e também pela sua imposição militar sobre os Britânicos no início da Segunda Guerra Mundial. Os Japoneses demonstraram aos Birmaneses que os Britânicos não eram invencíveis.

Inicialmente, o plano da Inteligência Japonesa era provocar a insurgência na Birmânia através do Minami Kikan, coordenando ações entre os infiltrados no Sudeste Asiático, que depois ganhariam o apoio da Marinha. Entretanto, o grupo expansionista<sup>39</sup> via como imperativa a queda de Chiang Kai-Shek, para que a China Nacionalista entrasse em colapso e dividisse o país de forma irreversível.

Caso o Japão não tivesse a intenção imediata de derrubar a China através do corte de suprimentos dos Estados Unidos, é razoável se pensar que talvez a declaração de guerra contra os Norte-Americanos nunca tivesse acontecido. Os EUA tinham uma relação especial com a China, muito por causa da vontade pessoal de F. D. Roosevelt de apoiar incondicionalmente Chiang Kai-Shek e por considerar a manutenção dos Nacionalistas na guerra como a última defesa contra a dominação da Ásia pelo Japão. Contudo, os Estados Unidos se recusaram a entrar na guerra mesmo com a possível rendição da Grã-Bretanha a Hitler em 1940, era provável que eles não intervissem para salvar o Império Britânico na Ásia (MCLYNN, 2010, p. 5).

---

<sup>38</sup> Teatro CBI era o nome dado pelos Aliados para caracterizar as operações na Birmânia. CBI quer dizer China-Burma-India.

<sup>39</sup> Frequentemente ligado ao Exército Japonês, apesar de haver diversos grupos divergentes dentro das Forças Armadas e dentro do próprio exército.

Estabelecendo um contra factual, o Japão poderia ter expandido seu protetorado sem tentar derrubar o governo de Chiang Kai-Shek, já contestado e se aproveitando dos recursos estadunidenses para estocar suprimentos contra os comunistas. A partir disso, os Japoneses poderiam ter concentrado esforços para derrubar o Império Britânico da Índia, a Indochina e a Indonésia, já que França e Holanda não seriam capazes de manter suas colônias. Com o controle dos territórios, o Japão organizaria as independências dos países através da luta anticolonial, como fez de fato (MCLYNN, 2010, p. 5). Essa noção é importante para entendermos os diversos projetos do Japão durante a Segunda Guerra Mundial, que poderiam ter levado a desfechos diferentes.

Enquanto isso, na Birmânia, U Saw havia proposto a Churchill que promettesse a elevação do país a domínio caso a Birmânia colonial lutasse contra os Japoneses. Como um bom político do Partido Conservador, Churchill se recusou a negociar com qualquer grupo nacionalista. U Saw foi exilado em Uganda até o final da guerra, levando consigo a única chance de manutenção limitada do colonialismo britânico.

Os Britânicos passaram os primeiros momentos da entrada na guerra da Ásia negociando o comando das operações com Chiang. O *generalíssimo* ficou responsável pelas operações na China, enquanto o britânico Wavell cuidaria do Crescente (região que vai da Índia ao Sudeste Asiático) comandando o ABDACOM<sup>40</sup>, que mais tarde seria substituído pelo SEAC<sup>41</sup> (Southeast Asia Command), que teria responsabilidade sobre as colônias francesas e holandesas (MCLYNN, 2010, p. 23).

Rapidamente, as tropas mais bem treinadas<sup>42</sup> e com maior suporte aéreo e naval dos Japoneses tomaram conta de Filipinas, Malásia e das Índias Holandesas Orientais (Indonésia) entre janeiro e fevereiro de 1942. A queda de Cingapura para o Japão teve a maior rendição da história militar britânica, com 130 mil homens se tornando prisioneiros de guerra. Na Birmânia não foi diferente; a invasão começou em janeiro com pequenas e ágeis incursões, contrastadas com as manobras pesadas e lentas dos Europeus (MCLYNN, 2010, p. 25).

Após as primeiras ofensivas nipônicas, os Britânicos sabiam que não poderiam resistir e responderam destruindo qualquer instalação que pudesse ser utilizada em benefício da ocupação (MCLYNN, 2010, p. 27). A infraestrutura e a indústria de Rangoon foram praticamente exterminadas, assim como nas outras regiões mais

---

<sup>40</sup> American-British-Dutch-Australian Command.

<sup>41</sup> A criação do SEAC ficou marcada como a primeira vez em que foi utilizada a denominação geográfica “Sudeste Asiático”.

<sup>42</sup> Os Britânicos treinaram cenários desérticos e os Japoneses, combate na selva.

desenvolvidas do país. Ainda, do lado dos Japoneses, houve bombardeios em massa nas principais regiões ocupadas pelos Aliados (MCLYNN, 2010, p. 30). Os Birmaneses, apáticos ou raivosos pela não negociação da independência e vendo os Japoneses avançarem, executaram grupos menores de Aliados que se perdiam pelo país, gerando uma reação bastante violenta dos Britânicos (MCLYNN, 2010, p. 32).

Com a destruição progressiva do país, em abril os Japoneses já estavam em Mandalay<sup>43</sup> e ao final de maio, todas as tropas Aliadas haviam recuado para a Índia. A essa altura, os batalhões dos Aliados eram compostos majoritariamente pelo Exército Indiano (Gurkhas e Britânicos), pelo Exército Birmanês (Britânicos, Karens e outras minorias) e pelo Exército Nacionalista Chinês.

A ocupação japonesa merece atenção especial. Houve duas vertentes fundamentais desse período para o futuro da Birmânia. A primeira delas diz respeito ao caráter psicológico da vitória japonesa, que protagonizou a segunda grande vitória da Ásia sobre a Europa<sup>44</sup> e trilhou o caminho de alguns movimentos nacionalistas da Ásia. Por outro lado, o relacionamento dos Japoneses com os povos do Sudeste Asiático era longe de ser amistoso e os conflitos entre interesses foram ainda piores na Birmânia. A segunda vertente foi a criação das primeiras instituições nacionais, que no caso birmanês se restringiram à manutenção da ordem, da lei e da coleta de impostos. Enquanto isso, os Japoneses administraram a economia, o transporte e as comunicações, necessários para os esforços de guerra (TAYLOR, 1988, p. 224).

O Japão não tinha um plano consistente para a Birmânia, havia diversas discrepâncias nos documentos divulgados sobre o país. Os ocupantes pareciam mais interessados na independência da Índia, em parte por já estarem controlando a Birmânia e também pela dificuldade de derrotar a Índia Britânica militarmente. O General Iida era um dos poucos simpatizantes da independência birmanesa, preocupado com a aceitação da ocupação pela população local, que poderia ver os Japoneses como sucessores do colonialismo britânico. Por outro lado, os Japoneses acreditavam que a independência poderia atrapalhar as operações por conta das rivalidades de facções internas (LEBRA, 2010, p. 44-45).

Apesar da necessidade de um parceiro forte contra o colonialismo, a experiência recente na China e na Manchúria parecia indicar que a administração militar Japonesa

---

<sup>43</sup> Antiga capital do Império Birmanês momentos antes da anexação.

<sup>44</sup> A primeira havia sido a Guerra Russo-Japonesa de 1905.

não seria amistosa. O Burma Independence Army<sup>45</sup> estabeleceu o Governo de Baho em Rangoon como um centro administrativo provisório, em 7 de abril de 1942. Nessa época, o BIA já saltava de 200 homens a uma quantia entre 12 e 18 mil recrutas (BAYLY e HARPER, 2004, p. 170). Outros autores estimam que a força potencial de mobilização chegaria a 200 mil homens (LEBRA, 2010, p. 65).

A relação com as minorias durante a invasão japonesa ficou cada vez mais violenta. O principal alvo eram as etnias que cooperaram com os Britânicos no passado, em especial os Karens<sup>46</sup>. Unidades do BIA se envolveram na destruição de vilarejos, em assassinatos e estupros. Sua religião cristã também foi atacada. A violência desse período foi o principal motivo da rejeição dos Karens ao Acordo de Panglong em 1947 (PIKE, 2010, p. 202).

Como os Japoneses não desejavam um governo fora de seu controle, o BIA foi reformulado para Burma Defense Army (BDA), uma força menor e politicamente organizável, com cerca de quatro mil homens em sete batalhões e sob o comando de Aung San. Em setembro foi formada a Academia Militar de Mingaladon, a principal formadora de oficiais que liderariam o futuro Exército da Birmânia, além dos corpos diplomáticos<sup>47</sup>. Estima-se que em abril de 1943 o BDA já contava com 55 mil novos recrutas em treinamento e centenas de novos oficiais (LEBRA, 2010, p. 69).

Os Japoneses extinguiram o Governo de Baho em agosto de 1942 e estabeleceram uma administração militar sob o comando de Ba Maw, o antigo primeiro ministro que havia sido preso. Ele não tinha o apoio dos Thakins e só se manteve no poder por ser aliado dos Japoneses (LEBRA, 2010, p. 72). Após a independência nominal, exatamente um ano depois da criação do governo de Ba Maw, as forças armadas foram reorganizadas. Aung San se tornou o chefe das Forças Armadas e Ne Win começou a ganhar papel de destaque como o chefe das operações do novo Burma National Army (BNA)<sup>48</sup>.

De acordo com Ba Maw, um dos piores erros cometidos pelos Japoneses foi permitir que o BNA fosse um instrumento da política em vez de utilizá-lo num papel realmente militar (LEBRA, 2010, p. 74). Essa afirmação se explica porque o exército foi alargado sem estrutura de comando nem treinamento suficiente, dentro de um

---

<sup>45</sup> A essa altura ainda comandado pelo Coronel Suzuki.

<sup>46</sup> Um dos estopins para a violência contra os Karens surgiu da negativa dos antigos membros do exército colonial em entregar suas armas ao BIA.

<sup>47</sup> O treinamento era feito em Japonês, com todos os livros usados pelo Exército Japonês e os melhores oficiais eram enviados a Tóquio.

<sup>48</sup> O BNA era o sucessor do Burma Defense Army.

ambiente politizado. A precariedade somada à abrangência deu poder e autonomia a personalidades duvidosas, como foi o caso de Ne Win e de sua milícia criminal, o Sitwundan<sup>49</sup>. O treinamento japonês teve consequências que não podem ser deixadas de lado, pois foi parcialmente responsável pela politização e militarização das elites do pós-guerra (LEBRA, 2010, p. 74). Além disso, a administração japonesa não ia muito além de Rangoon. O Estado entrou em colapso nas outras regiões e os enclaves locais assumiram seu controle, juntamente com suas respectivas milícias (CALLAHAN, 2003, p. 45). As milícias frequentemente atuaram como uma das principais forças políticas descentralizadoras, principalmente por associarem seu poder político à capacidade coercitiva e à criminalidade. Por muitos anos essa situação se manteve totalmente fora de controle. A ascensão dos militares ao governo em 1962 representou, de certa forma, o monopólio da força como instrumento de estabilização e manutenção da ordem.

A ocupação japonesa deu a independência aos Birmaneses, simbolizando a libertação colonial do país e o fim da submissão, pois o povo não toleraria o retorno dos Britânicos após tal experiência (BAYLY e HARPER, 2010, p. 64). Além disso, a ocupação possibilitou a organização inicial do que seria a base do futuro governo independente, principalmente através do treinamento das Forças Armadas.

No entanto, a relação entre Birmaneses e Japoneses se deteriorou à medida em que a população e os líderes locais perceberam as reais intenções e o terror que a ocupação japonesa causaria durante a ocupação da Birmânia. O Japão aproveitou a oportunidade para expandir os negócios de suas grandes empresas, dando a sensação de um novo colonialismo. Quanto à população, a promessa de libertação da opressão dos ingleses traduziu-se numa tirania que fez a colonização britânica não parecer tão ruim (MCLYNN, 2010, p. 97). A atuação do Kempeitai<sup>50</sup> deu início a uma série de atrocidades que iam desde trabalho escravo no campo<sup>51</sup> até destruição de mosteiros e estupros em massa (MCLYNN, 2010, p. 98).

### **2.3 Desdobramentos políticos da Guerra e a ofensiva dos Aliados (1943-45)**

Inicialmente, os Aliados não puderam tirar nenhuma vantagem dos problemas de relacionamento entre o Japão e a Birmânia. Os primeiros comandantes militares

---

<sup>49</sup> Esta milícia era responsável por praticar atos terroristas contra as minorias étnicas.

<sup>50</sup> Força de doutrinação policial semelhante à GESTAPO.

<sup>51</sup> Um caso clássico é a construção da ferrovia Tailândia-Birmânia, onde morreram milhares de trabalhadores forçados.

britânicos subestimavam os Japoneses e a perda do Sudeste Asiático foi a maior consequência da desorganização. Somente com a troca de comando em 1942 surgiram figuras como os generais Stilwell dos E.U.A., Wingate e Slim da Inglaterra.

Os três, juntamente com Lord Mountbatten, foram os responsáveis por impedir o avanço do Japão rumo à Índia, por reabrir a rota terrestre para a China e por organizar as primeiras vitórias dos Aliados. O General Slim foi o comandante do 14th Army responsável pela vitória nas batalhas de Kohima e Imphal, consideradas como o “Stalingrado da Ásia”. A ideia dos Japoneses era arrebanhar aliados anticolonialistas na Índia, assim como já havia acontecido com os exércitos indianos capturados na Malásia (MCLYNN, 2010, p. 293). Caso isso tivesse se tornado realidade, a Guerra poderia ter tomado outros contornos.

### 2.3.1 Dificuldades políticas: Stilwell x Chiang Kai Shek e Churchill

O General Stilwell era o principal nome dos Estados Unidos nas operações continentais da Ásia, sendo atribuído à função de conselheiro de Chiang Kai-Shek. Sua contestação aos planos de Chennault, o comandante dos Flying Tigers<sup>52</sup>, possibilitou aos Aliados reabrirem a rota terrestre para a China<sup>53</sup>.

Stilwell, assim como Wingate e Merrill<sup>54</sup>, também foi importante pelo seu comando de exércitos mistos, infiltrados na selva que proporcionaram as primeiras vitórias dos Aliados. O sucesso dessas operações se deu especialmente pela utilização de nativos, especialmente os Kachins e Karens (PIKE, 2010, p. 202-203). Entretanto, para que isso acontecesse, diversos desdobramentos políticos e estratégicos entre Britânicos, Norte-Americanos e Chineses tiveram de ser superados.

O primeiro e mais importante entrave foi o papel de Chiang Kai-Shek e da China Nacionalista. O *generalissimo* ficou furioso com a derrota dos Aliados na invasão japonesa da Birmânia e creditou a derrota ao comando Britânico. Para ele, a missão de retomar o Sudeste Asiático era uma tarefa exclusiva do Ocidente (MCLYNN, 2010, p.

---

<sup>52</sup> Os Flying Tigers eram pilotos contratados pelos Estados Unidos para combater na China. Foram utilizados para defender a Estrada da Birmânia na campanha desastrosa de 1941-42. Chennault acreditava que a guerra poderia ser ganha somente com poder aéreo, opinião partilhada até mesmo por Roosevelt e que se provou falsa (MCLYNN, 2010, p. 128). Apesar de algumas vitórias contra a força aérea japonesa, a eficiência dos Flying Tigers era questionável e seu custo-benefício era baixo.

<sup>53</sup> Estima-se que a força aérea americana gastava um galão de combustível para cada galão entregue e que entregava 18 toneladas de suprimentos para cada tonelada de bombas empregadas pelos Flying Tigers.

<sup>54</sup> Wingate era o comandante dos Chindits e Merrill, dos Marauders. Os dois grupos foram responsáveis por operações de infiltração atrás das linhas japonesas.

111). Essa visão era exacerbada pela priorização do front europeu, onde o Eixo teria supremacia até o início de 1943 e só seria controlado em 1944.

Chiang Kai-Shek manipulava o então presidente dos Estados Unidos, Franklin Delano Roosevelt. Seu objetivo era continuar recebendo ajuda material e empréstimos financeiros<sup>55</sup> dos E.U.A. fazendo o menor esforço possível para combater os Japoneses<sup>56</sup>. O presidente Roosevelt tinha o medo recorrente de que a China assinaria a paz em separado com o Japão. Chiang chegou a afirmar, em reunião com Stilwell em 3 de junho de 1942, que a China estava à beira do colapso. Além disso, Chiang alardeou a ameaça de uma facção no Kuomintang (KMT) que apoiaria a paz com o Japão. Tudo não passava de estratégia para barganhar com Washington. As artimanhas do líder irritavam Stilwell, pois ele acreditava que os empréstimos deveriam ser retribuídos igualmente em luta contra o Eixo (MCLYNN, 2010, p. 111).

O primeiro experimento de Stilwell surgiu do treinamento do 5th Army da China que se retirou para a Índia. As divisões treinadas ficaram conhecidas como Força X. Chiang estava relutante em autorizar a utilização de seus homens na Birmânia e pediu em troca as famosas “Três Exigências”<sup>57</sup>. Apesar dos avisos de Stilwell e de Gauss<sup>58</sup> sobre o blefe da “paz em separado”, Roosevelt se comprometeu a cumprir as demandas (MCLYNN, 2010, p. 117). Outro obstáculo no caminho de Stilwell era a falta de interesse dos Britânicos em utilizar Chineses para reconquistar a China. O contato dessas tropas com os Indianos poderia insuflar o nacionalismo nos povos asiáticos (MCLYNN, 2010, p. 121).

Apesar dos protestos, os Britânicos foram obrigados pelos Estados Unidos a aceitarem a presença dessas tropas. Em setembro de 1943 foi autorizada a operação que reabriria a rota Índia-China através da Estrada de Ledo<sup>59</sup>. Enquanto isso, no Teatro CBI, Stilwell planejou uma grande ofensiva ao final do ano<sup>60</sup>. Entretanto, Chiang continuou com suas chantagens e impediu Stilwell de utilizar a Força X. Os Britânicos deram sua

---

<sup>55</sup> Estes acabaram em última instância se tornando doações.

<sup>56</sup> Os Nacionalistas chegaram até mesmo a propagandear um ataque em Hong Kong contra o Japão que nunca aconteceu (MCLYNN, 2010, p. 114). Eles sabiam que após a guerra teriam que enfrentar a insurgência comunista, necessitando dos estoques de suprimentos americanos.

<sup>57</sup> As três exigências eram: o emprego de três divisões americanas na China, 500 aviões de combate e cinco mil toneladas de suprimentos militares.

<sup>58</sup> Clarence Edward Gauss foi embaixador americano na China de 1941 a 1944, era partidário dos planos do General Stilwell.

<sup>59</sup> Também conhecida como Estrada de Stilwell.

<sup>60</sup> Stilwell havia planejado três fronts para reconquistar a Birmânia: a Força X, a Força Y (divisões de Yunnan comandadas pela China Nacionalista) e o ataque naval Britânico a Rangoon (que apoiaria a ofensiva de Slim e do 14th Army).

última cartada contra os Estados Unidos em um discurso de Churchill. Ele afirmou que não poderia garantir a supremacia naval na Baía de Bengala, uma das pré-condições para Chiang se manter no front birmanês. O resultado foi exatamente a retirada do apoio da China (MCLYNN, 2010, p. 133).

### 2.3.2 Os Chindits e a aliança com os Kachins

Mesmo com o cancelamento do projeto de três ataques simultâneos, Wingate convenceu Wavell a autorizar a Operação Longcloth dos Chindits. Sua ofensiva na Birmânia tinha dois objetivos: cortar as principais linhas de comunicação sul-norte dos Japoneses e oferecer suporte à guarnição do Fort Hertz, que era mantido pelo apoio dos Kachins. A operação foi importante para desmistificar a superioridade japonesa na selva e reviver a conexão dos ocidentais com as minorias étnicas da Birmânia. Os Britânicos disseram, durante a retirada, para as minorias aguardarem em silêncio o seu retorno (ANGLIM, 2007, p. 214).

Ao se retirarem, os Britânicos deixaram para trás unidades do Burma Rifles, que se retiraram para seus vilarejos no interior. Os Kachins foram os responsáveis por impedir que os Japoneses avançassem além de Myitkyina, no norte. Eles foram os principais guias para as LRP's<sup>61</sup> dos Chindits (TUCKER, 2001, p. 47).

Devido à baixa prioridade do front, era difícil deslocar tropas Norte-Americanas de outros teatros para a Birmânia. Ao invés disso, os Estados Unidos também optaram por organizar infantaria leve ou guerrilhas. O terreno do norte da Birmânia era perfeito para guerras não convencionais, contando com cadeias de montanhas, vales estreitos, florestas tropicais densas e períodos de monções. Para operar nesse cenário era imperativo que houvesse ajuda dos nativos (HOGAN JR., 1992, p. 97-98).

Foi também através dos Kachins que a OSS<sup>62</sup>, precursora da CIA criou a guerrilha mais vitoriosa da Segunda Guerra Mundial: a OSS Detachment 101 (HOGAN JR., 1992, p. 98). Sob o comando do Coronel Eifler, a Detachment 101 contava com oficiais Anglo-Birmaneses. Stilwell era contra as operações de guerrilhas,

---

<sup>61</sup> LRP significa Long Range Penetration. É o nome utilizado para designar as operações especiais de longo alcance além das linhas inimigas. Os Chindits foram a primeira divisão britânica (e a segunda da história militar) a realizar esse tipo de operação.

<sup>62</sup> A OSS, Office of Strategic Services, foi criada durante a Segunda Guerra Mundial. A inteligência dos Estados Unidos teve um papel singular na Birmânia. A CIA comandou operações especiais no norte do país após a Guerra Civil Chinesa. Seu objetivo principal era apoiar as tropas do Kuomintang que haviam sido expulsas pelos comunistas.

principalmente porque ele não as considerava como uma guerra justa e porque não tinha controle sobre as atividades da OSS<sup>63</sup> (HOGAN JR., 1992, p. 101).

Após as primeiras operações no início de 1943, que se iniciaram com a destruição de uma ponte entre Mandalay a Myitkyina, as unidades se expandiram para o sul da Birmânia, mas sem sucesso. Entretanto, o esforço foi reconhecido por Stilwell, que passou a apoiar suas atividades. A instrução dada foi ampliar o contato com os Kachins por informações sobre os Japoneses, além de iniciar o suprimento de armas para a formação de guerrilhas (HOGAN JR., 1992, p. 106). Os Americanos tinham uma relação especial com os Kachins por conta de sua bravura, lealdade, honestidade e amizade<sup>64</sup> (HOGAN JR., 1992, p. 109). A crescente importância dos nativos na inteligência de guerra tornou possíveis as operações dos Chindits, dos Marauders de Merrill, a construção da Estrada de Ledo e, posteriormente, as ofensivas dos Aliados em larga escala.

### **2.3.3 A decepção com Chiang Kai Shek e a vitória dos Aliados**

Em outubro de 1943, Mountbatten da Inglaterra foi nomeado chefe das operações no Sudeste Asiático<sup>65</sup>. Logo o novo comandante caiu nas graças de Chiang Kai Shek e buscou conciliar-se com os principais estrategistas na região: Slim, Wingate e Stilwell. Até o fim do ano, no entanto, Stilwell havia sido relegado a um segundo plano por manobras de Chiang Kai-Shek e Wingate estava muito doente. Slim ficou responsável pelo front de Arakan, impedindo o avanço dos Japoneses para a Índia.

Os Estados Unidos pressionavam a China nacionalista para que alcançasse um acordo com os comunistas, unindo forças contra os Japoneses. Chiang Kai Shek aceitou com a condição de que Stilwell fosse substituído. O general foi retirado, mas recolocado no cargo graças ao embaixador Chinês nos E.U.A., que ameaçava apoiar a troca de comando no Kuomintang (MCLYNN, 2010, p. 202).

Após a Conferência do Cairo no final de 1943, ficou claro até mesmo para Roosevelt que seu plano dos “Big Four” (ou seja, Estados Unidos, União Soviética, Inglaterra e China como as Grandes Potências vencedoras e organizadoras do pós

---

<sup>63</sup> Um dos episódios que geraram desconfiança foi o acordo entre o comandante da Marinha Americana na China, o Capitão Miles e o diretor da segurança interna do Kuomintang, o General Tai Li. O diretor autorizou Miles a treinar 50 mil guerrilheiros chineses.

<sup>64</sup> Apesar de não apreciar os hábitos bárbaros de suas batalhas, como guardar orelhas dos oponentes mortos em combate.

<sup>65</sup> Em troca os Estados Unidos receberam o comando das operações do Canal da Mancha.

Guerra) era extremamente difícil e que deveria contentar-se em manter a China nos Aliados. Chiang tornou as negociações extremamente difíceis e mostrou-se instável e despótico, além de não dar nenhuma garantia sobre o envolvimento no Sudeste Asiático, impedindo que suas tropas fossem utilizadas na Birmânia (MCLYNN, 2010, p. 226). Já em dezembro, num encontro com Stilwell, Chiang finalmente autorizou por escrito a utilização da “Força X”<sup>66</sup>.

O ataque na última semana de 1943, que deveria contar com quatro frentes de combate, contou apenas com duas: a ofensiva do General Slim em Arakan e a de Stilwell a partir da Ferrovia de Ledo, que estava em vias de finalização. Em fevereiro de 1944 Stilwell já havia cruzado o Rio Chindwin e em maio, Slim tomou o controle de parte de Arakan. Wingate reeditou a operação Chindit para ajudar Stilwell nas selvas do norte da Birmânia, mas foi obrigado a auxiliar Slim na Índia, devido a uma nova ofensiva japonesa<sup>67</sup>.

A partir de 1944 os Aliados passaram a ter vantagem na Birmânia. O front norte de Stilwell ganhava apoio dos guerrilheiros Kachins e dos Marauders. Os Marauders de Merrill eram um regimento de caribenhos extremamente violentos e especializados em infiltração, demolição e combate na selva<sup>68</sup> (MCLYNN, 2010, p. 328). A missão final foi conquistar Myitkyina, que finalmente asseguraria a manutenção da Estrada de Ledo<sup>69</sup>. Observando a superioridade dos Aliados, Chiang autorizou o emprego da Força Y, um conjunto de divisões chinesas estacionado em Yunnan. Somente em agosto, três meses depois, a cidade foi totalmente conquistada.

No front sul, a Batalha de Kohima-Imphal durou de março a novembro de 1944, com vitória das tropas de Slim. O ponto fundamental da campanha de Slim, considerado por alguns autores o maior general britânico da Segunda Guerra Mundial, foi o fator psicológico<sup>70</sup>. Ao final de 1944 os Japoneses se encontravam com cada vez menos suprimentos, graças aos guerrilheiros nativos, que aguardavam o avanço do inimigo para cortar sua comunicação. Assim foram ganhas as maiores batalhas da Birmânia

---

<sup>66</sup> Apesar de não aceitar o envolvimento da “Força Y”, em Yunnan.

<sup>67</sup> Wingate faleceu em 24 de março num misterioso acidente de avião.

<sup>68</sup> Todas essas tropas em conjunto conquistaram em um mês o extremo norte da Birmânia, forçando os Japoneses a recuar.

<sup>69</sup> Myitkyina tinha uma base aérea de onde os Japoneses lançavam aviões para tentar interceptar a Estrada de Ledo.

<sup>70</sup> Os Britânicos não estavam preparados para a invasão de 1942 e não tinham uma tática adequada ao terreno. Com a chegada dos Japoneses, que preparavam pequenos ataques, tentando cortar a comunicação e os suprimentos, criou-se o mito de que eram invencíveis na selva. A brutalidade dos invasores também gerou medo entre os soldados.

(TUCKER, 2001, p. 50). Ao passo em que os Aliados garantiam a vitória no front europeu, eles passavam a bloquear a Birmânia pelo mar e pelo ar (MCLYNN, 2010, p. 378).

A essa altura, a China Nacionalista não era mais necessária como base para os Estados Unidos. A inoperância, a corrupção e a falta de legitimidade de Chiang Kai-Shek fizeram os Americanos considerarem apoiar Mao e os comunistas<sup>71</sup>. Stilwell tinha uma simpatia especial pelos comunistas, a quem ele creditava reivindicações sinceras pela melhora no padrão de vida dos Chineses (MCLYNN, 2010, p. 391).

Até mesmo Roosevelt já estava desiludido com Chiang. Após os triunfos de Stilwell na selva, ele foi promovido ao generalato de quatro estrelas e teve seus poderes ampliados. Em carta ao *generalissimo* Chinês, F.D. Roosevelt sugeriu que, apesar das desavenças, Stilwell se tornasse chefe das operações na China<sup>72</sup>. Por conta das eleições nos Estados Unidos, Roosevelt preferiu manter um acordo com Chiang Kai Shek e aceitar sua negativa. Sabendo da paranoia que Roosevelt tinha com relação à China, Chiang se aproveitou para exigir a saída de Stilwell e foi atendido, graças à influência do novo embaixador americano na China, Patrick Hurley<sup>73</sup> (MCLYNN, 2010, p. 404).

A marcha de Slim rumo ao centro do país até Mandalay e posteriormente a Rangoon, ficou conhecida como Operação Capital. Uma das surpresas ao chegar ao destino foi descobrir que o Burma National Army agora estava do lado dos Aliados (MCLYNN, 2010, p. 438). Nos terrenos centrais e do sul, os Karens auxiliaram no avanço de Slim e na contenção dos inimigos<sup>74</sup>. Foram creditadas quatro mil baixas japonesas às guerrilhas Karens (MCLYNN, 2010, p. 440). Sem elas, a ofensiva dos Aliados teria levado mais algumas semanas e entrado no período das monções, o que seria desastroso (KRATOSKA, 2002, p. 31).

O ponto essencial era que Aung San estava levando o “prêmio” pela vitória, enquanto quem efetivamente havia lutado bravamente lado a lado com os Aliados havia sido as minorias, particularmente os Karens e os Kachins (MCLYNN, 2010, p. 446). Apesar disso, não se pode ignorar a habilidade política do líder Birmanês, que foi capaz

---

<sup>71</sup> Ou seja, aqueles que realmente combatiam contra os Japoneses.

<sup>72</sup> Ficando assim num nível acima de Chiang Kai-Shek no comando das tropas, ou seja, tornando-o um subordinado.

<sup>73</sup> Hurley era simpatizante de Chiang, seu caráter político era anticomunista e republicano ultraconservador, enquanto Gauss era a favor do apoio aos maoístas.

<sup>74</sup> A inteligência britânica manteve contato intermitente com os Karens através da Força 136. Essa agência também teve sucesso e relevância na Malásia, onde Britânicos e Chineses Comunistas lutaram lado a lado.

de unir todas as forças nacionalistas num único grupo: o AFPFL<sup>75</sup>. Foi através dessa frente unida formada pelo BNA (exército birmanês), pelo People's Revolutionary Party<sup>76</sup> (braço revolucionário dos Thakins) e pelo Communist Party of Burma (CPB) que os Birmaneses ditaram a reconstrução da ordem no país.

#### 2.4 A criação do AFPFL e a luta antifascista

Durante a ocupação Japonesa, várias figuras importantes participaram do governo. Aung San se tornou Ministro da Defesa, enquanto Than Tun foi Ministro da Agricultura e U Nu Ministro das Relações Exteriores. Contudo, o único que realmente tinha poder político era Ba Maw, o Chefe de Estado. Os Thakins nunca apoiaram realmente o governo, visto que o Japão ainda controlava o país e mantinha o político tradicional como subordinado.

Apesar da relutância dos Thakins em aceitar o governo “fantoche”, sua primeira experiência administrativa surgiu nesta época. Assim como na Indonésia (PITT, 2011), a ocupação Japonesa possibilitou aos radicais articular as primeiras instituições nacionais, livres da influência colonial. No âmbito militar, além do treinamento inicial, o Japão proporcionou o material bélico utilizado pelo exército e construiu a principal escola de formação de oficiais em Mingaladon.

Entretanto, o Japão utilizou centenas de milhares de pessoas como trabalhadores forçados e relutou em conceder autonomia política e econômica. Os Japoneses se aproveitaram do período da ocupação para criar os *sweat armies*, grandes contingentes de trabalhadores forçados. O governo “independente” foi obrigado a assinar acordos que favoreciam a atuação de empresas extrativistas do Japão, gerando a sensação de que o país ainda era colônia (BAYLY e HARPER, 2004, p. 396). Como resultado, as principais forças políticas se voltaram contra a ocupação.

A luta contra os Japoneses já havia começado há anos e não só pelas minorias. Os líderes do CPB, Thakin Soe e Than Tun<sup>77</sup>, publicaram o Manifesto de Insein na prisão em 1941. O Manifesto afirmava o apoio à visão do Comintern de suspender temporariamente a luta anticapitalista pelo combate ao fascismo, o maior inimigo do

---

<sup>75</sup> Anti-Fascist People's Freedom League (Liga Anti-Fascista para a Liberdade do Povo).

<sup>76</sup> Após a Guerra, o PRP se transformaria no Burma Socialist Party, que seria o *proxy* dos militares após a expulsão dos federalistas em 1962.

<sup>77</sup> Ironicamente, Than Tun publicou o manifesto contra o fascismo e se tornou ministro do governo pró-Japão dois anos depois.

povo. Sendo assim, o CPB rejeitava oficialmente a colaboração do Dobamar Asiayone com o Japão (HENSENGERTH, 2005, p. 10).

Após a invasão Japonesa, o grupo de Thakin Soe se infiltrou no Delta do Irrawaddy, enquanto o grupo de Thein Pe foi para a Índia estabelecer contato com o governo colonial exilado em Simla. O CPB criou uma rede de conexões em que Than Tun passava as informações da inteligência japonesa e Thein Pe fazia com que elas chegassem à Índia. Assim como na Malásia, os Aliados e os comunistas estiveram do mesmo lado (HENSENGERTH, 2005, p. 11).

Apesar de nunca ter confiado nos Japoneses<sup>78</sup>, Aung San e os Thakins estavam de mãos atadas até 1944, quando a guerra começou a pender a favor dos Aliados. Apesar das tentativas de esconder a derrota em Kohima-Imphal, o BDA ficou sabendo que os Japoneses foram derrotados na Índia e a partir de então começou a preparar a resistência contra a ocupação. A relação com os Japoneses se deteriorou à medida em que era exigido mais da população e dos *sweat armies*, devido à urgência da finalização da Ferrovia Tailândia-Birmânia, que aceleraria a chegada de suprimentos.

Foi então que surgiu a coalizão do AFPFL, que procurou articular o PRP (braço revolucionário dos Thakins), o BNA (o Exército foi renomeado para Burma National Army) e o CPB. Pela primeira e última vez o Exército, os comunistas e as minorias étnicas lutariam pela mesma causa. Os membros escolhidos para formar o conselho do AFPFL foram: Aung San (como líder militar), Thakin Soe (como líder político), Than Tun (como organizador das guerrilhas e encarregado dos assuntos internacionais) e outros quatro membros sem funções específicas, incluindo Ne Win (WIN, 2008, p. 53).

Em 27 de março de 1945 o BNA se revoltou abertamente contra os Japoneses<sup>79</sup>. Existia um debate sobre qual seria a posição dos Aliados em relação ao AFPFL. Enquanto parte dos Britânicos acreditava que os nacionalistas Birmaneses deveriam ser tratados como traidores, Mountbatten e Slim acreditavam que era importante dar suporte ao grupo para que ele não se radicalizasse logo após a vitória na guerra<sup>80</sup>. Prevaleceu a visão de Mountbatten, que previu os tempos difíceis para o Raj Britânico. Após o desmantelamento da SEAC em 1946, ele próprio seria encarregado de organizar a transição da independência na Índia como seu último Vice-Rei.

---

<sup>78</sup> À possível exceção do Coronel Suzuki, que tinha o interesse verdadeiro de libertar a Birmânia.

<sup>79</sup> Embora os comunistas tivessem anunciado o front unido em novembro de 1944.

<sup>80</sup> Como de fato ocorreu na Indonésia e na Indochina, tema melhor explorado no Capítulo 3.

## 2.5 Conclusões Parciais

O período da Segunda Guerra Mundial foi fundamental para o sucesso da independência e para a acentuação das futuras ameaças à soberania. O Japão teve papel central na formação dos exércitos nacionais do Sudeste Asiático, principalmente da Indonésia e da Birmânia. O treinamento e a doutrina Japonesa moldaram as primeiras gerações de oficiais birmaneses, dando espaço ao fascismo e ao anticomunismo. A aversão ao relacionamento com a China Popular e o tratamento dado às minorias étnicas são, em parte, frutos da doutrinação japonesa.

Além disso, a invasão Japonesa deu novo ânimo e capacidade militar aos nacionalismos jovens, que tiveram supremacia sobre os antigos movimentos nacionais. A inexperiência e a falta de comando regional fizeram com que o exército nacional se expandisse além do esperado e englobasse diversos grupos ligados ao banditismo. Isso se somou à utilização indiscriminada de milícias como forma de imposição pessoal, exemplificada por Aung San, que tinha os PVOs<sup>81</sup>, por Ne Win, que tinha o Sitwundan, e por U Saw que tinha o Galon Tat.

O resultado da descentralização de poder somado aos esforços de guerra foi a generalização do conflito, que mais tarde se tornaria interno. A guerra por si só foi responsável pela destruição total da Birmânia, que foi o palco principal da Guerra na região<sup>82</sup>. A invasão Japonesa apoiada pelos Birmaneses acentuou de forma dramática o conflito étnico. Houve uma série de atrocidades de guerra, muitas vezes incontroláveis pelos líderes nacionais, contra as minorias que colaboravam com os Britânicos, em especial os Karens. Essas tensões implodiram a guerra pela secessão em 1949.

Outro ponto de tensão foi o papel das minorias no apoio aos Aliados durante a guerra. Os Birmaneses nunca reconheceram o papel dos Aliados ou das minorias étnicas na libertação do país durante a Segunda Guerra Mundial. Até hoje o dia 27 de março é celebrado como o Dia da Resistência Nacional, quando o BNA se revoltou contra o Japão.

No plano estratégico, houve diversos desdobramentos que marcaram a visão dos Birmaneses sobre o mundo exterior e vice e versa. Com as raras exceções de Mountbatten e do Coronel Suzuki, praticamente nenhuma figura das Grandes Potências

---

<sup>81</sup> People's Voluntary Organizations (Organizações Voluntárias Populares) eram milícias populares de apoio às políticas de Aung San, entretanto sua lealdade era contestável e tênue, principalmente devido à deterioração das condições de vida no interior do país.

<sup>82</sup> Situação somente superada em desolação pelo Vietnã, que passou por três longas guerras de libertação.

desejava ou apoiava a independência da Birmânia<sup>83</sup>. As intervenções externas na Birmânia se tornariam cada vez mais frequentes por causa de sua proximidade com a China. Essa noção conferiu ao nacionalismo um caráter inicialmente neutralista e depois isolacionista, devido às constantes pressões do Ocidente, que era aliado das minorias étnicas e anticomunista<sup>84</sup>.

Outra possível exceção poderia ser o General Stilwell, que detestava Chiang Kai-Shek e defendia o apoio aos comunistas chineses. A opção por apoiar os comunistas na China foi realmente considerada, como se observa na missão da OSS que sondou a possibilidade de suprir armas ao exército de Mao Zedong (HOGAN JR., 1992, p. 124). O AFPFL era predominantemente socialista ou marxista, por causa de seu conteúdo anticolonial, à possível exceção do grupo dos Thakins ultranacionalistas, personificado por Ne Win.

Caso os Estados Unidos tivessem optado por uma aliança com os comunistas, era provável que a Birmânia fosse atraída pelo eixo Estados Unidos-China. Entretanto, como isso não aconteceu, os Norte-Americanos foram responsáveis diretos pela perpetuação do conflito na região norte da Birmânia, dando apoio aos exilados do Kuomintang e financiando o banditismo. Estas atividades secretas seriam também responsáveis pela ameaça de invasão da China Popular, considerada a maior ameaça nacional por décadas.

Com relação à Grã-Bretanha, seus interesses durante a Segunda Guerra Mundial eram opostos aos dos Estados Unidos. Os Britânicos tentaram minar a liderança de Stilwell. A cooperação e convivência entre Indianos e Chineses durante esse período mostrou-se perigosa às ambições dos colonialistas, como ficou claro na carta do Vice-Rei a Churchill (MCLYNN, 2010, p. 129). Além disso, a reabertura da estrada para a China, agora vinda da Índia, abriria um grande corredor que acabaria com o monopólio inglês de transporte privado e conectaria os dois gigantes asiáticos. Os ingleses foram forçados pelos E.U.A. a aceitarem a construção da Estrada de Ledo (MCLYNN, 2010, p. 130).

Traçando um breve paralelo com o mundo contemporâneo, hoje as mesmas rotas estão sendo reabertas entre Índia e China, mas por motivos completamente diferentes.

---

<sup>83</sup> Diferente da Indonésia, por exemplo, que teve o apoio inicial dos Estados Unidos.

<sup>84</sup> A maioria dos políticos nos Estados Unidos acreditava que U Nu era comunista e que era forte aliado da China Popular. Entretanto, como veremos no próximo capítulo, ele apenas se aproximou da China de Mao pela manutenção da paz na relação entre os dois países, fruto principalmente do interesse comum em desmantelar o Kuomintang, que havia fugido para o norte da Birmânia.

Nesse sentido, uma obra em especial de Thant Myint-U é fundamental para entendermos como Mianmar pretende se inserir no mundo atual. *Where China Meets India: Burma and the New Crossroads of Asia* foi publicado em 2011 e considera que Mianmar pode se tornar a fiadora da integração entre as duas potências. É de interesse mútuo que as regiões populosas no leste Indiano e no sul da China se desenvolvam, visto que elas estão atrasadas em relação ao resto do país, assim como Mianmar. Entretanto, é necessário que se diminua os grandes focos de tensão entre as duas nações em franca ascensão<sup>85</sup>.

Índia e China têm diversas disputas políticas, tanto na Caxemira, quanto na Ásia Central e até mesmo no Mar do Sul da China. A tentativa de aproximação entre as duas Potências é tênue e contida, em parte, pelos interesses Ocidentais. Assim como os Britânicos não desejavam que Índia e China entrassem em contato, hoje as Grandes Potências do Ocidente também não estão interessadas na cooperação entre os dois países emergentes. Isso fica claro pela tentativa dos Estados Unidos de aumentar a percepção de rivalidade entre os dois países, principalmente com a Teoria do Colar de Pérolas. O mito do *String of Pearls* foi creditado a Donald Rumsfeldt, então Secretário de Defesa dos E.U.A., afirmando que a China estaria alocando uma série de bases navais no entorno da Índia. Há provas concretas de que Mianmar não tem bases navais Chinesas, mas apenas uma estação de radar na Ilha de Coco (SELTH, 2007).

Pela proposta do presente trabalho, este se limita apenas a assinalar brevemente a importância atual de Mianmar na Ásia. O foco desta obra é demonstrar as principais ameaças à soberania, originadas nos eventos até 1950. Mianmar merece a atenção dos estudiosos de relações internacionais, especialmente aqueles que se interessam pelas Relações Internacionais da Ásia.

O próximo capítulo procura definir de forma clara as principais ameaças ao Estado Birmanês que se impuseram na independência e que continuam sem solução nos dias de hoje.

---

<sup>85</sup> Para o aprofundamento do tema, indica-se a leitura de Vizentini (2011) e Jornada (2008).

### **3. Insurgência das minorias étnicas, forças políticas descentralizadoras e intervenção externa: as três ameaças à sobrevivência da Birmânia**

O terceiro capítulo procura aprofundar-se nos desdobramentos do pós-guerra e posteriormente do nascimento da Birmânia independente até 1950<sup>86</sup>. O período de 1945-1950 influenciou profundamente o destino da Ásia e de seus povos, possivelmente ainda mais do que a Segunda Guerra Mundial<sup>87</sup>. O foco estará na independência da Birmânia, que cristalizou as três principais ameaças à soberania nacional: a insurgência das minorias étnicas, as forças políticas descentralizadoras e a intervenção externa.

Com relação à insurgência das minorias, ela foi facilitada pelos oficiais britânicos que permaneceram no país e também pela militarização do país durante a Guerra (especialmente os Karens, que já faziam parte do exército colonial). No papel de forças políticas descentralizadoras, os líderes budistas passaram a dividir seu poder regional com os insurgentes comunistas e com diversas milícias. Outra ameaça descentralizadora surgiu da invasão do Kuomintang, que estabeleceu o controle de regiões próximas à fronteira, sendo inalcançáveis pelo governo da Birmânia. No âmbito da intervenção externa, o colonialismo Britânico foi sendo substituído pelo embate entre as Potências Ocidentais e o Comunismo. A Revolução Chinesa influenciou diretamente o destino da Birmânia através da expulsão do Kuomintang e do apoio ideológico ao PCB. Os Estados Unidos também foram peça chave na ameaça à soberania por realizarem operações encobertas da CIA no país.

Três episódios na Birmânia marcaram a cristalização dos desafios internos: A morte de Aung San, a influência do Comunismo (através da insurgência interna e da Revolução Chinesa, que causou a invasão do Kuomintang) e também a insurgência da etnia Karen. Estes episódios foram o ponto de partida para os desdobramentos do pós-independência. A relação do conflito interno com a ingerência de outros países na região determinou a existência das três principais ameaças à soberania (insurgência das minorias, forças políticas descentralizadoras e intervenção externa).

---

<sup>86</sup> Para fins de corte metodológico, pois eventualmente a obra é permeada por eventos posteriores a 1950, que auxiliam na compreensão do trabalho.

<sup>87</sup> Entretanto, não podemos negligenciar a importância da Guerra. A ocupação japonesa havia modificado para sempre as mentes dos povos no Sudeste Asiático. A Ásia não foi um front menor do que a Europa. Houve 24 milhões de mortos na Ásia, numa guerra mais duradoura e mais letal. O impacto foi maior porque essas sociedades nunca haviam experimentado uma guerra em larga escala e com tecnologias tão destruidoras. A Guerra na Ásia foi o maior conflito na região desde as invasões mongóis.

### 3.1 As intervenções britânicas no Sudeste Asiático

Inicialmente, será analisado o fim da colonização Britânica. Ao final de 1945 a Índia já estava encaminhando sua independência e seria impossível manter o controle da Birmânia sem a utilização dos exércitos indianos. Muitos desafios se colocavam frente aos interesses Europeus na Ásia e os eventos que ocorreram tanto na ocupação da Indochina e da Indonésia quanto na independência da Índia influenciaram diretamente no destino da Birmânia.

A Inglaterra passou a representar os interesses coloniais europeus através das operações da SEAC. Para Mountbatten, era necessário que a Grã-Bretanha negociasse as independências para escapar da ameaça comunista e do radicalismo. O antigo primeiro ministro Churchill e Dorman-Smith (então governador da Birmânia) consideravam como inviolável a colonização sobre a Birmânia. A atuação Britânica no Sudeste Asiático acabou determinando a predominância da visão de Mountbatten sobre os conservadores britânicos.

No caso da Indochina, os Britânicos interviram além do necessário para a retirada dos Japoneses. Observando o crescimento do Viet Minh, o General Gracey auxiliou os Franceses a darem um golpe contra o novo governo independente e manteve a ordem através da supressão dos movimentos nacionalistas rebeldes. Os conservadores não tinham noção do ressentimento e desolação das populações locais (BAYLY e HARPER, 2010, p. 117-119).

Na Indonésia, da mesma forma, o controle social pelas tropas britânicas foi respondido com violência extrema. Mountbatten então buscou abrigo nos socialistas locais para impedir o caos. Os Britânicos se retiraram às pressas devido à desmoralização dos soldados e à pressão da opinião pública interna. A principal questão que norteou a política Britânica para a Ásia era até onde valeria a pena manter o controle formal sobre a colônia. No caso da Indochina, os comunistas cortaram totalmente os laços econômicos por causa da intransigência da França para negociar.

Attlee e Mountbatten preferiram negociar a independência com Birmânia e Índia para evitar que os nacionalistas moderados fossem suplantados em apoio popular pelos comunistas e radicais. No caso da Malásia, os Britânicos organizaram a independência gradual, sempre mantendo em primeiro lugar seus interesses econômicos e

estratégicos<sup>88</sup>. Isso foi possível devido às contradições entre Malaios e Chineses (ambos representavam 40% da população) e à aliança com os nacionalistas moderados Malaios contra os Chineses predominantemente comunistas.

Com a emergência da Guerra Fria, era fundamental que se controlasse qualquer movimento comunista, sendo preferível negociar a independência com grupos menos radicais do que perder toda a influência sobre suas antigas colônias. Por toda a Ásia começava a se falar em uma “Terceira Guerra Mundial”, envolvendo os movimentos comunistas ou de libertação da Ásia contra o Ocidente (BAYLY e HARPER, 2010, p. 146).

### 3.2 A luta pela independência

Os eventos que ocorreram desde a chegada dos Aliados até o acordo entre Aung San e Attlee, em janeiro de 1947, consolidaram o birmanês como o líder nacional e o AFPFL como o único grupo dominante. As contradições internas do partido seriam resolvidas somente após a garantia da independência. Até 1947, o embate entre os políticos conservadores (representados por U Saw) e os nacionalistas radicais dominou a disputa interna por legitimidade.

Na chegada dos Aliados em setembro de 1945 foi feito um acordo devido à presença de japoneses na Birmânia<sup>89</sup>. O acordo estabeleceu que cinco mil homens do BNA seriam aproveitados para a criação de um novo exército misto de Aliados e Birmaneses chamado Burma Army. O *establishment* temporário permitiria que os britânicos e americanos abastecessem o país (BAYLY e HARPER, 2010, p. 62). Diferentemente da Índia, onde os nacionalistas treinados pelo Japão foram integrados ao exército regular, o Burma Army continuou dividido entre os batalhões do BNA e os antigos batalhões coloniais. Essa divisão facilitou o motim de 1948-1949 e fomentou as disputas étnicas<sup>90</sup>.

Nessa nova fase começou a disputa por legitimidade entre os governos do AFPFL e de Dorman-Smith (que retornava da Índia). Aung San havia se apresentado na

---

<sup>88</sup> Os Britânicos concentraram a maioria de seus esforços na nova colonização da Malásia, através da criação da União Malaia, um Estado artificial administrado pelos ingleses. A colônia era a fonte mais importante de recursos, incluindo a borracha e o estanho, além de representar um ponto estratégico no Estreito de Malaca, onde foi construída uma fortaleza militar (BAYLY e HARPER, 2010, p. 97).

<sup>89</sup> Os Britânicos não sabiam quais divisões se entregariam e quais lutariam até a morte. Na cultura militar dos Japoneses a rendição era tão humilhante que muitos preferiam até mesmo o suicídio.

<sup>90</sup> Em parte também porque os Britânicos não cumpriram o acordo de recrutamento, que substituiria progressivamente os batalhões coloniais por novos recrutas.

chegada dos Aliados como o único representante legítimo do país, excluindo os grupos fora do AFPFL. O Partido Conservador Britânico queria manter a Birmânia colonial por pelo menos mais cinco anos até tornar-se domínio, enquanto o AFPFL queria a independência imediata e a saída da Commonwealth.

Os nacionalistas moderados, por sua vez, desejavam um acordo com os Britânicos para que o país não ficasse desamparado após a independência, a própria Índia de Nehru continuou na Commonwealth. Entretanto, o apelo popular do AFPFL e o trauma da colonização barraram qualquer apelo popular dos antigos políticos conservadores. Mais do que isso, o retorno de Dorman-Smith significou a volta das empresas estrangeiras (BAYLY e HARPER, 2010, p. 65).

Aung San retirou-se do papel militar no BNA para assumir o comando do AFPFL, mas sem abrir mão de sua milícia, chamada de People's Voluntary Organizations (PVOs). Assim ele poderia manter o controle político do país através da coerção, demonstrando que nem mesmo o mais hábil político era capaz de governar sem sua milícia pessoal. O político ainda contou com a simpatia de Mountbatten para auxiliá-lo nas negociações junto a Attlee.

O AFPFL fez questão de excluir totalmente o papel das minorias na libertação do país frente aos Japoneses, atribuindo a reconquista da Birmânia ao BNA (PIKE, 2010, p. 204). Os Britânicos estavam limitados pelo envolvimento no experimento da União Malaia e pela independência da Índia, que só permitiu a utilização de tropas do Exército Indiano para intervenções na Birmânia. Por conta disso e da maior simpatia dos trabalhistas britânicos pelos nacionalismos não comunistas, o caminho para a independência foi aberto.

Dorman-Smith tentou formar um governo de coalizão com políticos tradicionais locais, mas foi barrado pelo poder popular de Aung San, que promoveu uma paralização de 100 mil trabalhadores em setembro de 1946 (BAYLY e HARPER, 2010, p. 188). Devido ao estado de saúde precário de Smith, ele foi substituído por Hubert Rance, que era o braço direito de Mountbatten.

Rance avaliou a situação local como preocupante. O novo governador se encontrou com U Saw, que tentava convencê-lo a formar um governo birmanês moderado. Entretanto, Rance era ciente do papel fundamental e irreversível do AFPFL. A única ressalva era a presença do Partido Comunista da Birmânia (CPB) no AFPFL e Aung San teve de trair seus antigos colegas para alcançar um acordo. Hubert Rance

acelerou o processo de independência, estabelecendo um conselho executivo de transição comandado pelo AFPFL e com a presença de U Saw e Ba Maw.

A decisão de Aung San foi facilitada pela divisão do CPB em Red Flags e White Flags em março de 1946. Os primeiros, maoístas de Thakin Soe, eram a favor da luta armada pela libertação, enquanto Than Tun e seus seguidores preferiam os meios democráticos<sup>91</sup>. Os comunistas prontamente acusaram o AFPFL de ser fantoche dos Britânicos (BAYLY e HARPER, 2010, p. 194). Essa acusação ilustrava bem o que era a liderança de Aung San e de seu “front unido”, mostrando que qualquer passo em falso poderia tê-los levado à mesma rejeição de U Saw.

A cisão entre os comunistas nunca foi resolvida, mesmo quando Than Tun e o PCB se uniram à luta armada. Mais tarde se formaria outro partido comunista chamado National United Front (NUF), resultado de dissidências do AFPFL, fato que ocasionou um pretexto para o golpe militar de 1962. Entretanto, o *momentum* para a revolução foi em 1948 e a divisão entre facções auxiliou o governo central, impedindo um golpe comunista.

Em janeiro de 1947 uma delegação nacionalista (membros do AFPFL e o grupo de U Saw) viajou à Inglaterra para negociar a independência. Attlee e U Saw desejavam que a Birmânia continuasse na Commonwealth e participasse de tratados de comércio e segurança. No entanto, o debate mais importante dizia respeito às minorias étnicas, que até hoje se constituem no principal problema do país. A Grã-Bretanha estaria disposta a conceder a independência somente se os Birmaneses fossem capazes de manter o território unido (BAYLY e HARPER, 2010, p. 221). Dias depois implodiu a insurgência comunista na Birmânia liderada pelos Red Flags. Em 21 de janeiro uma tentativa de golpe de Estado foi frustrada em Rangoon, alertando os líderes nacionais em Londres. Em 27 de janeiro o acordo de independência foi firmado.

O Acordo Aung San-Attlee estabeleceu que houvesse eleições no mesmo ano e a independência seria concedida em 1 de janeiro de 1948. A nacionalização da economia não foi resolvida devido à intransigência do AFPFL, que perderia apoio se permitisse a permanência de qualquer empresa estrangeira. Com relação às minorias, seria organizado um encontro em Panglong entre as lideranças nacionais e os chefes locais.

Após a morte de Aung San em julho de 1947, seu colega U Nu assumiu o governo, fazendo alguns ajustes na política nacional. Ao contrário de Aung San, U Nu

---

<sup>91</sup> Pelo menos naquele momento, enquanto se negociava a independência.

tinha forte ligação com o Budismo, mas foi o responsável por tentar a reconciliação com os comunistas. Essa aproximação se deveu à fragilidade de seu comando dentro do AFPFL, onde os militares passaram a ter forte influência. Para manter a ordem após o início das insurgências, U Nu assinou um acordo de defesa com a Grã-Bretanha, não havendo outra saída.

A independência, ao contrário das expectativas locais, foi uma maldição incurável para Aung San e os Birmaneses. Teve início a inevitável insurgência comunista, juntamente com a agitação no interior do país e a ameaça de desintegração territorial. Todas essas ameaças foram agravadas pela intervenção externa. Três episódios internos determinaram o destino da Birmânia independente e trouxeram graves consequências a atual Mianmar: a morte de Aung San, os separatismos étnicos e a insurgência comunista. Junto a cada um destes episódios houve interferência externa, demonstrada abaixo em relação aos desafios iniciais da Birmânia independente (Quadro 2)<sup>92</sup>.

---

<sup>92</sup> Este quadro foi elaborado a fim de simplificar para o leitor o entendimento da interferência externa nos principais conflitos da Birmânia no pós-independência. O excesso de informações deste capítulo pode ser contornado em parte pelo esquema do Quadro 2.

**Quadro 2. Relação entre conflitos internos e intervenção externa**

<b>Desafios Internos</b> <b>Desafios Externos</b>	<b>Morte de Aung San</b>	<b>Insurgência Comunista e Invasão do Kuomintang</b>	<b>Separatismo étnico</b>
<b>Oficiais e agentes Britânicos (Conservadores Britânicos)</b>	Desvio de armamentos para a milícia de U Saw	–	Conselheiros e apoiadores dos rebeldes Karen
<b>Operações da CIA (Estados Unidos)</b>	–	Apoio direto ao Kuomintang com suprimentos e agentes em campo. Auxiliou na invasão ao estado Shan	Substituição das elites do norte da Birmânia pelo Kuomintang e o negócio do ópio
<b>Revolução Chinesa (China Popular)</b>	–	Suporte ao Partido Comunista (PCB) e incursões de combate ao Kuomintang	–

Fonte: Elaboração própria do Autor.

### 3.3 A morte de Aung San

Antes da explicação propriamente sobre o assassinato de Aung San, será retomada a discussão sobre seu caráter e visão política. A questão fundamental que norteia esse debate é: Caso Aung San tivesse sobrevivido, ele teria sido o herói

nacional, promotor do nacionalismo em conjunto com a conciliação interna? Ou teria agido da mesma forma que seu colega Ne Win, estabelecendo um Estado pretoriano e ultranacionalista?

Qualquer que fosse o exercício intelectual, ele não seria perfeitamente conclusivo por ser apenas contrafactual. Entretanto, cabe ressaltar alguns indicativos que nos auxiliam a analisar o espectro político da Birmânia independente. O maior argumento de legitimação da ditadura militar iniciada em 1962<sup>93</sup> é a afirmação de Aung San que a democracia seria boa somente se atendesse ao interesse do povo (BAYLY e HARPER, 2010, p. 65). Portanto, o Tatmadaw (Forças Armadas) se achou no direito de intervir quando a democracia não tivesse resultados positivos.

O problema do seu legado é que ele foi distorcido pelos interesses da facção ultranacionalista do exército, liderada por Ne Win. O culto à personalidade de Aung San era tão forte que o AFPFL se dividiu em duas facções em 1958. As duas reivindicavam estarem de acordo com as políticas do mártir, interpretando-as de forma diferente<sup>94</sup>. A divisão no grupo, as ameaças externas e o retorno dos comunistas à democracia (através do National United Front) foram as causas do primeiro golpe de Estado, proibindo a utilização da imagem de Aung San.

O único motivo para Ne Win proibir a utilização da imagem de Aung San é porque ele a utilizaria para si próprio (HOUTMAN, 2007, p. 181-182). Além disso, Ne Win acreditava que sua legitimidade deveria se alicerçar não somente na sucessão dentro do mito fundador (os Thirty Comrades), como também no passado imperial e na religião budista (JORDT, 2007, p. 184). O General casou-se com Yadana Nat Mei, considerada a sucessora sanguínea do Rei Thibaw, o último rei da Birmânia. A partir deste panorama, podemos compreender as questões que perpassavam a mente de Ne Win (e o imaginário da população). Este acreditava no ultranacionalismo e na solidariedade entre os Birmaneses como única forma de superação dos dilemas da Birmânia. O Tatmadaw não era composto somente pela facção de Ne Win, mas a sua participação na manutenção da ordem e da segurança interna tornou-o líder incontestável.

---

<sup>93</sup> E que governou o país até 1988, quando foi substituída por uma junta de transição que governa o país até hoje.

<sup>94</sup> Ou seja, era a cisão oficial entre o ultranacionalismo isolacionista (facção *stable*) e o federalismo neutralista (facção *clean*).

O documento utilizado pelo historiador Dr. Maung Maung<sup>95</sup> para transformar Aung San em um antedemocrata foi o *Blueprint for a Free Burma*. Esse documento havia sido publicado na época da ocupação Japonesa e serviu de “cartilha” para a ditadura militar após 1962. Ele era uma espécie de manual fascista para governar a Birmânia independente, advogando a criação de um partido único e exaltando a superioridade da etnia Birmanesa. O *Blueprint* estava escrito com a letra de Aung San e por isso foi creditado a ele. A pergunta que devemos nos fazer é: Mesmo se fosse o autor do *Blueprint*, Aung San escreveria um documento socialista estando sob a supervisão de oficiais Japoneses em Tóquio? O mais provável é que ele tenha seduzido a alta cúpula para barganhar melhores condições após a independência.

É possível desmistificar a autoria do documento por algumas observações simples. Um exemplo claro disso é que o documento trata a Birmânia como um Estado vassalo do Japão e não há sequer uma vez a menção ao socialismo. Se formos analisar qualquer discurso de Aung San, encontraremos elementos completamente opostos, como, por exemplo, este do dia 23 de maio de 1947, feito em uma convenção do AFPFL:

Apenas a verdadeira democracia pode trabalhar para o verdadeiro bem do povo, verdadeira igualdade de status e oportunidade para todos, independentemente de classe ou raça ou religião ou sexo [...] Deve haver provisões [na Constituição] para os direitos fundamentais dos cidadãos independentemente de raça, religião ou sexo [...] [N]inguém pode negar que os Karens são [...] uma minoria nacional [...] Portanto, devemos conceder a eles os direitos de uma minoria nacional [...] Agora, quando construirmos nossa nova Birmânia, devemos construí-la como uma União [federação] ou um Estado Unitário? Na minha opinião não será possível implantar um Estado Unitário. Nos devemos organizar uma União com provisões propriamente reguladas que devem ser feitas para salvaguardar os direitos das Minorias Nacionais. Devemos nos dar conta de que ‘Unidos nós resistimos’ e não ‘Unidos cairemos’.<sup>96</sup> (TUCKER, 2001, p. 152).

A importância de fazer jus à imagem e ao legado de Aung San é fundamental para compreendermos que ele e os nacionalistas federalistas (incluindo a facção budista

<sup>95</sup> Houtman é categórico em desqualificar o trabalho deste historiador. Maung Maung era General do Tatmadaw e assistente de Ne Win, sendo indicado como seu sucessor no governo birmanês. Entretanto, muitos acadêmicos se baseiam em suas obras, que incluem até mesmo uma biografia de Aung San. Provavelmente foi desta corrente que Francis Pike concluiu que Aung San era fascista.

<sup>96</sup> Only true democracy can work for the real good of the people, real equality of status and opportunity for everyone, irrespective of class or race or religion or sex. ... There must be provisions [in the Constitution] for the fundamental rights of citizens irrespective of race, religion or sex. ... [N]obody can deny that the Karens are ... a national minority. ... Therefore, we must concede to them the rights of a national minority. ... Now, when we build our new Burma shall we build it as a Union [federation] or a Unitary State? In my opinion, it will not be feasible to set up a Unitary State. We must set up a Union with properly regulated provisions as should be made to safeguard the rights of National Minorities. We must take care that ‘United we stand’ not ‘United we fall’.” Tradução Livre do Autor.

de U Nu) foram eliminados pela elite chauvinista do Tatmadaw. O governo militar manteve sua legitimidade baseada em uma ilusão e, principalmente, em uma traição. O Tatmadaw, como única instituição sólida do país, trilhou sua ascensão baseado na eliminação e no enfraquecimento das facções rivais. A insolubilidade dos problemas de Mianmar muito tem a ver com a ausência da mediação política entre instituições e até mesmo dentro dos partidos, além de outros fatores que serão explorados adiante.

Vamos então ao fatídico episódio do assassinato de Aung San. No dia 16 de julho de 1947, três dias antes do ataque, Hubert Rance encontrou evidências preocupantes. Em telegrama a Londres, ele afirmou que um falso pedido levou à entrega de 200 Sten Guns a “pessoas desconhecidas” por parte do Depósito do Comando da Birmânia havia três semanas. Ao mesmo tempo, 125 mil balas de munição haviam desaparecido. No dia 19 de julho, logo pela manhã, Rance recebeu um relatório informando que Aung San e cinco membros do Conselho Executivo haviam morrido em um ataque de três homens armados com rifles e Sten Guns, os mesmos roubados do depósito semanas antes (BAYLY e HARPER, 2010, p. 227-228).

Logo as investigações chegaram até U Saw, o suspeito perfeito e sedento por vingança. U Saw tinha sofrido um ataque meses antes enquanto negociava com Rance. Ele escapou com vida de tiros disparados por homens vestidos com o uniforme do AFPFL. No dia seguinte todos tinham certeza de que Aung San estava por trás dos ataques (BAYLY e HARPER, 2010, p. 190-191).

Até hoje boa parte da historiografia credita a morte de Aung San ao interesse Britânico por trás de U Saw, mas esta é outra falácia<sup>97</sup>. Mya Hlaing, um dos participantes do atentado contra U Saw, confessou ter sido enviado por Ne Win. De acordo com ele, seu ajudante Yangon Ba Swe foi o responsável por atirar contra Saw, com instruções explícitas para não feri-lo gravemente. Após o crescimento dos rumores sobre um possível ataque contra Aung San, Ne Win se voluntariou para cuidar de sua segurança pessoal (TUCKER, 2001, p. 156).

Curiosamente, Ne Win dispensou a ajuda dos suboficiais Britânicos que faziam a ronda do Conselho Executivo. Em seu lugar, foi colocado Yangon Ba Swe, que assinalou para a ronda soldados recém recrutados dos PVOs (TUCKER, 2001, p. 156) e

---

<sup>97</sup> Encoberta não somente pelo governo de Mianmar, como também pela inteligência Britânica, que nunca liberou os documentos sobre a morte de Aung San. A BBC lançou um documentário em 1997, chamado “Quem matou Aung San?”, onde afirma que interesses econômicos Britânicos levaram U Saw a realizar o ataque. Observando seu *post mortem*, os únicos interesses que não chegaram perto de se concretizarem foram as aspirações das antigas elites coloniais.

(BAYLY e HARPER, 2010, p. 228). Aung San e Ne Win nunca foram amigos, pelo contrário, tinham conflitos desde o treinamento dos Thirty Comrades (TUCKER, 2001, p. 42). É importante ressaltar que as evidências são inconclusivas, mas participando diretamente ou não, Ne Win foi o grande beneficiado da morte de seu compatriota e não os Britânicos.

Também não podemos negligenciar que outras figuras se tornaram inimigas de Aung San, como o primeiro ministro britânico Clement Attlee. Ele se sentiu traído pelo não cumprimento da promessa de manter a Birmânia na Commonwealth, fato que o enfraqueceu internamente. Há rumores de que ele sabia do atentado e até mesmo deu sua aprovação (BAYLY e HARPER, 2010, p. 230).

É difícil prever o futuro da Birmânia se Aung San estivesse vivo, mas podemos afirmar que ele provavelmente não seria tão tenebroso e instável. Um paralelo bastante interessante é a liderança de Sukarno na Indonésia e sua política do *pancasila* de “união pela diversidade”. Ele conseguiu criar um Estado multiétnico sem precedente histórico, apenas baseado nas fronteiras coloniais. Sukarno não impediu o golpe militar na Indonésia, mas consolidou sua ideologia no país. Os militares, ao assumirem o governo, continuaram com o *pancasila* como ideologia. A Birmânia poderia ter seguido por caminho semelhante, exceto pela permanente intervenção externa de China e Estados Unidos.

Aung San era o único político Birmanês respeitado pelas minorias, especialmente os Karens, que logo se revoltariam contra o governo independente. Ele se provou um político hábil, capaz de convencer Japoneses e Britânicos de sua boa vontade, mas sempre mantendo seu objetivo maior de libertar o povo da Birmânia em primeiro lugar.

O importante é compreender seu papel como maior líder da Birmânia e identificar a eliminação de facções rivais como parte da legitimação de um governo unitário. A utilização distorcida de sua imagem manteve por décadas a coesão interna através do regime militar. Em 1947 foi encerrado o federalismo laico, representado por Aung San e todos os seis membros do seu Conselho Executivo que também foram assassinados<sup>98</sup>.

---

<sup>98</sup> Um deles, inclusive, era Mahn Ba Khaing, presidente da juventude dos Karens. Outro era Ba Win, o irmão mais velho de Aung San. Thakin Mya, um dos grandes líderes do PRP, também morreu no atentado.

### 3.4 A insurgência dos Karens: ameaça de desintegração da União

A tarefa de reconstrução do país parecia inalcançável após a morte do líder Aung San, em parte devido à sua relação pessoal com as minorias étnicas. Durante a Segunda Guerra Mundial o Exército Birmanês se aproveitou da invasão Japonesa para fazer um “acerto de contas” com os Karens. Diferentemente da maioria das etnias minoritárias, os Karens viviam em meio aos Birmaneses na região sudeste do país e por isso foram a escolha preferida para o exército colonial.

Aung San havia sido responsável por um assassinato, alardeado por Dorman-Smith e por autores que acreditaram que ele participou da “orgia das mortes” (PIKE, 2010, p. 202). Entretanto, o assassinato do chefe muçulmano por Aung San foi uma medida de ordem. Abdul Rashid era acusado pela população de manter escravos em seu vilarejo. No meio da desordem, a mensagem aos chefes locais não poderia ser menos contundente (BAYLY e HARPER, 2010, p. 172-174). Os conservadores Britânicos estavam ávidos por julgar Aung San, recalcados pela facilidade com que ele conquistou a independência junto ao Partido Trabalhista Britânico.

Caso a ordem de prisão dada por Dorman-Smith não tivesse sido interceptada, a Birmânia teria entrado em guerra civil imediatamente. De modo geral, Aung San agia de forma compreensiva com as minorias, visitando o estado Shan e regiões de maioria Karen após a Guerra. Isso era facilitado pelo seu projeto de Estado laico e unionista-federalista (BAYLY e HARPER, 2010, p. 224).

Durante as negociações pela independência, ficou acertado no Acordo Aung San-Attlee que haveria uma conferência em Panglong no estado Shan. Em fevereiro de 1947, representantes do AFPFL se reuniram com os principais líderes das minorias étnicas e um enviado Britânico.

A Grã-Bretanha tinha interesse em manter as boas relações com as minorias, especialmente os oficiais que haviam lutado lado a lado com os nativos durante a Guerra e agora tinham uma dívida de gratidão. Entretanto, Aung San reuniu-se com o enviado para avisá-lo sobre a influência dos fatos na Índia para a Birmânia e que a desintegração do Estado não seria permitida<sup>99</sup> (BAYLY e HARPER, 2010, p. 224). Pior

---

<sup>99</sup> A Índia estava em vias de ser particionada entre o Hindustão (atual Índia) e o Paquistão, que também englobaria a região de Bengala (atual Bangladesh). Os conflitos comunais levaram a dezenas de milhares de mortes e milhões de refugiados. A única solução encontrada por Mountbatten foi a secessão.

ainda, se temia que os Britânicos nunca libertassem os estados sob a tutela do Frontier Area Administrations.

A questão norteadora do Acordo de Panglong e do futuro do Estado Birmanês dependia de dois fatores interdependentes: a ingerência externa nas fronteiras<sup>100</sup> e a divisão entre os projetos de Estado federalista e unitarista. A intervenção foi definida pelo interesse das Grandes Potências, enquanto o projeto de Estado dependia dos rumos do nacionalismo. Em última instância, a ingerência externa condicionou a política interna.

Como resultado preliminar do Acordo, foi garantida a participação das minorias com 20 assentos de um total de 210 parlamentares. Além disso, o estado Shan foi classificado como estados autônomo (e, a partir de 1950, também o estado de Kayah), com o direito de separação da União após dez anos. Os estados Kachin e Chin também tiveram sua autonomia assegurada (GRAVERS, 1999, p. 47). Essas regiões fronteiriças só se tornariam um problema real por causa do *spillover* da Revolução Comunista Chinesa e também da própria insurgência comunista interna<sup>101</sup>.

A real ameaça separatista após a independência veio dos Karens. O Karen National Union (KNU) era o principal porta-voz da resistência e uma de suas primeiras atitudes foi boicotar as eleições em 1947. Essa atitude demonstrou que os Karens seriam os únicos a não aceitarem participar da União, postura que só seria revisada em 1976<sup>102</sup>. Num primeiro momento, Aung San tentou conciliar os interesses da elite cristã dos Karens com a formação do Estado, afirmando que o Budismo não seria a religião oficial do país<sup>103</sup>. Ele ainda convidou os Britânicos para prestar consultoria sobre a participação das minorias no parlamento (BAYLY e HARPER, 2010, p. 225).

A resistência dos Karens esteve diretamente ligada à intervenção externa e pelo medo de genocídio por parte do Tatmadaw. O Exército estava cada vez mais associado a uma corrente ultranacionalista, conforme o grupo de Ne Win subia no ranking militar. O General criou sua própria milícia criminal em 1948, chamada Sitwundan. Essa milícia era acusada de promover atos terroristas contra as minorias. O crescimento do

---

<sup>100</sup> Em 1947 os maiores conflitos internos da Ásia moderna atingiam seu auge, entre eles o conflito Hindu-Muçulmano, que impactou na fronteira com a Índia, e a Revolução Comunista Chinesa.

<sup>101</sup> Frequentemente as guerrilhas comunistas se refugiavam e lançavam ofensivas a partir das selvas interiores da Birmânia.

<sup>102</sup> Atualmente os Karens reivindicam apenas autonomia interna.

<sup>103</sup> As lideranças dos Karens eram oficiais cristãos anglófilos, enquanto boa parte da etnia era Budista. Havia grande polarização na etnia entre aqueles que queriam juntar-se à União e aqueles que queriam formar um Estado independente.

chauvinismo teve relação direta com a sabotagem britânica e distanciou a política do Tatmadaw do governo civil.

O lobby dos oficiais Britânicos em Londres continuava operando a favor das minorias. A Força 136 operava no Sudeste Asiático e havia rumores sobre sua participação no assassinato de Aung San. O fato é que oficiais da Força 136 ainda assessoravam os Karens, acreditando que eles eram importantes na luta contra o Comunismo. O contínuo enfraquecimento do governo central por conta da desolação econômica e da insurgência comunista fez o KNU expandir seus objetivos (BAYLY e HARPER, 2010, p. 280).

Em fins de agosto de 1948, os Karens ocupavam parte do Delta do Irrawaddy e o Tenasserim. Frente à ameaça maior da revolução comunista na Birmânia<sup>104</sup>, agentes do governo Britânico resolveram denunciar os oficiais da Força 136 que atuavam contra o interesse nacional. Os próprios Karens também tinham mais receio dos comunistas ateus do que do governo socialista. Para solidificar de vez a aliança anticomunista, o Comandante do Exército Birmanês<sup>105</sup>, o General Smith Dun da etnia Karen, declarou seu apoio incondicional a U Nu em setembro (BAYLY e HARPER, 2010, p. 283). Após essa declaração, os rebeldes Karens perderam força, perdendo os territórios ocupados um ano depois. Entretanto, a insurgência oficial do KNU somente se iniciou em janeiro de 1949, quando Smith Dun foi inevitavelmente substituído por Ne Win como chefe das Forças Armadas.

Apesar do clima de trégua entre as lideranças, a violência comunal entre Birmaneses e Karens continuou sendo suscitada pelas milícias criminais ligadas ao Tatmadaw. Por sinal, o Exército enfrentava uma crise forte. A incorporação do BNA no antigo exército colonial gerou polarização entre a facção das minorias e a facção ultranacionalista. No final de 1948 os batalhões Karen<sup>106</sup> foram dispensados por ameaça de amotinação (BAYLY e HARPER, 2010, P. 285). Finalmente, no início de 1949, Ne Win assumiria o comando do Tatmadaw com a missão de manter a coesão interna.

Com relação ao caso específico do estado Shan<sup>107</sup>, o que aconteceu na prática foi a retomada do poder dos chefes hereditários (*sawbwas*) por causa de sua colaboração com o AFPFL. Por conta de sua forte presença no leste da Birmânia, ao longo da

---

<sup>104</sup> E pior ainda, o medo do “Efeito Dominó” das revoluções comunistas.

<sup>105</sup> Smith Dun seria promovido a chefe das Forças Armadas algumas semanas depois. Ele era uma das figuras proeminentes do antigo exército colonial, ou seja, era indesejado pelos ultranacionalistas.

<sup>106</sup> Quatro dos quinze batalhões do Tatmadaw eram formados por Karens. E alguns outros por Chins e Kachins.

<sup>107</sup> Os Shans são a segunda maior etnia do país, com cerca de 9% da população total.

história os Shans frequentemente foram aliados ou tributários dos Birmaneses, gerando uma relação de autonomia e respeito aos *sawbwaws*. Seu governo regional só foi substituído em 1958, quando o Tatmadaw decidiu instaurar uma administração militar para controlar as atividades do Kuomintang. Em 1962, o estado foi incorporado de fato à administração central, principalmente por causa da possibilidade de secessão pelo cumprimento do prazo de dez anos após a independência.

A falta de controle sobre as minorias foi um dos fatores determinantes para a consolidação da supremacia de Ne Win e do Tatmadaw sobre o governo de U Nu. Essa situação se degradaria definitivamente em 1962 pela tentativa de U Nu em conciliar o país através do apoio aberto ao Budismo como religião oficial da Birmânia. Esta atitude sofreu resistência de várias minorias não budistas e do próprio AFPFL, que via esta tentativa como uma ameaça ao poder central. O maior erro de U Nu foi acreditar que essa medida resolveria os problemas do país, aliviando a pressão das facções rivais. Na verdade, se sua intenção tivesse sido concretizada, os mosteiros ganhariam muito poder político, dificultando ainda mais a consolidação do poder centralizado (AUNG THWIN, 2009, p. 17). Nesse sentido, o Exército foi a única instituição nacional capaz de manter o poder central, a ordem interna e impedir a desintegração da Birmânia. Por consequência, o projeto de Estado ultranacionalista foi o vencedor, através da ascensão de Ne Win.

### 3.5 A insurgência comunista

U Nu assumiu o governo da Birmânia após a morte de Aung San, em julho de 1947. Apesar de não ter todo o carisma e abrangência do líder nacional, U Nu era bem visto por Hubert Rance e pelos Britânicos, além de ser bastante respeitado pela sua religiosidade e inteligência<sup>108</sup>. Nas primeiras eleições da Birmânia, o AFPFL ganhou a imensa maioria dos votos e U Nu foi eleito para prosseguir seu mandato.

A principal dificuldade interna da Birmânia nesse período foi conciliar a política governamental com os objetivos das Forças Armadas. O governo socialista buscava resgatar Than Tun e o CPB (White Flags) para a coalizão do AFPFL, como forma de centralizar a política. Por outro lado, as facções ultranacionalistas do AFPFL e do

---

<sup>108</sup> Ele era um grande líder universitário, escritor e reformador do Budismo. Não acreditava no *karma* e tinha influência do socialismo como fonte de libertação.

exército cometiam assassinatos políticos a tecnocratas, como foi o caso de Tin Tut<sup>109</sup>, e procuravam suprimir as elites locais através do apoio às milícias.

A insurgência comunista, que já se manifestava desde o início de 1947, tornou-se crítica após a retirada dos Britânicos do país, em janeiro de 1948. O partido comunista sofreu uma cisão em 1946, culminando com a expulsão dos Red Flags de Thakin Soe. Para ele, a revolução deveria ser feita nos moldes da China Maoísta, enquanto Than Tun e os White Flags acreditavam na revolução pelos meios democráticos. Entretanto, ambos eram totalmente contra a conciliação com os Britânicos.

O PCB foi expulso do AFPFL em 1946 por ser contra a negociação da independência. U Nu acreditava que poderia convencer seu amigo Than Tun (agora líder do PCB) a voltar a fazer parte da coalizão de governo, o que enfraqueceria os revolucionários e abriria espaço para uma vitória comunista nas urnas, caso fosse a vontade do povo. Mas os acontecimentos internacionais e locais estavam indo cada vez mais a favor dos comunistas (BAYLY e HARPER, 2010, p. 229).

Assim como os Karens foram a maior ameaça de desintegração da Birmânia moderna, a insurgência comunista desafiou a centralização política e a própria sobrevivência do Estado. Observando a fraqueza do governo e do Tatmadaw, U Nu aceitou a ajuda Britânica por dois motivos fundamentais: a economia não poderia sobreviver sem investimento externo e o país não conseguiria se defender sozinho das ameaças.

Por isso foi assinado o acordo Nu-Attlee de cooperação em defesa. Outro objetivo era acabar com o banditismo das PVOs de Aung San<sup>110</sup>, que estavam fora de controle e desafiavam o governo central. Mesmo assim, foi feita a nacionalização de boa parte da economia, incluindo a Irrawaddy Flotilla Company, as minas e as florestas de Teca<sup>111</sup> (BAYLY e HARPER, 2010, p. 269). Than Tun se revoltou com o acordo

---

<sup>109</sup> O caso de Tin Tut explicava bem no que havia se tornado a política na Birmânia. Ele era tido por muitos como a verdadeira mente por trás de Aung San, era provavelmente o melhor economista e administrador do país. Ele acertou os termos pelos quais a economia birmanesa seria nacionalizada e foi o grande formulador da primeira constituição nacional. Foi retirado do Ministério da Economia por não compactuar com os planos dos militares. Não conseguindo pôr em prática seus projetos nas Relações Exteriores, pediu demissão em agosto de 1948. Em 17 de setembro de 1948 foi assassinado num atentado à bomba dentro de seu carro.

<sup>110</sup> Os PVOs se dividiram em 1948 entre os leais ao governo e os insurgentes comunistas.

<sup>111</sup> Entretanto, na prática as empresas britânicas continuavam a operar. Somente com a nacionalização completa em 1963, no governo de Ne Win, o Estado monopolizou a extração de todos os bens, incluindo o petróleo.

Nu-Attlee e o PCB se juntou aos Red Flags na luta armada. Estava preparada a insurgência de grandes proporções, capaz de quase levar o Estado ao desmoronamento.

A política de defesa tinha discrepâncias entre o governo e o Tatmadaw. Enquanto U Nu tentava eliminar e controlar os bandos armados, o Tatmadaw buscava incorporar as milícias como instrumento de controle regional (BAYLY e HARPER, 2010, p. 272). O relato de Aung Thwin (2009) é preciso sobre o papel dos militares no pós-independência:

[...] para aqueles que como nós viveram na Birmânia nos anos 1950, o exército era obviamente a única instituição que podia prover lei e ordem. Era a única organização nacional disciplinada com cadeia de comando hierárquica que era realmente operacional. Ele era também a instituição secular mais respeitada na sociedade Birmanesa na época, tendo salvado a União do limite do desastre anteriormente quando os insurgentes estiveram às portas de Yangon [...] a poucas milhas do centro da cidade. [...] Ele era visto como o grupo que havia sido instrumental na aquisição da Independência [...] enquanto alguns de seus líderes, especialmente o General Ne Win eram considerados sucessores de Aung San. [...] Em suma, o Exército era uma das instituições mais admiradas para onde os jovens olhavam quando pensavam em suas carreiras.<sup>112</sup> (AUNG THWIN, 2009, p. 15)

Para os militares e parte da população, o exército sempre teve e sempre terá o papel central no Estado, pois eles se colocaram no papel de libertadores do país (através dos Thirty Comrades e do legado de Aung San) e de mantenedores da ordem contra o Separatismo e o Comunismo. Baseando-se nessas premissas, o Tatmadaw acreditava que a melhor forma de evitar o confronto político local era incorporar os bandos armados no treinamento e na hierarquia das forças armadas. Isso se fazia necessário principalmente porque as milícias tinham o controle do interior do país e começavam a se revoltar contra o governo pelas péssimas condições de vida da população. No entanto, a incorporação desses grupos trouxe os mesmos problemas estruturais que continha o BIA<sup>113</sup>. A influência da doutrina de guerra do Japão sobre o Tatmadaw também foi determinante, impedindo que houvesse diálogo com as missões de treinamento militar Britânicas (BAYLY e HARPER, 2010, p. 272).

---

<sup>112</sup> “[...] to those of us who lived in Burma during the 1950s, the army was obviously the only institution that could provide law and order. It was the only disciplined, national organization with a chain of command from top to bottom that was actually operational. It was also the most respected secular institution in Burmese society at the time, having saved the Union from the brink of disaster earlier when the insurgents were at the doorsteps of Yangon [...] only a few miles from city center. [...] It was regarded as the group that had been instrumental in the gaining of Independence [...] while some of its leaders, especially General Ne Win were considered direct successors of Aung San [...] In short, the Army was one of the most admired institutions to which young people looked for their future careers.”

Tradução livre do autor.

<sup>113</sup> Ver página 38.

Por sua vez, o governo de U Nu não tinha poder de barganha nem controle do que acontecia além de Rangoon e Mandalay. A nacionalização da economia esbarrou nas atividades ilegais das empresas britânicas, que continuavam a operar livremente no país. As promessas de bem estar e liberdade não cumpridas pela fraqueza do governo de U Nu germinaram a insatisfação local, mas o elemento determinante para o fracasso do Estado foi o ambiente internacional. Para Mikael Gravers, por exemplo, a colonização britânica se somou à influência posterior da Índia, da China e dos Estados Unidos (através da CIA) como principal fator que impediu a formação de um Estado plural (GRAVERS, 1999, p. 51).

No plano exterior, o relativo sucesso dos comunistas na Índia deu motivação à revolução na Birmânia, além de contatos com outros grupos, como os comunistas britânicos. O Cominform se preparava para fomentar as revoluções no Sudeste Asiático como havia feito no Leste Europeu. A influência maoísta passou a ser sentida após o *spillover* da Revolução Comunista na China, que deu novas perspectivas aos comunistas na Ásia, além de trazer desertores nacionalistas para as regiões do norte (BAYLY e HARPER, 2010, p. 274).

A revolução comunista teve início em abril de 1948 e, com ela, a inconstância do governo Birmanês. Ao mesmo tempo em que o governo negociava secretamente a ajuda dos Britânicos, publicamente denunciava o imperialismo e tentava chegar a um acordo com os comunistas (BAYLY e HARPER, 2010, p. 276). Nenhuma das táticas teve sucesso, pois a essa altura o lado mais fraco entre os três era certamente o Estado Birmanês. A partir de agosto houve uma série de amotinções no exército, incluindo até mesmo algumas unidades do Burma Rifles, tidos como o esquadrão de elite. As tropas haviam sido enviadas para combater os comunistas e acabaram ajudando a formar um governo local (BAYLY e HARPER, 2010, p. 277). O ambiente interno denunciou as contradições entre o AFPFL, que cada vez mais perdia capacidade de centralização e o Tatmadaw, que sustentou a União através de sua expansão e da eliminação de grupos rivais, incluindo o próprio governo.

### **3.6 A influência da Revolução Chinesa (1949)**

O início de 1949 foi o período mais complexo e decisivo da história da Birmânia independente. O Tatmadaw se manteve na guerra civil com a ajuda da Índia de Nehru e

dos Britânicos. A principal preocupação de U Nu não era ser dominado pelos Karens, que avançavam rumo a Rangoon, mas sim a possibilidade que a invasão criava de um apoio da União Soviética aos comunistas da Birmânia (BAYLY e HARPER, 2010, p. 327). A Índia e a Grã-Bretanha assinaram acordos secretos de venda de armas e auxílio financeiro com Ne Win, já que a Commonwealth não poderia ser utilizada como instrumento de ajuda (BAYLY e HARPER, 2010, p. 328-329).

Contudo, a dinâmica de relações da Birmânia ia muito além do antigo Império Colonial. A Guerra Fria trouxe desdobramentos tortuosos e nem sempre lógicos. A Revolução Chinesa colocou os comunistas no poder, sob a tutela de Mao Zedong. Os nacionalistas foram expulsos para Taiwan (base do novo governo) e para o norte da Birmânia. A partir desse momento a Birmânia voltou a ser palco principal das Grandes Potências, agora dentro do embate entre as Potências Ocidentais e o Comunismo.

### **3.6.1 As relações com a China Popular**

A Birmânia foi o primeiro país não comunista a reconhecer a China Popular e desfrutaria a partir daí de uma relação de neutralidade e não ingerência conhecida como Pauk Phaw (MYOE, 2011). A política de neutralidade era mais do que necessária, visto que havia um contingente incontrolável de tropas do Kuomintang em fronteiras não reconhecidas pela China. Era uma combinação perigosa para a agressão Chinesa e a desculpa para o apoio ao PCB. A partir dos anos 1950, o Partido Comunista Chinês passaria a “adotar” o PCB, proporcionando treinamento militar aos insurgentes (MYOE, 2011, p. 18).

Entretanto, as relações entre Estados estariam além do campo ideológico até o golpe de Estado em 1962. A Birmânia foi uma das principais vozes de apoio à entrada da China Popular na ONU<sup>114</sup> e votou contra as moções dos Estados Unidos com relação à Guerra da Coreia. A diplomacia estava tentando resolver algo que o Tatmadaw considerava a maior ameaça estrangeira: a agressão da China Popular.

A postura do Tatmadaw, no entanto, não era totalmente equivocada, pois os anos iniciais da Revolução Chinesa foram de incerteza e desconfiança de ambos os lados. A China esteve, desde a primeira doutrina de guerra das Forças Armadas, como a maior ameaça à integridade nacional. A questão é que a diplomacia tomou as rédeas do

---

<sup>114</sup> Organização das Nações Unidas.

assunto e criou um ambiente de convencimento em que a China acreditou ser melhor não intervir na Birmânia (MYOE, 2011, p. 23). Em 1954, Zhou Enlai assinou os “Cinco Princípios da Coexistência Pacífica”, selando a boa relação entre Estados, apesar da continuidade da subversão comunista<sup>115</sup>.

As relações entre Estados e entre economias eram bastante produtivas e cresciam consideravelmente nos anos 1950. Entretanto, o governo escondia a ocupação de uma parte do norte da Birmânia por parte do People’s Liberation Army (PLA)<sup>116</sup> de 1953 a 1956 (MYOE, 2011, p. 29). Apesar de todas as dificuldades de relacionamento, U Nu assinou com Zhou Enlai o acordo de demarcação de fronteiras em 1960 e o reconhecimento da China pela atuação da Birmânia era cada vez mais positivo. Entretanto, o Tatmadaw nunca esteve satisfeito com a atuação de U Nu, principalmente por considerar que a China Popular era a maior ameaça externa e que a demasiada tolerância de Nu se traduzia em submissão. Portanto, a ameaça chinesa através da invasão ou do apoio à revolução comunista se tornou mais um temor do exército do que uma possível realidade.

Alguns autores colocam que o apoio doutrinário entre partidos comunistas não foi o principal motivo de discórdia e isolamento, pois a China Popular preferia a Birmânia neutra e não parte do bloco anticomunista (TAYLOR, 1973, p. 30-31). Desta forma, resta a opção de que o Tatmadaw se beneficiaria de alguma forma com o afastamento da China, ou seja, os militares passaram a receber apoio encoberto do Ocidente<sup>117</sup> (CALLAHAN 1998, p. 16). A China não era a única grande ameaça. A derrota do Kuomintang alarmou os Estados Unidos, que passaram a atuar através da CIA na Birmânia. O último interesse da Birmânia naquele momento era um novo conflito global se iniciando em seu território.

### **3.6.2 As relações com os Estados Unidos**

Para os Norte-Americanos, a estratégia que restava para tentar ressuscitar o governo nacionalista também era necessária para impedir o avanço do Comunismo pelo

---

<sup>115</sup> A questão ficou famosa pela diferenciação do Partido Comunista Chinês entre as relações “Estado-Estado” e “Partido-Partido”.

<sup>116</sup> O exército da China Popular.

<sup>117</sup> Muitos acadêmicos e oficiais militares eram enviados para treinamento nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha (STEINBERG, 2010, p. 48). Décadas depois o General Ne Win concluiria a compra de armamentos com os E.U.A., demonstrando que o suposto isolamento internacional tinha seus momentos de aproximação com o Ocidente (PIKE, 2010, p. 606).

Sudeste Asiático. Os detalhes da operação encoberta da CIA foram escondidos até mesmo do embaixador Americano na Birmânia e do próprio Vice-Diretor de Inteligência da CIA (MCCOY, 1991, p. 113). Os primeiros sinais da ajuda da CIA ao Kuomintang surgiram em 1951 e auxiliaram o Partido a se estabelecer na região de Kokang e do Estado Wa, na fronteira com a China (MCCOY, 1991, p. 114). Atualmente essa região tem a maior guerrilha de Mianmar, chamada United Wa State Army (UWSA), com cerca de dez mil homens.

Os Chineses Nacionalistas e a CIA mantinham uma relação especial com os povos da região, suprindo armas e incentivando a produção do ópio. Somente em 1951, o recrutamento do KMT nas tribos locais chegou a 8000 soldados. Após três ataques mal sucedidos a Yunnan, o General Li Mi desistiu de tentar reconquistar a China. O Kuomintang passou a governar parte do estado Shan juntamente com os chefes locais, que não tiveram outra opção. Como a única moeda da região era o ópio, os oficiais do KMT passaram a investir nessa nova atividade econômica. Estimativas apontam que a produção no pós-Segunda Guerra Mundial era de 300 toneladas e passou a 4000 toneladas em 1962 (MCCOY, 1991, p. 112).

O envolvimento da CIA com o KMT era inteligível até o momento em que suas operações passaram a apoiar o estado narcótico e, pior ainda, a expansão do Kuomintang no leste da Birmânia<sup>118</sup>. Esse movimento foi encarado como séria ameaça à União e o Tatmadaw interviu para repelir os invasores para além do Rio Salween. A política das drogas não foi exclusiva do Sudeste Asiático e a CIA esteve por trás de muitas das grandes guerrilhas e máfias do narcotráfico.

Além do narcotráfico, a atuação do KMT e da CIA acabou por conferir uma ameaça à Birmânia ainda maior do que a China Popular. Os Estados Unidos pagaram um preço caro por essas atividades quando o Tatmadaw e a China lançaram operações conjuntas para finalmente desmantelar a ocupação do Kuomintang em 1961 (STEINBERG, 2010, p. 46).

É difícil entendermos a Mianmar atual sem a abordagem do período da Guerra Fria, que, apesar do isolamento da Birmânia, teve um papel fundamental, mas bastante excluído na historiografia mundial. Entretanto, para fins de corte metodológico, não será possível um aprofundamento maior dentro deste trabalho.

---

<sup>118</sup> Buscando controlar uma parcela maior do estado Shan, para além do Rio Salween.

### 3.7 Conclusões Parciais

A Birmânia independente surgiu sem o apoio de nenhuma Grande Potência, tendo um pequeno alívio quando a Índia e a Grã-Bretanha enviaram suprimentos e alguma ajuda militar. O país estava numa espiral de caos e descentralização, sendo impossível manter minimamente os laços coloniais e estando à mercê de separatismos e da insurgência comunista.

Nas décadas de 1940 e 1950 a Birmânia foi invadida por: Japão, Grã-Bretanha, Estados Unidos (duas vezes), China Nacionalista e China Popular. Para tornar a situação ainda mais nociva, essas intervenções (à exceção do Japão<sup>119</sup>) deram apoio militar às minorias étnicas ou a forças políticas descentralizadoras (neste caso, os comunistas e o Kuomintang), perpetuando a desunião nacional.

Os Britânicos tinham relação histórica com as minorias e muitos oficiais se sentiram na obrigação de sair em auxílio de seus antigos colegas e subordinados. Além disso, eles acreditavam que as minorias seriam importantes aliados na luta contra o Comunismo. Os Estados Unidos se envolveram novamente com as populações do norte da Birmânia, desta vez apoiando o estabelecimento do Kuomintang. Mesmo após o reconhecimento da derrota para os Maoístas, os agentes da CIA continuaram influenciando na política local através do incentivo à produção do ópio e invadindo o estado Shan ao lado do Kuomintang. A China Popular, por sua vez, se sentiu ameaçada pela presença perene das tropas nacionalistas em sua fronteira e realizava incursões periódicas em território birmanês.

Os Birmaneses se sentiam ultrajados e ameaçados com as constantes violações explícitas de sua soberania. Além disso, havia temor de que a China Popular se aproveitasse de uma invasão para dominar o país e colocar o PCB como governo aliado. Aos poucos essa noção foi aliviada com a normalização das relações entre U Nu e o Partido Comunista Chinês, mas a tensão foi permanente. A China se caracterizou, ao longo da Guerra Fria, como a maior percepção de ameaça à sobrevivência da Birmânia e isso explica porque existem limitações de relacionamento entre Mianmar e a China. Ou seja, deve-se evitar explicações que coloquem os dois países como aliados incondicionais ou o governo militar de Mianmar como títere do Partido Comunista Chinês, pois essa noção é equivocada.

---

<sup>119</sup> Outro país que, por sua vez, também lutou contra a independência da Birmânia.

No campo político, o líder Aung San foi assassinado junto com seu gabinete e com ele foi eliminado o projeto nacionalista do federalismo laico. U Nu retomou o federalismo, mas sem a abrangência e carisma de Aung San, voltando a politizar o Budismo como tentativa de solucionar a desunião interna. O Exército percebeu esta atitude como uma grande ameaça ao poder central e promoveu o golpe militar. Sua legitimidade esteve baseada na suposta herança do projeto de Aung San e na eficiência do Tatmadaw em combater tantas ameaças à desintegração do país, logo em seus primeiros anos de existência. É importante enfatizar que o Tatmadaw se preparou para assumir o governo da Birmânia através da eliminação progressiva dos obstáculos à sua ascensão. A morte de Aung San teve influência direta na instabilidade do projeto federalista de U Nu e trilhou o caminho para que o Exército intervisse em nome da estabilidade do país. Na verdade, a própria facção *stable* do AFPFL que surgiu em 1958 já atuava como *proxy* dos militares. Entretanto, a ameaça de secessão dos Shans e dos Karens era real após a expiração do prazo de dez anos previsto na Constituição de 1947.

Como observa Steinberg (2010), existe uma divisão na historiografia que remete à interpretação da ascensão dos militares. De acordo com ele, alguns estudiosos acreditam que o medo da desintegração fez o Tatmadaw tomar o controle político do país, enquanto outros afirmam que a instabilidade foi apenas um pretexto para a eliminação das facções rivais dentro da política (STEINBERG, 2010, p. 60). De acordo com os elementos observados durante o trabalho, não se pode dizer que apenas uma das interpretações está correta, pois ambas tiveram amparo em argumentos válidos.

De certa forma, a fraqueza do governo e a ameaça de forças políticas descentralizadoras (fossem budistas, comunistas, minorias étnicas ou invasores) foram determinantes para que o Tatmadaw tomasse o controle do Estado como única instituição capaz de prover ordem em meio ao caos<sup>120</sup>. Por outro lado, o projeto ultranacionalista foi se impondo pela sua supremacia dentro do AFPFL, que foi conquistada graças à prática recorrente de eliminação de facções rivais e da burocracia estatal. Portanto, o próprio Exército através de Ne Win se aproveitaria de sua posição de mito fundador da Birmânia e suposto sucessor de Aung San para centralizar o poder no Estado socialista.

---

<sup>120</sup> Neste sentido, a obra de Huntington (1968) é essencial para entendermos os motivos da ascensão política dos militares, criando governos pretorianos, em sociedades com pouca institucionalização e em rápidas mudanças sociais e econômicas.

A instabilidade da democracia parlamentar birmanesa<sup>121</sup> levou o Tatmadaw a expandir seus objetivos e dominar o Estado. Os militares acreditam ter um papel central na construção de Mianmar, seja pelo mito dos Thirty Comrades ou pela sobrevivência do Estado em 1949, graças aos esforços do Burma Rifles comandado por Ne Win. O Tatmadaw buscou englobar todas as esferas sociais para tornar-se a única força motriz do país. Essa visão foi sendo reforçada conforme a Birmânia sofria graves violações de sua soberania por Grandes Potências.

Apesar da luta interna contra os comunistas, U Nu frequentemente flertou com a China Popular, liderando a Conferência de Bandung e mantendo a neutralidade ativa em tempos de Guerra Fria. O golpe militar de 1962 buscou o isolamento como forma de afastar os perigos do alinhamento a um dos blocos da Guerra Fria, principalmente pela noção de que as Grandes Potências sabotavam o país. O isolamento finalmente nacionalizou a economia e diminuiu consideravelmente a intervenção externa. Como efeitos colaterais trouxe a estagnação econômica e acentuou os conflitos étnicos, ou seja, não conseguiu unificar o país nem trazer bem estar.

O ultranacionalismo emergiu como corrente central da política nacional através da eliminação de seus oponentes, destruindo o federalismo laico de Aung San e minando o governo de U Nu. Através da “birmanização” da população, ou seja, da adequação das minorias ao projeto Birmanês de Estado, o Tatmadaw promoveu o apoio a milícias. Estas milícias atuaram, assim como na Segunda Guerra Mundial, na eliminação de focos de resistência, destruindo vilarejos e cidades. Na mesma velocidade em que eliminou ameaças, o Tatmadaw ganhou novos inimigos.

A vitória do projeto ultranacionalista ainda contou com boa dose de distorção dos fatos. É possível afirmar que Ne Win abriu espaço na política local construindo uma imagem falsa de sucessor de Aung San. Seu programa de governo era baseado na cartilha militarista Japonesa da Segunda Guerra Mundial (Blueprint for a Free Burma), creditada erroneamente a Aung San. Ou seja, Ne Win, diferentemente de Suharto na

---

<sup>121</sup> A democracia parlamentar na verdade era comandada pelo AFPFL, que constituía a grande maioria do espectro político do país. Com a eleição de 47 parlamentares do NUF em 1956, U Nu quase foi derrubado pelo próprio AFPFL por acreditar que a coalizão comportava muitos grupos distintos e sem ideologia. Apesar de não ser objetivo do trabalho a abordagem dos meandros da democracia, é importante notar que a estrutura do AFPFL era rígida e unitarista. O Partido Socialista da Birmânia (antigo PRP) comandava as ações do governo, mas não queria se assumir como partido e sim como membro da coalizão. Ao longo dos anos ocorreram várias cisões no AFPFL de grupos insatisfeitos, como foi o caso do NUF. U Nu tentou reconciliar-se com estes grupos, perdendo sua base de apoio (BUTWELL, 1963, p. 149).

Indonésia<sup>122</sup>, abandonou completamente o nacionalismo federalista (no caso, o *pancasila*), focando-se no unitarismo chauvinista, baseado na superioridade dos Birmaneses e na submissão das minorias ao seu projeto de Estado.

Como consequência econômica de sua doutrina socialista, Ne Win proibiu investimentos estrangeiros, enquanto países como a Indonésia aproveitaram os contatos no Ocidente para capitalizar sua ditadura<sup>123</sup>. O país crescia de forma relativamente estável até 1960 (média anual de 5,8%), enquanto nas três décadas seguintes amargou uma quase estagnação (médias de 3,5%, 3,9% e 1,9% nas décadas de 1960, 1970 e 1980, respectivamente), com séria deterioração das condições de vida da população (MYINT, 2008). A instabilidade política influenciou diretamente no destino de Mianmar, que hoje figura entre as nações mais pobres do mundo.

Além disso, as intervenções e a política das drogas iniciada pela CIA e pelo Kuomintang deram poder aos barões da droga do leste da Birmânia. O principal movimento insurgente atualmente em Mianmar, o UWSA, é produto desta época. Para contrabalançar o poder das minorias, o Tatmadaw se envolveu no esquema de corrupção e produção de ópio, gerando consequências incalculáveis para o país, que hoje é o segundo produtor mundial de heroína, somente atrás do Afeganistão.

A política de Ne Win reviveu aquela dos antigos Reis da Birmânia, que apoiavam facções locais (no caso de Ne Win, milícias e grupos paramilitares) para manterem os estados fronteiriços sob controle. O General apoiou as milícias do tráfico para barrar os separatismos e manter os estados na União. Hoje em dia oficiais do Tatmadaw e do governo são flagrados em casos de ligação com o narcotráfico, mostrando que a política das drogas e a corrupção persistem.

O período 1945-50 determinou a extinção do federalismo laico, enfraquecendo o governo de U Nu e seu federalismo budista. As crescentes ameaças internas e externas consolidaram a instabilidade que levou o golpe do Tatmadaw e à manutenção desta instituição como o centro do Estado Birmanês.

---

<sup>122</sup> General que promoveu o golpe militar contra Sukarno em 1965. Suharto “indigenizou” os princípios, mas buscou utilizar os elementos em comum a favor da unidade nacional.

<sup>123</sup> A cúpula econômica do governo de Suharto ficou conhecida como Máfia de Berkeley, por ser composta de indonésios educados nesta universidade dos Estados Unidos.

## Considerações finais

O presente trabalho buscou, ao longo das três seções, demonstrar a evolução política da Birmânia desde os Impérios pré-coloniais até 1950, no imediato pós-independência. De fato, observa-se que a evolução das instituições na Birmânia pode ser explicada a partir da análise dos conflitos internos e das intervenções externas. Dessa forma, configuram-se três ameaças principais à soberania nacional. São elas: 1) a insurgência das minorias étnicas; 2) as forças políticas descentralizadoras e 3) a ameaça de intervenção externa.

No primeiro capítulo podemos observar que, desde o período pré-colonial, a Birmânia não contava com o controle do território, problema que se agravou com a colonização Britânica. O recrutamento exclusivo de não-Birmaneses para o exército colonial agravou o problema étnico. O período colonial é o precedente histórico da questão da insurgência das minorias. Sobre a questão das forças políticas descentralizadoras, pode-se afirmar, a partir da pesquisa, que a liderança budista foi uma das principais ameaças nesse período. Os monastérios eram imunes à interferência do governo e, por isso, se constituíam num obstáculo a qualquer espécie de poder central. A colonização Britânica foi a primeira intervenção ocidental na Birmânia. Esta experiência condicionou as instituições da Birmânia independente a terem como objetivo principal a não intervenção externa, alimentando a xenofobia<sup>124</sup>.

No segundo capítulo, foi analisado o período da Segunda Guerra Mundial na Birmânia. Com relação ao problema étnico, a Guerra aprofundou a divisão, colocando as minorias ao lado dos Aliados e os Birmaneses ao lado dos Japoneses. Este período consolidou o primeiro governo centralizado, ao qual as minorias e os comunistas se opuseram. A partir de então estes dois grupos se tornariam as principais ameaças ao governo central<sup>125</sup>. Quanto ao terceiro item, o início das operações da OSS e a vitória dos Aliados fez ressurgir a expectativa de nova intervenção ocidental.

---

<sup>124</sup> Atualmente, a cidadania em Mianmar ainda é proibida para nascidos no exterior que não tenham laços sanguíneos com birmaneses. Além disso, todo cidadão local que adquirir cidadania estrangeira perde a cidadania em Mianmar. No campo da política, Aung San Suu Kyi não pode ser escolhida primeira ministra porque seus filhos têm cidadania britânica, de acordo com a Constituição de 2008.

<sup>125</sup> Mesmo assim o Budismo continuou permeando as questões do Estado. Como os monastérios aceitavam qualquer pessoa que desejasse seguir sua religião, muitos insurgentes se utilizaram deste artifício da mesma forma que os Birmaneses o utilizaram durante a colonização, ou seja, apenas como pretexto para fugirem da perseguição política.

No terceiro capítulo foi analisado o período 1945-50, quando surgiu o Estado Birmanês independente de fato, e quando as três ameaças à soberania se cristalizaram. Com relação às minorias étnicas, pode-se dizer que, com o início da insurgência separatista, as relações entre os Birmaneses e boa parte das minorias foram cortadas. O problema étnico é, entre as três ameaças, a que possui relação mais clara com os desafios da atual Mianmar. As principais forças políticas centralizadoras do período foram os comunistas e as disputas entre facções do AFPFL. No âmbito externo, a ameaça de retorno do colonialismo e a intervenção da CIA e do Kuomintang para a contenção do Comunismo na Ásia foram as principais ameaças à soberania nacional.

### **As ameaças à soberania da atual Mianmar**

Estabelecendo um breve comparativo do período analisado com o presente, pode-se perceber com clareza a presença das três ameaças à soberania em Mianmar (insurgência das minorias étnicas, forças políticas descentralizadoras e intervenção externa). Sobre a questão das minorias, muitos obstáculos ainda se impõem à reconciliação nacional. No entanto, esforços têm sido feitos após o cessar fogo dos anos 1990 e do início da transição democrática em 2003, com a promessa de desarmamento das minorias. Por sua vez, a intervenção externa se dá através do jogo político da região, envolvendo as relações entre China e Estados Unidos e o eventual apoio dos países vizinhos às minorias étnicas. No âmbito das forças políticas descentralizadoras, permanece a dúvida principal sobre quem governará o país. O regime militar reprimiu durante décadas qualquer espécie de força política que pudesse diminuir sua influência, incluindo as lideranças budistas, minorias étnicas e os movimentos democráticos (tendo como principal partido o NLD<sup>126</sup> de Aung San Suu Kyi).

Os tópicos a seguir têm como objetivo trazer à luz a situação atual das ameaças originadas no período analisado por este trabalho. Claramente podemos observar que as três principais ameaças à soberania em 1950 continuam como os principais obstáculos à consolidação do Estado. Atualmente, o Tatmadaw reivindica a busca pelo interesse nacional através de três “Main National Causes” (Principais Causas Nacionais): não

---

<sup>126</sup> National League for Democracy (Liga Nacional pela Democracia) é um partido de coalizão entre diversos grupos de oposição ao regime militar, incluindo monges, estudantes locais, a comunidade birmanesa expatriada no Ocidente e diversos outros grupos.

desintegração da União, não desintegração da solidariedade nacional (multiétnica) e perpetuação da soberania nacional<sup>127</sup> (MAUNG THAN, 2010, p. 126).

### **A insurgência das minorias étnicas**

Durante os anos 1990, iniciou-se a política de acordos temporários de cessar fogo, para que o governo central pudesse desenvolver seus projetos de infraestrutura sem modificar a questão política. O Tatmadaw agora é um exército modernizado e bem equipado, além de extremamente experiente em atividades de contrainsurgência (RAJAH, 2001, p. 4). A Constituição de 2008 representa um ponto de inflexão na questão das minorias, modificando a postura do governo central em direção ao monopólio do uso da força em Mianmar e à maior presença administrativa do Tatmadaw nas regiões autônomas.

A partir de 2009, a situação evoluiu para a incorporação das minorias étnicas no Exército através das “Border Guard Forces” (Forças de Patrulhamento de Fronteiras). Entretanto, a incorporação de milícias esbarra no seu grande poder econômico baseado nos lucros do narcotráfico (BROWN, 1999). Outros autores ainda afirmam que o negócio das drogas e do contrabando de recursos naturais é tão lucrativo que figuras do governo fazem acordos com as minorias pela divisão dos lucros, perpetuando o mercado negro em Mianmar (SMITH, 2006). Apesar das vantagens em perpetuar o conflito, muitos grupos aceitam fazer acordos com o governo para obterem o monopólio regional da força contra seus rivais locais. A estratégia do Tatmadaw é inteligente por promover cisões nas coalizões das minorias, facilitando as operações de contrainsurgência (RAJAH, 2001, p. 6).

O último problema com as minorias étnicas surgiu através dos muçulmanos (conhecidos como Rohingya) no estado de Rakhaing. A etnia Rakhine (ou Rakhaing) possui grande semelhança com os Birmaneses, e pertence a esta região, conquistada pela Dinastia Konbaung, em 1785. Entretanto, a colonização possibilitou migrações em massa de muçulmanos para o estado, que faz fronteira com Bangladesh. Como consequência, essa população representa hoje 4% do total em Mianmar. O conflito entre populações locais tem origem também na Segunda Guerra Mundial, quando os Aliados

---

<sup>127</sup> Neste caso, a não desintegração da União significa a união política em torno do projeto nacional, a solidariedade significa a reconciliação entre as etnias e a perpetuação da soberania indica a aversão à interferência de outros países em Mianmar.

armaram os muçulmanos para combater o Japão. Ao fim da Guerra, os chefes locais não puderam controlar a região e houve diversos massacres contra os Rakhines. Há o perigo de que a presença dos Rohingya seja utilizada por interesses externos ou até mesmo por radicais islâmicos, se configurando em uma ameaça étnica não tradicional ao país (AYE CHAN, 2005).

Estabelecendo um paralelo com o passado, existem algumas questões que persistem como entraves para a resolução dos conflitos étnicos. A primeira delas é o ressentimento histórico de ambos os lados e o medo do extermínio no lado das minorias. Sem a resolução destes problemas, o Tatmadaw pode até conseguir o monopólio da força, entretanto nunca conseguirá um de seus objetivos principais, que é a reconciliação nacional, transformando o Estado em Nação e diminuindo a violência comunitária. A segunda é a forte militarização das minorias, causada pela sua presença no exército colonial e posteriormente pela sua participação na Segunda Guerra Mundial. A invasão do Kuomintang também contribuiu substancialmente para a expansão do cultivo do ópio, fator que possibilitou o enriquecimento dos barões da droga nas regiões da fronteira com a China. Esta condição dificulta a ação governamental e do Tatmadaw, principalmente porque abre espaço para a corrupção e o mercado negro de funcionários do governo que queiram ascender socialmente e até politicamente.

Portanto, os possíveis caminhos para estudos sobre a atual Mianmar devem se relacionar com a política do Tatmadaw quanto à insurgência étnica e compreender seu papel histórico como uma ameaça à integridade territorial da Birmânia. Ao analisar a questão, deve-se também levar em consideração a influência de atores externos nesse processo. Como observa Steinberg (2010), as rebeliões internas foram apoiadas ou utilizadas por outros Estados:

Alguns Britânicos auxiliaram os Karen; o Paquistão Oriental (e depois Bangladesh) apoiou os Muçulmanos Rohingya em sua fronteira com financiamento vindo do Oriente Médio. Os Indianos estiveram supostamente envolvidos com os Kachin e os Karen. Os Chineses assistiram o BCP, os Nagas, e rebeldes Kachin. Os Estados Unidos apoiaram o Kuomintang e os Tailandeses uma grande variedade de grupos rebeldes, essencialmente criando estados *buffer* ou zonas para insular uma Bangkok conservadora do que eles acreditavam ser uma Rangoon radical.<sup>128</sup> (STEINBERG, 2010, p. 44).

---

<sup>128</sup>“Some British had supported the Karen; East Pakistan (and then Bangladesh) backed the Muslim Rohingya on their border with Middle Eastern funding. The Indians were said to be involved with the Kachin and Karen. The Chinese assisted the BCP, the Naga, and Kachin rebels. The United States supported the Kuomintang, and the Thai a wide variety of rebel groups, essentially creating buffer states or zones to insulate conservative Bangkok from what they regarded as radical Rangoon.” Tradução livre do Autor.

Não se pode negligenciar, portanto, que a atuação externa tem papel fundamental no desafio da reconciliação nacional. Neste sentido, deve-se compreender também as relações de Mianmar com o exterior e sua importância para a região.

### **Intervenção externa e o papel do ambiente regional para Mianmar**

A colonização Britânica foi o primeiro contato com o Ocidente, que logo se transformou no primeiro inimigo dos nacionalistas birmaneses. Após a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos surgiram como ameaça, apoiando os invasores do Kuomintang. A partir disso, ressurgiu o medo de que a China, agora comunista, aproveitasse a invasão para finalmente apoiar a revolução do PCB. Houve uma paranoia muito grande do Tatmadaw sobre essa possibilidade, mesmo com os acordos entre U Nu e Zhou Enlai. O golpe militar de 1962 utilizou a ameaça externa como um fator essencial para o isolamento da Birmânia durante a Guerra Fria.

No mundo pós-Guerra Fria, a presença das duas Grandes Potências se manteve constante em Mianmar. Assim como no período do pós-independência (quando a Birmânia necessitou da ajuda do PLA para expulsar o Kuomintang), a pressão dos Estados Unidos a partir de 1990 para a democratização de Mianmar obrigou o país a se aproximar da China. A aliança era indesejada pelo Tatmadaw, mas necessária para sua sobrevivência e para a manutenção da soberania nacional. Em 2008, o governo Obama tentou, em vão, mover sanções no Conselho de Segurança contra Mianmar. A pressão aproximou ainda mais Mianmar da China, contrariando os interesses americanos. A reação de Mianmar foi a assinatura do contrato de construção da via Kyaukpyu-Kunming em dezembro de 2008, atendendo aos interesses estratégicos da China. A via será uma “nova” Estrada da Birmânia, reeditando a importância geopolítica fundamental do país para os interesses chineses<sup>129</sup>.

É importante ressaltar que os dois governos têm limites de aproximação devido à desconfiança do Tatmadaw e à própria história imperial e independente da Birmânia. Esta afirmativa é importante para refutar quaisquer inferências da visão ocidental sobre a utilização do país como um títere da China. Após a tentativa falha de democratização instantânea da Revolução do Açafrão, em 2008, aos moldes das revoluções coloridas do

---

<sup>129</sup> Para o entendimento aprofundado da importância geopolítica de Mianmar, ver Shaofeng (2010).

Leste Europeu e Ásia Central, o Tatmadaw se fragilizou politicamente, sofrendo sanções internacionais e optando por ceder espaço. A China correu em defesa de Mianmar mais uma vez em 2008 (a primeira foi em 1990) após a ameaça de intervenção ocidental por causa do Ciclone Nargis, o maior da história recente do país. Apesar da aliança circunstancial com a China, o governo local interrompeu a construção da hidrelétrica de Myitsone em 2011<sup>130</sup>, sinalizando que a conciliação de Thein Sein e dos militares moderados com a oposição pode abrir novas oportunidades para o país (diminuindo, assim, o papel de dependência econômica e securitária da China). A reação dos Estados Unidos foi imediata, enviando a Secretária de Estado Hillary Clinton e normalizando as relações entre Mianmar e o Ocidente. Entretanto, assim como a aproximação de China e Mianmar é limitada, também existe um limite de afastamento entre os dois países que ainda não foi testado. A aproximação excessiva com o Ocidente poderia aumentar o risco de intervenção nos seus assuntos internos<sup>131</sup>.

Por fim, o projeto de integração regional da Associação das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN) apresenta uma terceira via ao dilema histórico de aproximação de Mianmar com o Ocidente ou com a China<sup>132</sup>. A ASEAN promove uma integração construtivista e baseada na confiança mútua, promovendo até agora com sucesso a aproximação entre os países da região. A Associação traz benefícios a todos os países por promover a integração econômica, cultural e até mesmo securitária sem, no entanto, afetar a política interna dos países. Por conta disso, Mianmar teve forte amparo para conter as pressões do Ocidente por democratização instantânea e liberalização econômica, social e política. O projeto da ASEAN Vision 2015 deve ser um importante indicador do progresso da ASEAN rumo ao aprofundamento da integração. Mais do que isso, o Fórum Regional da ASEAN pode aprofundar a cooperação de toda Ásia-Pacífico, modificando também as relações dos países do Sudeste Asiático com as Grandes Potências na região (MAGNO e REIS, 2012).

É necessário compreender que o futuro de Mianmar está intimamente ligado ao processo de ascensão da China como Grande Potência e, possivelmente, tentando recuperar seu papel de hegemom regional de séculos anteriores. Cabe fazer a pergunta

---

<sup>130</sup> A hidrelétrica de Myitsone faz parte de um projeto de sete hidrelétricas ao longo do Rio Irrawaddy que abasteceriam toda a região sul da China. O projeto teve sérios questionamentos da sociedade civil pela falta de preocupação ambiental, principalmente por se tratar do rio que fundou a civilização Birmanesa e que hoje provê a irrigação do arroz e o escoamento de grande parte da produção agrícola.

<sup>131</sup> Para um estudo mais aprofundado das relações de China e Estados Unidos com Myanmar são indicadas as obras de Yuan (2006), Lum et al (2008), Steinberg e Fan (2012) e Steinberg (2006).

<sup>132</sup> Para o estudo da importância da ASEAN para Mianmar, ver Suh et al (2004).

sobre qual sistema emergirá na Ásia Oriental (hierárquico ou westfaliano) e qual o papel dos Estados Unidos no Pacífico (recoo estratégico ou confrontação). A atração de Mianmar pelos Norte-Americanos pode ser um indício de minar a liderança da China por uma de suas bases de inserção no Sudeste Asiático. Os Estados Unidos provocam um dilema recorrente nos países da região entre a interdependência econômica com a China e a cooperação em segurança com os Americanos. No caso de Mianmar não será diferente, o país provavelmente tem a intenção de promover a mesma barganha de seus vizinhos com as Grandes Potências.

Entretanto, é fundamental que se diferencie a importância estratégica de Mianmar para a China de outros países do Sudeste Asiático. Ao contrário do Vietnã e das Filipinas, os dois mais importantes aliados dos Estados Unidos e possíveis participantes de um conflito no Mar do Sul da China, Mianmar representa uma via perigosa para o interior da China, exemplificado por seu papel durante a Segunda Guerra Mundial através da Estrada da Birmânia. Uma aliança com o Ocidente, apesar de improvável, poderia modificar as relações de poder na região, levando à fragilização da China e, conseqüentemente, a uma retaliação. Além disso, a China deseja construir laços econômicos inquebráveis com Mianmar através da construção de grandes hidrelétricas e da via Kyaukpyu-Kunming, que levará petróleo e gás natural para o interior da China, desviando a importância estratégica do Estreito de Malaca.

A interação destes três atores (ASEAN, China e Estados Unidos) é, atualmente, responsável pela inserção internacional de Mianmar. Entretanto, deve-se tomar o cuidado de não excluir a Índia neste processo, apesar da indecisão do país entre apoiar o NLD ou os militares, além do fracasso inicial da “política de Look East”, inaugurada em 1993<sup>133</sup>. Os Indianos esbarram não somente na questão política, como também da falta de controle sobre sua região nordeste, na fronteira com Mianmar, onde ambos enfrentam movimentos separatistas. Em 1998, a inteligência indiana promoveu a Operação Leech, onde os agentes indianos traíram rebeldes Birmaneses e também separatistas<sup>134</sup>.

Com relação às possibilidades de evolução da inserção internacional de Mianmar, deve-se principalmente observar o papel central do Estado. Traçando um paralelo com o passado, Mianmar teria a opção de retornar ao enclave ligado ao

---

<sup>133</sup> Look East foi o nome dado para a reorientação da Política Externa Indiana para uma presença maior no Sudeste Asiático, utilizando Mianmar como ponto de partida.

<sup>134</sup> Para um aprofundamento sobre o assunto, é recomendada a leitura de Haksar (2009).

Ocidente, mas o histórico do país impede qualquer aproximação demasiada com o exterior<sup>135</sup>. A postura histórica do governo civil e do Tatmadaw sempre foi de nacionalização da economia (e principalmente, estatização das empresas). Além disso, o Estado atuou na distribuição de recursos e na igualdade social (mesmo que limitado apenas à etnia Birmanesa), principalmente pelo legado ético do Budismo. Portanto, o Estado (provavelmente sob o controle dos militares) certamente terá papel central em qualquer reorganização política e econômica de Mianmar, impedindo a ingerência externa em demasia.

Dentro das opções que colocam o Estado e as instituições nacionais (em que o Tatmadaw tem supremacia atualmente) como centro decisório, as possibilidades de política externa estarão vinculadas provavelmente à atração de investimentos estrangeiros que modernizem o país e que aumentem a capacidade do Estado em diminuir o subdesenvolvimento econômico, considerado a maior vulnerabilidade do país<sup>136</sup>. Para isto, Mianmar tem promovido a abertura comercial, reabrindo o fluxo de capitais do Ocidente através da promessa de continuidade das reformas democráticas. Portanto, o desenvolvimento econômico de Mianmar está diretamente ligado à capacidade do Tatmadaw em incluir no processo decisório os diversos grupos políticos do país, sem, no entanto, abrir mão de seu papel como força motriz do Estado. Além disso, devem ser superadas barreiras históricas à presença estrangeira, incluindo questões de proteção a esses investimentos e outras regulamentações. Neste sentido, o papel principalmente da ASEAN torna-se proeminente devido à experiência de países como Cingapura e Indonésia. A Associação se apresenta cada vez mais como uma alternativa viável para retirar Mianmar do subdesenvolvimento e fazê-lo participar como membro da região, contrapondo seu papel de *overlay* proposto por Buzan e Waeber (2003).

Neste sentido, é necessário que se avalie o ambiente político-institucional interno e a evolução das forças políticas descentralizadoras, trazendo o terceiro parâmetro sugerido de análise para a situação atual de Mianmar.

---

<sup>135</sup> Apesar de parecer anacrônica, essa consideração é importante, pois representa a opção escolhida pela Tailândia em algumas ocasiões. A Dinastia Chakri promoveu a abertura política e econômica para escapar da colonização. Ao longo dos dois últimos séculos, a monarquia da Tailândia frequentemente alternou fortes laços econômicos, políticos e militares entre Japão, China e Estados Unidos. Esta possibilidade é bem distante para Mianmar.

<sup>136</sup> O relatório de inteligência Janes de 2010 sobre a estabilidade dos Estados no Sudeste Asiático coloca a economia como principal vulnerabilidade de Mianmar, disparadamente em relação a problemas tradicionais, como a segurança interna (ROBERTS, 2010).

## O Estado em Mianmar e a democratização

Atualmente o país promove a transição democrática gradual e controlada. De acordo com a constituição de 2008, os militares formam 25% do parlamento e o espectro político também conta com um partido de militares reformados. Esse modelo de democracia se assemelha bastante ao atualmente praticado pela Indonésia. Na prática, significa que haverá maior diálogo com a sociedade civil e abertura para diálogo entre os grupos civis e o Tatmadaw, que continuará tendo papel dominante na política.

Com relação aos grupos políticos, o Partido Comunista da Birmânia foi extinto em 1989, desaparecendo junto com a Guerra Fria. Atualmente os principais grupos de oposição convergem para o National League for Democracy (NLD), que conta com a presença de Aung San Suu Kyi, a filha de Aung San, de quem carrega o papel de liderança moral na sociedade<sup>137</sup>. Naturalmente, o NLD inclui uma miríade de correntes, incluindo grupos de intelectuais que foram reprimidos durante a ditadura, lideranças budistas, minorias étnicas e outros grupos que mantiveram diálogo com os Estados Unidos. Além disso, a presença de Suu Kyi como herdeira de Aung San atrai forte apelo popular, exemplificado pela vitória nas eleições de 1990, levando os militares a novo golpe para impedi-la de assumir o governo. Por mais que Suu Kyi possa não ter a capacidade nem a intenção de emular a liderança de seu pai, é a figura de Aung San que a população enxerga por onde ela passa. No entanto, é difícil afirmar qual a orientação de seu partido, ou seja, se promoverá o ressurgimento do federalismo laico (ou budista) ou se prevalecerá uma elite vinculada às políticas do Ocidente.

Dentro do Union Solidarity Development Party (USDP)<sup>138</sup>, assim como foi no AFPFL e é atualmente na Indonésia<sup>139</sup>, estão os grupos políticos mais importantes. Durante décadas Myanmar foi governada pela facção de Ne Win, tendo Than Shwe como seu sucessor doutrinário. Entretanto, a partir de 2007 ascenderam figuras novas, ligadas à reforma política, como o primeiro ministro Thein Sein. A importância dessa sucessão é frequentemente citada pela mudança no tipo de liderança, que passa a ser “civil”<sup>140</sup> e, mais do que isso, Sein não fazia parte da cúpula de Than Shwe. Este panorama de transição indica duas tendências: 1) Thein Sein pode promover, em longo

---

<sup>137</sup> Steinberg atesta que o poder na sociedade birmanesa é finito e se divide entre o poder coercitivo (do qual o Tatmadaw é o legítimo detentor) e o poder moral e carismático (do qual Suu Kyi tem maior vantagem) (STEINBERG, 2010, p. 150).

<sup>138</sup> O USDP é o partido formado por militares reformados do Tatmadaw.

<sup>139</sup> Onde o Golkar é o partido dominante.

<sup>140</sup> Ele se retirou do Tatmadaw em 2010 para se juntar ao USDP.

prazo, a mediação política e entre instituições, trazendo, junto com a modernização, a institucionalização (que esbarra na questão religiosa tradicional e no mandato divino do governante); 2) o poder executivo pode ficar enfraquecido, dando espaço a forças descentralizadoras (inclusive as facções rivais dentro do Tatmadaw).

A principal mudança até agora foi a aproximação com Aung San Suu Kyi, buscando a conciliação entre os diversos grupos políticos. Thein Sein e os militares moderados podem ser uma alternativa viável para a manutenção do poder do Tatmadaw e, ainda assim, promover um novo projeto nacional<sup>141</sup>. Sua política externa proporcionou poder de barganha a Mianmar entre China e Estados Unidos. O país procura retornar à neutralidade ativa dos anos pós-independência, negociando posições vantajosas em relação às Grandes Potências e se alinhando à ASEAN quando houver benefícios.

Com relação ao modelo político, parte da visão ocidental ostenta que a democracia parlamentar do pós-independência (1948-1962) poderia ser utilizada para guiar a democracia atual. O trabalho de Callahan (1998) é importante por lembrar que este período foi politicamente instável. A autora intencionou desmistificar a ideia de que, com a democracia, Mianmar resolveria seus dilemas e desafios históricos. O governo de U Nu nunca foi uma democracia liberal, suprimindo os direitos da população e prendendo líderes da oposição (CALLAHAN, 1998, p. 12). O problema da etnicidade e da identidade nacional sempre foi muito mais importante para o povo do que a presença ou não da democracia. A verdadeira questão central desde a Segunda Guerra Mundial é a necessidade do monopólio do uso da força pelo Tatmadaw e de um governo que mantivesse a ordem (CALLAHAN, 1998, p. 18-19).

Ainda, sem a criação de instituições e partidos políticos fortes, não há como modificar o papel central do exército na política. O Tatmadaw foi a única instituição até hoje capaz de expandir o alcance do governo central para todas as regiões. O elemento de legitimidade dos líderes nacionais se tornou a capacidade de controlar a política através da hierarquia dentro do partido dos militares (CALLAHAN, 1998, p. 20). Além disso, o país tem uma tradição política de unitarismo nos grupos políticos e não de mediação. Até mesmo o NLD, tido como o grande defensor da democracia, expulsa os membros que não concordam com a visão do comitê central do partido (CALLAHAN, 1998, p. 21). A política na Birmânia e agora em Mianmar sempre foi a busca pela

---

<sup>141</sup> Para estudos sobre o Tatmadaw e a política de Mianmar, ver Maung Than (2010), Callahan (1998) e Cheesman et al (2010)

unidade, que se tornou um fim em si mesma, ao invés de evoluir para a organização partidária e a mediação.

É importante compreendermos que, sempre que um projeto promoveu o compartilhamento da liderança, houve instabilidade (caso do governo de Aung San e de U Nu em 1958). Isso significa que a tarefa de conciliação atualmente representada pelo primeiro ministro Thein Sein (militares moderados) e Aung San Suu Kyi (filha de Aung San e líder da oposição) é um novo marco histórico e poderá ser turbulenta por gerar reação das facções conservadoras do Tatmadaw. Outro ponto que não pode passar despercebido é o papel do Budismo como fiador da identidade nacional, reconhecido tanto pelos militares como por Suu Kyi. Cabe então sabermos se ele terá um papel exclusivo ou se pode haver alguma forma de incluir as minorias étnicas de outras religiões sem afetar o núcleo cultural da nação em formação (GRAVERS, 1999).

Conclui-se finalmente que os desafios continuam, agora sob outros espectros interativos em um novo Sistema Internacional. Apesar das mudanças pelas quais o mundo passou nos últimos 60 anos, Mianmar ainda enfrenta as contradições do pós-independência. As questões herdadas do período analisado por este trabalho incluem: 1) Qual o projeto de Estado (federalismo ou ultranacionalismo); 2) Como este projeto busca resolver os três principais desafios internos (Main National Causes); 3) O quanto outros países interferem no relacionamento com as minorias étnicas; 4) Como Mianmar tenta superar o subdesenvolvimento e quais parceiros busca para atingir seus objetivos e 5) Qual o limite de aproximação e de afastamento com relação à China.

## Referências

- ADELEKE, Ademola. The Strings of Neutralism: Burma and the Colombo Plan. *Pacific Affairs: an International Review of the Far East and Pacific Area*. 76, no. 3: 2004, p. 593-610.
- AIVARS, Purins. “Uncle Bill” of “the Forgotten Army” or the Leadership of Field-Marshal Lord Slim. *Baltic Security & Defence Review*; Tartu: Baltic Defense College; Vol. 10. 2008, p. 202-219.
- ANGLIM, Simon. *Orde Wingate And The British Army, 1922-1944: Military Thought and Practice Compared and Contrasted*. University of Wales Aberystwyth, n.d. 2007.
- AUNG MYOE. *In the name of Pauk-Phaw : Myanmar’s China policy since 1948*. Singapore; London: Institute of Southeast Asian Studies ; Eurospan, 2011.
- AUNG THWIN, M. A. *Of Monarchs, Monks, and Men Religion and the State in Myanmar*. Singapore: National University of Singapore (NUS). Asia Research Institute (ARI), 2009.
- AYE CHAN. The Development of a Muslim in Arakan (Rakhine) State of Burma (Myanmar). *SOAS Bulletin of Burma Research*, Vol. 3, No. 2, Autumn 2005, p. 396-420.
- BAYLY, C.; HARPER, T. *Forgotten wars the end of Britain’s Asian Empire*. London: Penguin Books, 2008.
- BROWN, Catherine. Burma: The Political Economy of Violence. *Disasters*. 23, no. 3: 1999, p. 234-256.
- BUTWELL, Richard. *U Nu of Burma*. Stanford, Calif: Stanford University Press, 1963.
- BUZAN, Barry; WÆVER, Ole. *Regions and powers: the structure of international security*. Cambridge: Cambridge University Press. 2003.
- CALLAHAN, M. P. Democracy in Burma: The Lessons of History. *NBR ANALYSIS*. 9, no. 3: 1998, p. 5-26.
- CALLAHAN, M. P. *Making enemies : war and state building in Burma*. Ithaca, N.Y.: Cornell University Press, 2003.
- CHEESMAN, N.; SKIDMORE, M.; WILSON, T.; INSTITUTE OF SOUTHEAST ASIAN STUDIES. *Ruling Myanmar : from Cyclone Nargis to national elections*. Singapore: Institute of Southeast Asian Studies. , 2010
- COLLIGNON, Stefan; TAYLOR, Robert H.. *Burma: Political Economy Under Military Rule*. London: Hurst & Company, 2001.

- GRAVERS, M. Nationalism as political paranoia in Burma : an essay on the historical practice of power. Richmond, Surrey: Curzon, 1999.
- HAKSAR, Nandita. Rogue Agent: How India's Military Intelligence Betrayed the Burmese Resistance. New Delhi: Penguin Books, 2009.
- HARRIS, I. C. Buddhism and politics in twentieth-century Asia. London; New York: Pinter, 1999.
- HENSENGERTH, Oliver. The Burmese Communist Party in the State-to-State Relations between China and Burma. Leeds: University of Leeds, Dept. of East Asian Studies, 2005.
- HOGAN JR., David W. U.S. Army Special Operations in World War II. Washington, D.C.: Center of Military History, Dept. of the Army, 1992.
- HOUTMAN, G.. Mental culture in Burmese crisis politics : Aung San Suu Kyi and the National League for Democracy. Tokyo: Tokyo University of Foreign Studies, Institute for the Study of Languages and Cultures of Asia and Africa, 1999.
- HOUTMAN, Gustaaf. Aung San's "Lan-Zin", the Blue Print and the Japanese Occupation of Burma. Reconsidering the Japanese Military Occupation in Burma (1942-45). 2007, p. 179-227.
- HRUSCOV, N. S.; HRUSCOV, S. N. Memoirs of Nikita Khrushchev. Vol. 3, Statesman [1953-1964]. University Park, Pa.: Pennsylvania State University, 2007.
- HUNTINGTON, Samuel P. Political Order in Changing Societies. New Haven: Yale University Press, 1968.
- JAMES, Helen. The Fall of Ayutthaya: A Reassessment. *Journal of Burma Studies*. 5, no. 1: 2000, p. 75-108.
- JORDT, I. Burma's mass lay meditation movement : Buddhism and the cultural construction of power. Athens: Ohio University Press, 2007.
- JORNADA, Helena L. China e Índia no século XXI : cooperação, competição e distribuição de poder no sistema internacional. UFRGS, 2008 (Monografia de conclusão de curso de graduação).
- KRATOSKA, P. H. Southeast Asian minorities in the wartime Japanese empire. London: Routledge Curzon, 2002.
- LEBRA, J. C.; INSTITUTE OF SOUTHEAST ASIAN STUDIES. Japanese trained armies in Southeast Asia. Singapore: Institute of Southeast Asian Studies (ISEAS), 2010.

LUM, Thomas G.; MORRISON, Wayne M.; VAUGHN, Bruce. China's "Soft Power" in Southeast Asia. [Washington, D.C.]: Congressional Research Service, Library of Congress, 2008.

MAGNO, B; REIS, J. A. Topic A: ASEAN Vision 2015 and East Asian Integration. . In: MACHADO, Iara; CRUZ, Cláudia; SILVEIRA, Isadora. (Org.). X UFRGSMUN: Exploring New Possibilities, treasuring the past. 1ed.Porto Alegre, 2012, p. 237-262.

MAUNG THAN, M. T. Tatmadaw and Myanmar's Security Challenges. In: BOEISHO BOEI KENKYUJO (JAPAN). Asia Pacific countries' security outlook and its implications for the defense sector. Tokyo: The National Institute for Defense Studies, 2010, p. 123-140.

MCCOY, Alfred W. The Politics of Heroin: CIA Complicity in the Global Drug Trade. Brooklyn, N.Y.: Lawrence Hill Books, 1991.

MCLYNN, F. The Burma campaign : disaster into triumph, 1942-45. New Haven: Yale University Press, 2011.

MERCADO, S. C. The shadow warriors of Nakano a history of the Imperial Japanese Army's elite intelligence school. Washington, D.C.: Brassey's, 2002.

MYINT, U. Myanmar's GDP Growth and Investment: Lessons from a Historical Perspective. In: SKIDMORE, M.; WILSON, T. Dictatorship, disorder and decline in Myanmar. Canberra: ANU E Press, 2008.

PIKE, F. Empires at war a short history of modern Asia since World War II. London; New York: I.B. Tauris, 2011.

PITT, Rômulo. Indonésia: Construção do Estado e dinâmica regional. UFRGS, 2011 (Monografia de conclusão de curso de graduação).

RIBEIRO, E. H. ; KANTER, M. M. ; FEDDERSEN, G. H. . Topic B: Maritime Sovereignty in East Asia. In: MACHADO, Iara; CRUZ, Cláudia; SILVEIRA, Isadora. (Org.). X UFRGSMUN: Exploring New Possibilities, treasuring the past. 1ed.Porto Alegre, 2012, p. 263-282.

RIEFFEL, A. Myanmar/Burma inside challenges, outside interests. Washington, D.C.: Brookings Institution Press, 2010.

ROBERTS, Christopher B. ASEAN Institutionalisation: The Function of Political Values and State Capacity. Singapore: S. Rajaratnam School of International Studies, 2010.

SELTH, Andrew. Chinese Military Bases in Burma: The Explosion of a Myth. Brisbane: Griffith Asia Institute, Griffith University, 2007.

- SHAOFENG, Chen. China's Self-Extrication from the "Malacca Dilemma" and Implications. In: YEOH, Emile Kok-Kheng. *Changing China: Inaugural Issue*. Kuala Lumpur, Malaysia: Institute of China Studies, University of Malaya, 2010.
- SKIDMORE, M.; WILSON, T. *Dictatorship, disorder and decline in Myanmar*. Canberra: ANU E Press, 2008.
- SMITH, Martin. *Burma: Insurgency and the Politics of Ethnicity*. Dhaka: University Press, 1999.
- SMITH, Martin. The paradox of Burma. Conflict and illegality as a way of life. *IIAS Newsletter*, 42. IIAS, Leiden. 2006, p. 20 – 21.
- STEINBERG, D. I.; FAN, H. *Modern China-Myanmar relations : dilemmas of mutual dependence*. Copenhagen: NIAS; Marston, 2012.
- STEINBERG, David I. *Burma, the State of Myanmar*. Washington, D.C.: Georgetown University Press, 2001.
- STEINBERG, David I. *Burma/Myanmar: What Everyone Needs to Know*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- STEINBERG, David. *Burma-Myanmar: The US-Burmese Relationship and Its Vicissitudes*. In: BIRDSALL, N.; VAISHNAV, M.; AYRES, R. L.; CENTER FOR GLOBAL DEVELOPMENT. *Short of the goal : U.S. policy and poorly performing states*. Washington, D.C. Center for Global Development, 2006, p. 209-245.
- SUH, C.; KATZENSTEIN, P. J.; CARLSON, A. *Rethinking security in East Asia : identity, power, and efficiency*. Stanford: Stanford University Press, 2004.
- TARLING, N. *From early times to c. 1800*. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1994.
- TAYLOR, Robert H. *Foreign and domestic consequences of the KMT intervention in Burma*. Ithaca, New York: Southeast Asia Program, Dept. of Asian Studies, Cornell University, 1973.
- TAYLOR, Robert H. *Politics in Late Colonial Burma: The Case of U Saw*. *Modern Asian Studies*. 10, no. 02. 1976, p. 161-193.
- TAYLOR, Robert H. *The State in Burma*. Honolulu: University of Hawaii Press, 1988.
- THANT MYINT-U. *The making of modern Burma*. New York: Cambridge University Press, 2001.
- THANT MYINT-U. *Where China meets India : Burma and the new crossroads of Asia*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2011.
- TUCKER, S. *Burma : the curse of independence*. London: Sterling, Va. Pluto Press, 2001.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. *As Relações diplomáticas da Ásia : articulações regionais e afirmação mundial (uma perspectiva brasileira)*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2011.

WEBSTER, Anthony. *Gentlemen Capitalists: British Imperialism in Southeast Asia, 1770-1890*. London: Tauris Academic Studies, 1998.

WIN, Kyaw Zaw. *A history of the Burma Socialist Party (1930-1964)*, PhD thesis, School of History and Politics, University of Wollongong, 2008.

WORTZEL, Larry M. *The ASEAN Regional Forum Asian Security Without an American Umbrella*. Carlisle Barracks, PA: Strategic Studies Institute, U.S. Army War College, 1996.

YUAN, J. D. *China-ASEAN relations : perspectives, prospects and implications for U.S. interests*. [Carlisle Barracks, PA]: Strategic Studies Institute, U.S. Army War College, 2006.

ZAWSOE MIN. *Emergence of the DoBamar Asiayone and the Thakins in the Myanmar Nationalist Movement*. *Bulletin of the School of Graduate Studies at Okayama University of Social Sciences and Cultural Rights*, 27 (1). Okayama University Graduate School of Culture and Science: 2009, p.103- 121.

## Apêndice

### Linha do Tempo

- 1752 – Fundação da Dinastia Konbaung
- 1759-1767 – Guerras Birmano-Siamesas
- 1765-1769 – Invasão da China à Birmânia
- 1785 – Conquista de Arakan
- 1824-1826 – Primeira Guerra Anglo-Birmanesa
- 1852 – Segunda Guerra Anglo-Birmanesa
- 1885 – Terceira Guerra Anglo-Birmanesa
- 1886 – Início da Colonização Britânica
- 1906 – Criação do Young Men's Buddhist Association (YMBA)
- 1930 – Fundação do Dobamar Asiayone e primeira revolta camponesa
- 1936 – Revolta estudantil liderada por Aung San e U Nu
- 1937 – Birmânia se torna colônia separada da Índia Britânica
- 1937 – Início da Segunda Guerra Sino-Japonesa
- 1938 – Primeira greve geral na Birmânia
- 1938 – Criação do Myochit de U Saw, do Partido Thakin e do People's Revolutionary Party (PRP)
- 1938 – Construção da Estrada da Birmânia
- 1939 – Criação do Burma Communist Party
- 1940 – Criação do Minami Kikan
- 1941 – Recrutamento dos Thirty Comrades
- Dez/1941 – Japão entra na Segunda Guerra Mundial ao lado do Eixo. Formação do Burma Independence Army (BIA)
- Jan/1942 – Invasão Japonesa no Sudeste Asiático
- Fev/1943 – Operação Longcloth (invasão dos Chindits)
- Set/1943 – Abertura da Estrada de Ledo (Stilwell Road)
- Ago/1944 – Tomada de Myitkyina pelos Aliados (Força X de Stilwell, Marauders de Merrill e Força Y)
- Nov/1944 – Vitória dos Aliados nas batalhas de Kohima-Imphal
- Mar/1945 – Criação do AFPFL
- Set/1945 – Rendição do Japão e fim da Segunda Guerra Mundial

Mar/1946 – Divisão do PCB em Red Flags e White Flags  
 Nov/1946 – AFPFL expulsa o PCB da coalizão nacionalista  
 Jan/1947 – Acordo Aung San-Attlee (concessão da independência) e início da insurgência comunista  
 Fev/1947 – Acordo de Panglong  
 Jul/1947 – Assassinato de Aung San e seis membros do Conselho Executivo  
 Jul/1947 – U Nu assume como novo primeiro ministro  
 Out/1947 – Acordo Nu-Attlee de defesa  
 Jan/1948 – Independência da Birmânia  
 Mar/1948 – PCB se une à insurgência comunista  
 Ago/1948 – Rebeldes Karens controlam o Tenasserim e parte do Delta do Irrawaddy  
 Jan/1949 – Ne Win é nomeado Chefe das Forças Armadas  
 1949 – Revolução Chinesa e expulsão do Kuomintang para a Birmânia e Taiwan  
 1951 – Início das operações encobertas da CIA na Birmânia

### **Lista de siglas**

ABDACOM – Comando Americano Britânico Holandês Australiano  
 AFPFL – Liga Antifascista para a Liberdade do Povo  
 ASEAN – Associação das Nações do Sudeste Asiático  
 BDA – Exército de Defesa da Birmânia  
 BIA – Exército Independente da Birmânia  
 BNA – Exército Nacional da Birmânia  
 BSPP – Partido do Programa Socialista da Birmânia  
 CBI – China-Birmânia-Índia  
 CIA – Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos  
 GCBA – Conselho Geral das Associações Birmanesas  
 KMT – Kuomintang, Partido Nacionalista Chinês  
 KNU – União Nacional Karen  
 LRP – Penetrações de Longo Alcance  
 NLD – Liga Nacional para a Democracia  
 NUF – Front Nacional Unido  
 ONU – Organização das Nações Unidas  
 OSS – Organização de Serviços Estratégicos

PCB – Partido Comunista da Birmânia

PLA – Exército Popular de Libertação

PRP – Partido Revolucionário Popular

PVO – Organização Voluntária Popular

SEAC – Comando do Sudeste Asiático dos Aliados

USDP – Partido da Solidariedade e Desenvolvimento da União

UWSA – Exército Unido do Estado de Wa

YMBA – Associação Budista de Moços